

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS

**REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA E NEGRA
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

SÃO MATEUS

2023

SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS

**REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA E NEGRA
DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Projeto de Mestrado Acadêmico em Ensino na Educação Básica apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Eliane Gonçalves da Costa.

SÃO MATEUS

2023

SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS

**REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA
E NEGRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 30 de junho de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 ELIANE GONCALVES DA COSTA
Data: 24/07/2023 22:24:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Eliane Gonçalves da Costa
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Documento assinado digitalmente
 ZAIRA BOMFANTE DOS SANTOS
Data: 27/07/2023 17:03:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Záira Bomfante dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

Documento assinado digitalmente
 IGOR XIMENES GRACIANO
Data: 01/08/2023 18:46:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano
Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

B242r BARCELOS, SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA, 1993-
REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA
ESCRITA FEMININA E NEGRA DE MARIA FIRMINA DOS
REIS / SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS. -
2023.
147 f.

Orientadora: ELIANE GONÇALVES DA COSTA.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário
Norte do Espírito Santo.

1. EDUCAÇÃO. 2. ESCRITA FEMININA. 3.
LITERATURA BRASILEIRA. 4. ENSINO DO
ROMANTISMO. I. GONÇALVES DA COSTA, ELIANE. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário
Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

AGRADECIMENTOS

Toda a minha gratidão a Deus por essa vitória. Eu pedi força para resolver as coisas que eu pudesse e sabedoria lidar com aquelas que não estivessem ao meu alcance, e todas as vezes Ele me respondeu, por isso eu sou grata.

À minha mãe, *Rosangela Peres de Lima*, a mulher mais forte e inspiradora que eu conheço. Obrigada por me manter em seus pensamentos e orações. A sua força é a minha força e eu sou feita de todo o amor que você me deu.

Ao meu noivo, *Sherman Pereira Rodrigues*, que esteve ao meu lado comemorando cada conquista como se fosse dele e secou cada uma das lágrimas derramadas nos dias mais difíceis. Obrigada por cuidar de mim até quando eu digo que não precisa.

À minha irmã, *Jéssica dos Anjos Lima da Silva*, que me inspira enquanto mulher e me faz querer ser a melhor irmã mais velha para ela sempre.

À minha sogra *Maria Aparecida Pereira Rodrigues*, meu sogro *Paulo Roberto Rodrigues* e minha cunhada *Lorraine Pereira Rodrigues*, que são pura torcida e acolhimento. Vocês não têm meu sangue, mas tem todo o meu coração.

À família que eu escolhi, meus amigos que estiveram do meu lado durante esse período em que conviver comigo incluía meus dias de mal humor e cansaço. *Adyla Pimenta Calegari*, *Luana Peres Marques França*, *Maikon Antônio de Souza França* e *Ravena dos Santos Rodrigues*.

À *Eliane Gonçalves da Costa*, minha orientadora tão querida, que sempre com cuidado e maestria me conduziu e me orientou pelos melhores caminhos. Obrigada por tanto.

À minha companheira de mestrado, *Valquíria Santos*, que esteve ao meu lado durante essa caminhada compartilhando os dias bons e os ruins.

Por fim, sou grata a *Schayanny* adolescente, que um dia teve como maior sonho fazer faculdade. Obrigada por ter acreditado que a educação era o melhor caminho. Ela é.

“Além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra.”

RESUMO

Esta pesquisa investiga a escrita de autoria negra e feminina no fim do século XIX a partir do romance “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis, o primeiro romance escrito por uma mulher e o primeiro romance abolicionista brasileiro, a partir do qual propõe revisitar a escola literária do Romantismo e inserir a discussão para as relações étnico-raciais na literatura, bem como a sua presença no ensino de literatura na segunda série do Ensino Médio. O Romance de Maria Firmina dos Reis possui grande importância histórica e literária, principalmente pela sua temática abolicionista, o que contribui para discussões sobre raça garantidas pela Lei 10.639/03. Para observar a recepção deste romance pelos estudantes da segunda série do Ensino Médio da EEEFM “Ilda Ferreira da Fonseca Martins”, foram realizadas rodas de leitura e discussão da obra, assim como oficinas literárias para que as características da narrativa e dos personagens pudessem ser discutidas. Utilizou-se como referencial teórico o trabalho de Antonio Candido (2000) a fim de entender a formação da Literatura brasileira, bem como investigar a ausência de Maria Firmina dos Reis no cânone literário brasileiro. Ademais, foi feito um estudo da crítica do Romance “Úrsula” para compreender a importância desta obra. Então, a partir da proposta de letramento literário de Cosson (2006), estruturaram-se oficinas literárias para levar o romance para a sala de aula. Os resultados apontam que é possível introduzir o romance de Maria Firmina dos Reis no ensino do Romantismo no Ensino Médio a fim trazer novos olhares para este momento literário a partir dos personagens negros, assim como é possível usar o romance “Úrsula” para compreender e discutir questões de raça da atualidade.

Palavras-chave: Escrita feminina, literatura brasileira, Romantismo, Educação.

ABSTRACT

This research investigates the writing of black female authorship at the end of the 19th century from the novel “Úrsula” by Maria Firmina dos Reis, the first novel written by a woman and the first Brazilian abolitionist novel, from which it proposes to revisit the literary school of Romanticism and insert discussion of ethnic-racial relations in literature, along with their presence in teaching literature in the second year of high school. The Romance by Maria Firmina dos Reis has great historical and literary importance, mainly due to its abolitionist theme which contributes to discussions about race maintained by Law 10.639/03. In order to observe the reception of this novel by EEEFM “Ilda Ferreira da Fonseca Martins” students of the second grade of High School, reading circles and discussion of the work were conducted, as well as literary workshops so that the characteristics of the narrative and of the characters began to be addressed to. The work of Antonio Candido (2000) was used as a theoretical reference in order to understand the formation of Brazilian Literature, as well as to investigate the absence of Maria Firmina dos Reis in the Brazilian literary canon. In addition, a study of the criticism of the novel “Úrsula” was made to understand the importance of this work. So, based upon Cosson's (2006) literary literacy proposal, we structured literary workshops to bring the novel to the classroom. The results indicate that it is possible to introduce the novel by Maria Firmina dos Reis in the teaching of Romanticism in High School in with the purpose of bringing new perspectives to this literary moment from the black characters, as well as it is possible to use the novel “Úrsula” to understand and discuss issues related to race nowadays.

Keywords: Female writing, Brazilian literature, Romanticism, Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Mapa com os limites territoriais de São Gabriel da Palha-ES	13
Imagem 2 – População residente por cor ou raça	14
Imagem 3 – Hábitos de ler livros	96
Imagem 4 – O quanto gostam de ler livros	97
Imagem 5 – Preferência de leitura	97
Imagem 6 – Acesso à biblioteca na escola	98
Imagem 7 – Hábito de comprar livros	98
Imagem 8 – Consideram importante ter acesso a livros na escola	99
Imagem 9 – Preta Susana	105
Imagem 10 – Túlio	106
Imagem 11 - Antero	107
Imagem 12 – Fanfic Tancredo e Úrsula	109
Imagem 13 – Fanfic Tudo pelo amor	110
Imagem 14 – Fanfic Túlio o grande herói	112
Imagem 15 – Fanfic A mudança de Túlio	113
Imagem 16 – Fanfic O final feliz de Antero	114
Imagem 17 – Fanfic O fim de Antero	115
Imagem 18 – Fanfic Antero – Caos/Flor***	117
Imagem 19 – Taxa de assassinato cresce para negros e cai para brancos.....	122
Imagem 20 – Negros representam 70% do grupo abaixo da linha da pobreza	122
Imagem 21 – 63% das mulheres negras já passaram por situações de discriminação em processos seletivos	123
Imagem 22 – Negros representam 78% de pessoas mortas por arma de fogo no Brasil	123
Imagem 23 – 71,7% dos jovens fora da escola são negros, e apenas 27,3% destes são brancos	124
Imagem 24 – Mural produzido pela turma 2ª M02 e afixado no refeitório da escola .	124

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCNEM	Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio
EM	Ensino Médio
ERER	Educação paras as Relações Étnico-Raciais
INEP	Instituto Nacional e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e da Cultura
PNE	Plano Nacional de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
SEDU	Secretaria Estadual de Educação

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
INTRODUÇÃO.....	16
1 LITERATURA BRASILEIRA EM FORMAÇÃO: O ROMANTISMO	22
1.1 O GÊNERO ROMANCE.....	29
1.2 A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA.....	34
2 A LITERATURA BRASILEIRA E A AUSÊNCIA DA ESCRITA FEMINA.....	41
2.1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: ALGUNS SEQUESTROS.....	43
2.2 SE O BARROCO FOI SEQUESTRADO, A ESCRITA FEMININA TAMBÉM	53
2.3 UMA MARANHENSE	63
3 MARIA FIRMINA DOS REIS E A CRÍTICA DE ÚRSULA	69
3.1 A ESCRITA ABOLICIONISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	71
3.2. A CRÍTICA AO ROMANCE ÚRSULA.....	80
4 MARIA FIRMINA DOS REIS E O ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO.....	83
4.1 A PRESENÇA DE MARIA FIRMINA DOS REIS NO ENSINO MÉDIO	84
4.2 REPENSANDO O ENSINO DO ROMANTISMO A PARTIR DE ÚRSULA	88
5 A INTRODUÇÃO DA ESCRITA FEMININA NA SALA DE AULA: AS IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES	91
5.1 O ROMANCE ÚRSULA E AS OFICINAS LITERÁRIAS.....	91
5.2 ANÁLISE DAS OFICINAS LITERÁRIAS E AS IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES	96
5.2.1 Questionário sobre os hábitos de leitura dos estudantes.....	96
5.2.2 Apresentando Maria Firmina dos Reis	101
5.2.3 História compartilhada.....	102
5.2.4 Perfis de personagens.....	104
5.2.5 Reinventando finais	108

5.2.6 Tu! Tu livre?	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS.....	127
APÊNDICES	1311
APÊNDICE A.....	132
APÊNDICE B.....	134
ANEXOS.....	135
ANEXO A.....	137
ANEXO B.....	141
ANEXO C.....	143
ANEXO D.....	144

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho do professor é naturalmente investigativo, pois recorrentemente a sala de aula leva a lugares ainda desconhecidos. Por mais que o docente tenha planejado minuciosamente a sua aula e conheça todos os detalhes do que está ensinando, a experiência em cada turma é única e ali novos contornos do conteúdo da aula surgirão e, muitas vezes, levarão o professor de volta ao estudo.

Ao ensinar as características, principais autores e obras do Romantismo brasileiro ao longo dos cinco anos em que atuo na Educação Básica, mais especificamente na segunda série do Ensino Médio (EM), novas questões surgiam em cada turma em que eu entrava e foi uma dessas que me trouxe a esta pesquisa.

Em 2020, pouco antes da pausa no ensino presencial devido à pandemia do Covid-19, ao explicar os principais aspectos do Romantismo brasileiro a uma turma, fui questionada sobre por que só estudamos autores homens na escola. A aluna que me fez essa pergunta, desde a sua entrada no EM havia estudado o Trovadorismo e o Classicismo português, o Quinhentismo, o Barroco e o Arcadismo brasileiro, e de acordo com o material escolar, só nomes masculinos estavam presentes nesses momentos literários.

Então, mais uma vez só a autoria masculina aparecia na aula de literatura quando eu falava à turma sobre o Romantismo. Ao longo da minha própria formação, quando se falava em primeira autoria feminina na literatura brasileira era o nome de Rachel de Queiroz que surgia. E então, a pergunta que foi colocada em mim pela aluna da segunda série me levou novamente ao ciclo de estudar para ensinar que cabe a todo professor.

E foi neste momento que me encontrei com a escrita de Maria Firmina dos Reis, que foi autora do primeiro romance abolicionista brasileiro, escrito e publicado no Maranhão no auge do Romantismo no Brasil. Além disso, a principal obra desta maranhense, o romance *Úrsula*, possui grande importância histórica por seu viés abolicionista e pela existência de personagens negros, que pela primeira vez na literatura brasileira, contribuem para a trama ao mesmo tempo que questionam sua condição de cativo.

convertidos percentualmente mostram que 49,51% do gabrielenses se auto declaram brancos, 3,57% pretos, 46,62% pardos, 0,23% amarelos e 0,05% indígenas. Esses dados nos mostram que esta é uma cidade diversa quanto à raça.

Imagem 2 - População de residente por cor ou raça

Tabela 1079 – Pessoas com 5 anos ou mais de idade, total e as alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação de domicílio e a idade								
Variável – Pessoas de 5 anos ou mais de idade (Pessoas)								
Idade – Total								
Ano - 2010								
Alfabetização - Total								
Brasil, Unidade da Federação e Município	Situação do domicílio	Cor ou raça						
		Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem Declaração
Brasil	Total	176.959.641	84.350.460	13.862.003	1.964.332	76.059.695	716.768	6.383
	Urbana	149.624.656	74.389.864	11.891.156	1.703.548	61.339.554	295.425	5.109
	Rural	27.334.985	9.960.596	1.970.847	260.784	14.720.141	421.343	1.274
Espírito Santo	Total	3.270.511	1.377.308	281.318	20.521	1.582.754	8.584	26
	Urbana	2.727.966	1.113.584	241.922	18.290	1.348.031	6.113	26
	Rural	542.545	263.724	39.396	2.231	234.723	2.471	-
São Gabriel da Palha (ES)	Total	29.781	14.746	1.065	71	13.884	15	-
	Urbana	22.691	10.638	913	60	11.071	9	-
	Rural	7.090	4.108	152	11	2.813	6	-
Fonte IBGE – Censo Demográfico								
Notas								
1 – Dados do Universo								

Fonte: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1379#resultado>

A escola escolhida para a pesquisa foi a EEEFM “Ilda Ferreira da Fonseca Martin”, uma escola urbana de ensino regular, que conforme apontam os dados do censo escolar, em 2021 contou com 1.293 matrículas dividida em três turnos (matutino, vespertino e noturno) e três modalidades de ensino (Ensino Fundamental – anos finais, Ensino Médio e Educação de jovens e adultos).

A turma na qual foi realizada a pesquisa foi a 2ª M02, uma das duas turmas de segunda série do turno matutino da escola. Apesar de trabalhar na instituição desde 2019, eu não conhecia pessoalmente os estudantes desta turma, pois a única vez que lecionei nesta turma foi de modo remoto em uma disciplina eletiva de produção textual no ano anterior. No entanto, desde o início do ano letivo de 2021 estes estudantes me chamaram a atenção devido a sua proatividade nas atividades que realizamos dentro ou fora da sala de aula.

Na aplicação da primeira oficina, haviam nessa turma 28 matrículas, no entanto a partir da segunda oficina, após uma transferência, a turma contou com 27 matrículas. Ademais, duas estudantes não participavam presencialmente das aulas por questões médicas. Então, participaram da pesquisa 25 estudantes que, assim como a população total de São Gabriel da Palha eram diversos no quesito raça, no entanto

majoritariamente pardos e pretos quando somados entre si. De acordo com a auto declaração feita no ato da matrícula, na 2ª M02 havia 10 estudantes brancos (40%), 12 pardos (48%), 1 preto (4%) e 2 estudantes não quiseram se auto declarar (8%). Cabe mencionar ainda que dos estudantes participantes na pesquisa 16 são do sexo feminino (64%) e 9 do sexo masculino (36%).

Na sala de aula, a pesquisa se desenvolveu a partir de oficinas literárias. Nestas atividades, os estudantes puderam entrar em contato com o romance escrito e publicado por Maria Firmina dos Reis em 1856 e, a partir disso, foram desenvolvidas discussões relacionadas com a temática abolicionista da obra. Nas oficinas literárias, os alunos também tiveram a oportunidade de, a partir de uma escrita criativa de fanfics, expandir o universo criado por Maria Firmina dos Reis ao criar novas narrativas atreladas à obra original.

Além disso, com base no contexto racial sobre o qual o romance *Úrsula* é construído foi possível criar junto aos estudantes uma discussão sobre o preconceito racial que ainda hoje se faz muito presente na sociedade brasileira. E, devido a isso, a discussão que Maria Firmina dos Reis trouxe no século XIX sobre a diferença feita entre as pessoas pela cor da pele, foi o alicerce da oficina que discutia a desigualdade racial que ainda é uma de nossas mazelas sociais.

Sendo assim, este trabalho se divide em duas partes igualmente importantes. Primeiramente a pesquisa bibliográfica, que buscou investigar como se forma a literatura brasileira e, portanto, entender como a escrita feminina de Maria Firmina dos Reis, assim como tantas outras escritas femininas, foi mantida fora do cânone. E em seguida, uma pesquisa participante na qual as oficinas literárias realizadas na sala de aula puderam contribuir para constatar como o romance desta maranhense pode ser um importante instrumento para discutir questões raciais, sejam elas atuais ou do período escravista em que a obra foi escrita.

INTRODUÇÃO

É inerente ao ser humano o desejo de conhecer e aprender. Também é essência humana buscar uma fuga da realidade a partir de algo que lhe proporcione entretenimento. A leitura e a literatura contribuem para estes dois processos, pois ao mesmo tempo que pode ser fonte de aprendizado e conhecimento também pode ser um instrumento de fuga da realidade a partir dos diversos mundos que as páginas de um livro podem proporcionar.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, assinada por inúmeras nações do mundo em 1948 a fim de proteger e garantir a dignidade da pessoa, estabelece no 27º artigo o direito ao acesso às artes “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes[...] (ONU, 1948). O que denota que ter acesso a cultura, a arte e, neste caso, a literatura, é indispensável para uma vida digna.

Nesse sentido, cabe mencionar a discussão trazida por Candido (2004) sobre o acesso à literatura como um direito humano. Já que este para o autor, este é um bem incompreensível, ou seja, um bem sem o qual não é possível viver.

Para Candido (2004a, p. 176) a literatura, de uma maneira ampla, pode ser entendida como qualquer estágio de confabulação, seja ele ouvir uma música, ver uma novela, compartilhar um conto oral ou ler um livro. Sendo assim, não é possível que uma pessoa tenha uma vida plena sem que entre em algum estado de fabulação em algum momento do seu dia.

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. (CANDIDO, 2004a, 176/177)

Por essa razão, todas as pessoas devem ter o direito de acessar a literatura, em uma das suas amplas faces, garantido por sua nação. Uma vez que a literatura educa, ensina e, além disso, proporciona entretenimento, a escola deve contribuir na garantia deste direito que pode ser compreendido no artigo 27º da Declaração dos Direitos humanos.

Para Cosson (2020) dentro da escola a literatura deve ser tratada como um legado que deve ser passado entre as gerações de estudantes, e essa visão de literatura como um legado “confere aos textos literários um lugar proeminente na formação escolar, sobretudo no horizonte da educação humanística” (COSSON, 2020, p.23). E por essa razão é função da escola, como guardiã deste tesouro “guardar, organizar, reverenciar e transmitir” (COSSON, 2020, p. 29).

Sobre esse aspecto, Antonio Cândido (2004a) também fala que a literatura pode contribuir para essa educação humanística. De acordo com Candido:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 2004a, p.175)

E por esta razão é que a literatura está presente no currículo do Ensino Médio, pois é um meio fundamental de ensino. Ademais, a literatura é um instrumento que pode ser usado para a discussão social, começando dentro da escola, uma vez que as temáticas sociais trazidas nas obras literárias contribuem para o ensino. De acordo com Candido (2004a, p. 175) a literatura abre espaço para que o diálogo possa acontecer.

Ao pensar na divulgação e no incentivo à literatura, principalmente no que se trata da escola, é importante lembrar qual é o espaço que a Literatura afro-brasileira ocupa nesta discussão. Por esta razão, cabe discutir também como a Lei 10.639/03, que altera a Lei 9.394/96 para incluir a obrigatoriedade de trazer a cultura e história afro-brasileira para o espaço escolar, também pode ser pensada no incentivo à literatura afro-brasileira.

De acordo com o Art. 26-A da Lei 10.639/03:

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003)

Ao levar em consideração o segundo inciso do artigo 26-A, é possível perceber a importância da Literatura para a implementação da história e cultura afro-brasileira nas escolas. E por este motivo é necessário pensar em como isso tem sido feito nas escolas desde a sanção da Lei. Relacionado a isso, cabe destacar o Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE) que até 2014 se destinava a incluir nas bibliotecas das escolas públicas brasileiras obras que referenciavam a diversidade, inclusão e cidadania.

Por esta razão, a Literatura tornou-se um importante instrumento para tratar as questões relacionadas às relações étnico-raciais. Como anteriormente citado, Cândido (2004) defende a Literatura como um importante método de ensino e de análise de mundo, por esta razão é que ela é tão presente nos currículos escolares. A literatura tem o poder de instruir, ensinar, advertir e levantar importantes questões sociais.

A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, do qual é a imagem e transfiguração. Isto não significa que ela tem um papel formador de personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO, p.175-176, 2004a)

Sendo assim, é possível perceber o poder que a literatura tem de proporcionar o crescimento do pensamento crítico nos estudantes. Por esta razão, é importante usá-la a literatura como veículo para a discussão da inclusão e da diversidade na escola, indo de encontro com os objetivos estabelecidos pela Lei 10.639/03.

Neste sentido, cabe à escola apresentar obras escritas por pessoas negras e que falem sobre a cultura afro-brasileira, para que assim a discussão em torno destas obras possa criar um relacionamento entre os estudantes e a história e cultura afro-brasileira.

Neste sentido, vale lembrar da obra de Maria Firmina dos Reis, que foi a autora do primeiro romance abolicionista brasileiro. Em “Úrsula”, Maria Firmina traz um retrato do Brasil escravista e patriarcal do século XIX. Além de apresentar um enredo tipicamente romântico, a autora constrói um marco das dores do povo africano e afro-brasileiro que vivia no Maranhão naquele período.

É possível entender que este romance de Maria Firmina dos Reis pode ser um importante instrumento para discutir a história e cultura afro-brasileira conforme propõe a Lei 10.639/03. Contudo, esta obra ainda não é contemplada pelo currículo do Ensino Médio, assim como tantas outras que tratam de questões que se mostram cada vez mais importantes para a formação dos estudantes da Educação Básica. E isso se dá, principalmente, por que a escrita de Maria Firmina dos Reis não é contemplada pelo cânone literário brasileiro.

Importantes historiografias literárias, como a Formação da Literatura Brasileira de Antônio Candido, não contemplam a obra de muitas escritoras do século XIX, dentre elas, Maria Firmina dos Reis. Candido (2000b, p.24) fala sobre a diferença entre sistema literário e manifestações literárias. Então, em uma visão diacrônica, que leva em consideração as contribuições de uma obra no período em que foi publicada, entende que uma obra é relevante caso tenha contribuído para a continuidade do sistema literário.

Neste sentido, há uma tradição que uma obra deve seguir para ser considerada literatura e, para Candido (2000b, p. 24), não há literatura sem esta tradição. Enquanto isso, quando não há uma representação de um sistema, mesmo que não desconsidere o valor individual da obra, Candido (2000b, p.24) a entende como uma manifestação literária. Ou seja, uma obra isolada que não contribui com o cânone.

No entanto, muitas escritas femininas não puderam contribuir com o cânone no período em que surgiram. No início do século XIX, durante o período do Romantismo brasileiro, o papel reservado à mulher era o de esposa, mãe e cuidadora do lar. No Brasil, a literatura era um ambiente pensado e construído por homens e a presença feminina nas obras estava reservada ao arquétipo da donzela dos romances ou das musas divinas que inspiravam as poesias.

Apesar de ser um grande público consumidor de literatura nesse período, sobretudo da prosa, as publicações femininas não eram bem vindas. Por esta razão, quando uma mulher publicava havia a necessidade de preservar sua identidade com um pseudônimo, como fez Maria Firmina dos Reis.

Firmina assinou seu romance de estreia como “Uma maranhense”, observado, assim, os preceitos da invisibilidade feminina que regiam a etiqueta literária do período. Seguindo essa regra, logo de início ela se desculpava da insolência de se tornar autora, relacionando um sem-número de falhas e defeitos que existiam em sua obra. (MACHADO, 2018, p.17-18)

Neste contexto, Maria Firmina dos Reis, uma mulher maranhense, negra e professora de primeiras letras escreve e publica o romance romântico *Úrsula* em 1856 sob o pseudônimo “uma maranhense”, no qual abre diversas discussões indiretas sobre a vulnerabilidade e submissão da mulher do século XIX e sobre a crueldade da escravidão, que neste período ainda se fazia vigente no Brasil.

Portanto, *Úrsula* se mostra uma importante interpretação tanto da real condição da mulher naquele período, tendo em vista que foi escrito por uma mulher, quanto da condição das pessoas negras escravizadas no país, levando em consideração que a própria autora era uma pessoa negra, que mesmo não sendo escravizada trazia de suas convivências a real dor que a escravidão podia proporcionar.

Por essa razão, o romance de Maria Firmina dos Reis se destaca, não somente por ser o primeiro romance abolicionista brasileiro e um dos primeiros romances a ser escrito por uma mulher neste país, mas também pelo modo único como lança o seu olhar para o negro escravizado no Brasil naquele século. Devido a isso, o romance de Maria Firmina dos Reis cabe na sala de aula como um importante aliado no ensino do Romantismo, bem como um representante da literatura afro-brasileira que se propõe a discutir a condição do negro escravizado no século XIX, contribuindo, desta forma, na efetivação da Lei 10.639/03 que garante a inclusão de obras afro-brasileiras no ensino de literatura no Ensino Médio.

Buscando tratar das questões expostas, iremos analisar neste estudo o romance de Maria Firmina dos Reis: *Úrsula* (2018). E, a fim de entender as razões que afastam esta obra do cânone, também será analisada a *Formação da Literatura Brasileira* de Antonio Candido (2000), na qual o autor apresenta a sua visão diacrônica do processo formativo da literatura.

Como contraponto é trazida o questionamento de Haroldo de Campos à formação da literatura brasileira proposta por Candido, uma vez que Haroldo de Campos na publicação *A arte no horizonte do provável* (1969) entende a necessidade do olhar sincrônico para a literatura. A pesquisa também contou com a análise bibliográfica da vida e obra de Maria Firmina dos Reis, que contou com os estudos de Zahide Lupinacci Muzart em *Escritoras Brasileiras do século XIX* (2000) e do prefácio escrito para *Úrsula* por Maria Helena Pereira Toledo Machado (2018).

No âmbito prático da pesquisa, foram realizadas as oficinas literárias em uma turma da segunda série do Ensino Médio, nas quais os estudantes tiveram contato com o romance de Maria Firmina a fim de analisá-lo e expor pensamentos a respeito da temática racial presente na obra que puderam ser discutidos com a turma. De acordo com a metodologia de letramento literário proposta por Cosson (2014).

A partir das oficinas, foi possível desenvolver a escrita criativa de fanfics do romance Úrsula. Uma vez que a fanfic é um gênero textual muito comum no ambiente virtual que tem como objetivo criar novos contornos e novos finais dentro do universo de uma obra literária já existente, os estudantes tiveram então, a liberdade de criar novas ramificações do romance.

Diante do exposto, o trabalho desenvolvido com os estudantes a partir do estudo e análise do romance de Maria Firmina dos Reis pode contribuir para o aprendizado de novos elementos relacionados ao Romantismo, bem como pode proporcionar o acesso dos estudantes à literatura afro-brasileira, conforme garante a Lei 10.639/03.

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral **investigar a escrita de autoria negra e feminina no fim do século XIX a partir do romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis, propondo revisitar o Romantismo brasileiro e inserir a discussão para as relações étnico-raciais no ensino de literatura no Ensino Médio.**

Para alcançar tal feito, foram construídos caminhos a partir dos seguintes objetivos específicos: analisar a produção literária de Maria Firmina dos Reis, investigar os motivos que apagam a produção desta autora do cânone literário, buscar a presença de Maria Firmina na escola a partir da análise dos principais livros didáticos da segunda série do EM, propor um novo olhar para o Romantismo brasileiro a partir da desta escrita feminina, introduzir o romance Úrsula na sala de aula para que os estudantes possam analisá-lo e discutir as questões raciais por ele proposta e usar este romance como base para o desenvolvimento de oficinas literárias que proporcionem a investigação, o protagonismo dos estudantes e a escrita criativa.

Para alcançar os objetivos acima mencionados, foi feito um diálogo com Antônio Candido(2000b), Haroldo de Campos (1969) e Cosson (2006). Os quais deram

suporte para o entendimento do ensino de literatura no Ensino Médio, bem como para as discussões para as relações étnico-raciais.

Esta pesquisa se configura como participante e de cunho qualitativo, uma vez que foi dado o protagonismo à recepção dos estudantes para a obra literária *Úrsula* (1856) de Maria Firmina dos Reis, bem como os diálogos e produções que foram proporcionados a partir deste romance.

Na *pesquisa participante* sempre importa conhecer para formar pessoas populares motivadas a transformar os cenários sociais de suas próprias vidas e destinos, e não apenas para resolverem alguns problemas locais restritos e isolados, ainda que o propósito mais imediato da ação social associada à pesquisa participante seja local e específico. A ideia de que somente se conhece o que se transforma é inúmeras vezes evocada até hoje (BRANDÃO, 2007, p.7).

O envolvimento como professora e pesquisadora possibilitou a observação das ações da pesquisa no cotidiano escolar. A presença do pesquisador não desaparece, no entanto contribui na construção do conhecimento e desenvolvimento da pesquisa. De acordo com Brandão (1999, p.43) a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo (autoconfiante) a partir das bases e uma relativa independência do exterior". A partir disso, o estudante em parceria com o pesquisador, contribui para o conhecimento produzido na pesquisa.

A metodologia da pesquisa participante se deu por meio das oficinas literárias realizadas pela turma com base na proposta de letramento literário de Rildo Cosson (2004), na qual os estudantes puderam, a partir da escrita criativa, leitura e diálogo, contribuir com as suas percepções acerca do texto literário.

Em um primeiro momento foram feitas conversas com os estudantes sobre quem foi Maria Firmina dos Reis e sobre a importância da sua obra como uma literatura abolicionista. Em seguida, foi entregue aos estudantes cópias do romance *Úrsula* para que pudessem fazer a leitura, para isso os estudantes tiveram cerca de 30 dias. No momento seguinte, em uma roda os estudantes puderam compartilhar a leitura do romance com toda a turma.

A seguir, os estudantes puderam entender o perfil dos personagens negros da obra, tanto em seus aspectos físicos, quanto psicológicos. A partir da percepção dos estudantes dos personagens é possível perceber se os mesmos conseguem chegar ao entendimento do viés abolicionista de *Úrsula*.

A partir do conceito da fanfic, que é uma escrita criativa feita pelo leitor a partir de uma obra literária já existente, foi pensada a oficina “Reinventando Finais”, na qual os estudantes puderam criar novos finais, ou seja, fanfics, do romance Úrsula. Na próxima fase, foi trazido para uma roda de leitura o capítulo “Preta Susana”, que narra a trajetória da africana livre que foi subjugada pela escravidão.

A fim de responder as questões desta pesquisa e refletir sobre a temática apresentada, este trabalho se divide em quatro capítulos. O capítulo, intitulado “A formação da Literatura brasileira: o Romantismo” buscou entender como se deu o processo de formação da literatura brasileira, com um olhar especial para o Romantismo.

Ao entender que no processo de formação do cânone literário brasileiro a escrita feminina do século XIX é recorrentemente excluída, o segundo capítulo chamado de “A Literatura Brasileira e a ausência da escrita feminina” discute a ausência da mulher na historiografia literária ao mesmo tempo que apresenta Maria Firmina dos Reis e sua importante escrita.

Nesse sentido, o terceiro capítulo, “Maria Firmina dos Reis e a crítica de Úrsula” investiga a visão da crítica a respeito do romance Úrsula, tanto na época de sua escrita como atualmente. A partir do olhar da crítica atual para este romance, foi possível compreender a importância da obra.

Uma vez que foi entendida a importância do romance Úrsula, no quarto capítulo “Maria Firmina dos Reis e o ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio”, buscamos propor novas características à escola literária em questão, para que as discussões trazidas pela obra de Maria Firmina tenham relevância no contexto geral do movimento. Foi pensado também em como a presença do romance Úrsula na escola se relaciona com as propostas da Lei 10.639/03.

Por fim, no quinto capítulo, “Introdução de Úrsula na sala de aula: as impressões dos estudantes” realizamos oficinas literárias de leitura e interpretação da obra pelos estudantes para que houvesse a discussão sobre gênero e raça que o romance Úrsula oportuniza. As oficinas também contaram com produções como a escrita criativa de fanfics a fim de proporcionar o protagonismo estudantil.

1 LITERATURA BRASILEIRA EM FORMAÇÃO: O ROMANTISMO

Surgido no século XIX em meio a grandes movimentações que prometiam um novo mundo, como a revolução francesa e a ascensão da burguesia na Europa, no Brasil o Romantismo culmina na busca pela criação de uma literatura que de fato representasse este país.

Anteriormente, o Arcadismo buscara um aprimoramento estético a fim introduzir à produção literária brasileira o rebuscamento europeu. No entanto, as produções árcades, apesar de empenhadas, ainda apresentam a temática relacionada aos clássicos da Europa, por isso este período literário também é chamado de neoclassicismo. Em contrapartida, o Romantismo, mesmo com sua origem europeia, quando trazido ao Brasil contará com temáticas nacionais e, por essa razão, é considerado o primeiro momento literário, de fato, brasileiro. De acordo com Candido (2000b, p.11) “graças ao Romantismo a nossa literatura pode se adequar ao presente”.

Citando Paul Valéry, Bosi (2017, p. 95) fala que “seria necessário ter perdido todo espírito de rigor para querer definir o Romantismo” e, de fato, definir o Romantismo seria uma tarefa ingrata, mas cabe analisá-lo a fim de compreender as suas nuances.

O século XIX foi um período de grandes mudanças políticas, sociais e culturais para o Brasil. No início deste século, de acordo com Candido (2004b, p.7) o Brasil era uma colônia portuguesa atrasada, e Portugal, por sua vez, também era uma nação atrasada quando comparada às demais nações europeias. Não havia Universidades, nem tipografias, o que fazia da imprensa quase inexistente no Brasil. O país carecia de bibliotecas ou centros culturais como teatros. Mas, de acordo com Candido, ainda assim os brasileiros presavam pela apreciação cultural de que dispunham, como foi o caso dos Árcades.

No Brasil não havia universidades, nem tipografias, nem periódicos. Além da primária, a instrução limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos de secundário, as bibliotecas eram poucas e limitadas a conventos, o teatro era paupérrimo, e muito fraco o intercâmbio entre os núcleos povoados do país, sendo difícil a entrada de livros. (CANDIDO, 2004b, P.8)

É com a chegada da família real portuguesa para o Brasil em 1808, entretanto, que grandes mudanças culturais começam a acontecer no país, entre elas a permissão para a instalação de tipografias, que concederam a impressão dos primeiros livros. A criação de uma grande biblioteca pública, a qual contava com diversos livros

estrangeiros e o surgimento da imprensa marcado pela criação do primeiro jornal o *Correio brasiliense*. De acordo com Candido, “do ponto de vista cultural, a presença do governo português no Brasil foi um marco histórico transformador, a partir do Rio de Janeiro, que se tornou definitivamente o centro do país e foco de irradiação intelectual e artística” (CANDIDO, 2004b, p.10)

Um outro fato importante que marca o início do século, e que muda os rumos políticos, sociais e culturais do Brasil é a proclamação da independência em 1822, que Candido (2004) descreve da seguinte forma:

De fato, tornando-se sede da Monarquia o Brasil não apenas teve a sua unidade garantida, mas começou a viver um processo de independência virtual, tornando-se efetiva em 1822 depois que o soberano voltou a Lisboa por exigência dos seus súditos portugueses. Em 1816 o país fora elevado à categoria de Reino Unido e, em 1821, ao se retirar, o Rei d. João VI (que sucedera à mãe, morta em 1816) deixou como regente o filho mais velho, herdeiro do trono, aconselhando-o que caso a independência se tornasse inevitável ele próprio a fizesse e governasse o Brasil. Foi o que fez o príncipe, proclamando a separação e sendo aclamado Imperador sob o nome de Pedro I, numa solução conciliatória que permitiu às classes dominantes manter a posição e vantagens, sem resolver os problemas das classes dominadas, o maior dos quais era a escravidão dos negros, abolida apenas em 1889. (CANDIDO, 2004b, p. 10)

Este fato específico influenciou diretamente o Romantismo brasileiro, principalmente a primeira geração que traz como uma missão a exaltação da pátria e a criação de uma literatura, que assim como o Brasil, também seja independente de Portugal. No entanto, antes de falar sobre como a literatura nacionalista romântica do Brasil se formou, é necessário entender como o romantismo chega a este país.

Havia em Paris, no início deste mesmo século, um grupo de jovens homens brasileiros que tinha saído de seu país natal para estudar, pois como falado anteriormente, no Brasil não havia universidades, portanto era comum que rapazes de posses fossem para a Europa concluir seus estudos. Este grupo, que estava em Paris, liderado por Domingos José Gonçalves de Magalhães e composto também por Manuel de Araújo Porto Alegre, Francisco de Sales Torres Homem, João Manuel Pereira da Silva e Cândido de Azeredo Coutinho foi responsável pela criação e publicação da revista *Niterói, Revista Brasiliense de Ciências, d Letras e Artes*, em 1936 e de acordo com Candido (2000b, p. 13) o líder desses jovens, Magalhães, tinha a “intenção de definir uma literatura nova no Brasil, que fosse no plano da arte o que fora a Independência na vida política e social.”(CANDIDO, 2000b, p.13)

Esta publicação contava com estudos relacionados à música, química, direito, astronomia e, é claro, literatura. De acordo com Candido (2000b, p. 14) “os estudos críticos de Magalhães e Pereira da Silva estabeleceram o ponto de partida para a teoria do Nacionalismo literário”. Ademais, Gonçalves de Magalhães, já se perguntava se o Brasil poderia ter uma poesia própria. E então, no segundo volume da revista Niterói, encontra-se o que seria, de acordo com Candido (2000b, p.14), o primeiro poema romântico da literatura brasileira:

Encontra-se no número 2 da mesma revista, numa pequena nota de Porto-Alegre à sua “Voz da Natureza”, talvez o primeiro poema decididamente romântico publicado em nossa literatura, pequena e singela nota, onde entusiasta de Garrett encerra todas as aspirações da nova escola e definia a sua separação da literatura anterior. (CANDIDO, 2000b, p.14)

Aliado ao sentimento de renovação da literatura brasileira, e uma busca por algo que se afastasse do colonizador, as primeiras criações do romantismo brasileiro obtiveram morada segura no momento político pelo qual o país passava, já que por aqui crescia o sentimento de rejeição a tudo que vinha da Europa, principalmente de Portugal. Enquanto isso, o sentimento nacionalista estava em uma constante crescente. A publicação do livro *Suspiros Poéticos e Saudades*, em 1836 por Gonçalves de Magalhães marca o início factual do Romantismo no Brasil. Bosi fala sobre a importância histórica desta publicação:

A relevância histórica reside no fato de Magalhães não ter operado sozinho como imitador de Lamartine e Mazoli, mas ter produzido junto a um grupo, visando a uma reforma da literatura brasileira. Fundando em Paris a Niterói, revista brasiliense (1836) com seus amigos Porto Alegre, Sales Torres Homem e Pereira da Silva, o autor de *Suspiros Poéticos* promoveu de modo sistemático os seus ideais românticos (nacionalismo mais religiosidade) e o repúdio aos padrões clássicos externos, no caso o emprego da mitologia pagã. (BOSI, 2017, p. 103)

O Romantismo brasileiro é tradicionalmente dividido em três momentos, chamados de gerações. A primeira, chamada de geração Indianista ou Nacionalista, a segunda, chamada de geração Mal-do-século e a terceira, chamada de geração Condoreira. A primeira geração do Romantismo brasileiro que conta como marco inicial a publicação já mencionada de Gonçalves de Magalhães é chamada de Indianista ou Nacionalista devido às suas principais temáticas: o nacionalismo, a religiosidade e o indianismo.

Como dito anteriormente, a constante exaltação da pátria presente neste primeiro ponto do romantismo brasileiro acontece devido ao momento que o país vivia, já que a independência política de Portugal inspira também uma independência artística que já era almejada pelos brasileiros. De acordo com Candido:

Um elemento importante nos anos 1820 e 1830 foi o desejo da autonomia literária, tornando mais vivo depois da Independência. Então, o Romantismo apareceu aos poucos com o caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada como tradição clássica. Assim surgiu algo novo: a noção de que no Brasil havia uma produção literária com características próprias, que agora seria definida e descrita como justificativa de reivindicação de autonomia espiritual. (CANDIDO, 2004b, p.19)

Aliada ao nacionalismo estava a religião, que contribuía com a aversão às temáticas pagãs da literatura clássica. De acordo com Candido (2000b, p. 17) todos os poetas românticos traziam um viés religioso para sua obra, embora os da primeira geração apresentassem esta temática mais abertamente. Gonçalves de Magalhães ainda na revista Niterói publica o ensaio *Filosofia e Religião* em que traz a religião com o seu papel indispensável na literatura¹. No entanto, de acordo com Candido, foi a religião como um lugar de afetividade que se tornou característica da primeira geração de românticos brasileiros:

Mas foi a segunda modalidade que dominou: religião concebida como posição afetiva, abertura da sensibilidade para o mundo e as coisas através de um espiritualismo mais ou menos indefinido que é propriamente a religiosidade, tão característica do Romantismo e já encontrada por nós no 1º volume. Assim a vemos tanto num meticuloso devoto, como Magalhães, quanto num céptico irreverente, como Bernardo Guimarães. O espiritualismo era um pressuposto da escola, e todos pagavam seu tributo. (CANDIDO, 2000b, p. 17)

Entretanto, nenhuma das características do Romantismo é tão expressiva quanto o indianismo, que rompeu a bolha da poesia e se tornou ponto alto da prosa romântica. A narrativa centrada num personagem indígena não aparece pela primeira vez no Romantismo, muito antes dos românticos, Santa Rita Durão trazia à luz a epopeia *O Caramuru* e Basílio da Gama com o *Uruguai* também expandia esta temática². No entanto, é no Romantismo, principalmente pela grande popularidade da prosa, que o indianismo ganha o gosto popular e, portanto, marca esta escola literária.

Nesse sentido, Candido (2004b, p.19) cita Ferdinand Denis que estudou por muito tempo a relação do Brasil com sua literatura, e então criou a teoria de que este país deveria ter uma literatura peculiar devido à sua “fisionomia geográfica, étnica, social e histórica” (CANDIDO, 2004b, p.19) e que para isso seria necessário “concentrar-se na descrição de sua natureza e costumes, dando realce ao índio, o habitante primitivo e por isso mais autêntico”, segundo Denis (apud CANDIDO, 2004b, p.20).

1 Gonçalves de Magalhães “Filosofia e religião” reproduzido em *Ospúsculos Históricos e Literários*, págs.273-304. Apud CANDIDO, 2000, p.17.

2 *O Caramuru* publicado em 1781 e *O Uruguai* publicado em 1769.

Contudo, o índio do Romantismo brasileiro não condiz com a real população indígena do século XIX. Candido (2000b, p. 19) fala sobre como coube à Gonçalves de Magalhães os primeiros passos para a criação do arquétipo indígena que seria visto na literatura romântica, que tinha um “lado do cavaleiro medieval”, que de acordo com Candido (2000b, p.19) era uma visão deformada pela imaginação do autor, que por sua vez “conferiu ao Romantismo”. De acordo com Cândido, quanto ao índio:

O indianismo dos românticos, porém, preocupou-se sobremaneira em equipará-lo qualitativamente ao conquistador, realçando ou inventando aspectos do seu comportamento que pudessem fazê-lo ombrear com este – no cavalheirismo, na generosidade, na poesia. (CANDIDO, 2000b, p.19)

Para estes românticos, o culto a um herói nacional ligado ao passado histórico do Brasil era uma maneira de reafirmar este lugar como uma pátria independente. Contudo, ainda o faziam criando histórias e personagens, mesmo com a destreza e habilidade em meio a natureza similares a dos indígenas brasileiros, que ainda na maior parte de suas características era à “maneira da Idade Média”. De acordo com Cândido:

A altivez, o culto da vindita, a destreza bélica, a generosidade, encontravam algumas ressonâncias nos costumes aborígenes, como os descreveram cronistas nem sempre capazes de observar fora dos padrões europeus e, sobretudo, como quiseram deliberadamente ver escritores animados do desejo patriótico de cancelar a independência política do país com o brilho de uma grandeza heroica especificamente brasileira. Deste modo, o indianismo serviu não apenas como passado mítico e lendário (à maneira da tradição folclórica dos germanos, celtas ou escandinavos), mas como passado histórico, à maneira da Idade Média. Lenda e história fundiram-se na poesia de Gonçalves Dias e mais ainda no romance de Alencar, pelo esforço de suscitar um mundo poético digno do europeu. (CANDIDO, 2000b, p. 20)

Sendo assim, esta visão do índio heroico, cavaleiresco e gentil permeou muitas obras do romantismo brasileiro, sendo ele a principal representação desta nação na literatura, tanto na poesia quanto na prosa. Nesse sentido, cabe mencionar a prosa romântica que é o ponto de virada da literatura brasileira.

É claro que a poesia romântica foi muito expressiva e importante para dar início a este momento literário no Brasil. No entanto, é na prosa que o Romantismo brasileiro vai se destacar, e isso principalmente pela difusão e popularidade do gênero literário romance, que aproveitou o crescimento da tipografia e o nascimento da imprensa para tornar acessível a escrita em prosa.

1.1 O GÊNERO ROMANCE

Com cerca de duas mil obras publicadas no século XVIII na Inglaterra, o Romance se tornou um gênero textual em ascensão por ganhar o gosto popular. Estima-se que até o fim do século XIX, a quantidade de publicações deste gênero superou até mesmo as publicações religiosas. Consolidado na Inglaterra, o romance chega a França no século XVIII e foi amplamente difundido pela criação das bibliotecas circulantes.

Como dito anteriormente, antes da chegada da família real portuguesa ao Brasil, o país carecia de acesso à cultura. Nesse sentido, somente após 1808 com a criação de biblioteca aos moldes europeus no Rio de Janeiro, bem como a criação da imprensa régia, foi possível que os romances ganhassem algum lugar na cultura brasileira.

Em primeiro plano, diversos romances traduzidos do francês começaram a ganhar o gosto popular do brasileiro, que ainda tinha a sua apreciação literária centrada em pequenos contos e novelas. Nesse sentido, Candido (2000b, p.107) apresenta alguns números que comprovam o volume de traduções de romances ingleses e franceses que aconteceram no século XVIII no Brasil. Estes dados podem evidenciar a apreciação dos brasileiros pelo gênero:

Estudando o problema da propriedade literária, J. M. Vaz Pinto Coelho foi levado a pesquisar o folhetins, chegando a estabelecer uma lista, que considera “certamente muito incompleta”, de 74 romances traduzidos e publicados desta forma, entre 1830 e 1854. Admitindo que tenha escapado à sua investigação mais ou menos um terço, suponhamos que o número seja 100, o que dá uma média de quatro romances anuais. É interessante verificar que a maioria aparece no ano de 1839, decaindo o ritmo a partir de 1847. Entre 1838 (aparecimento das novelas de Pereira da Silva) e 1845 (aparecimento d'O Moço Loiro) estão situadas 50 dos 74 da lista de Pinto Coelho, ou seja, dois terços, em pouco menos de um terço de período investigado (7 anos sobre 24). (CANDIDO, 2000b, p. 107)

Ainda de acordo com Candido (2000b, p.107) a apreciação dos romances pelos brasileiros acontece assim que o gênero é trazido e traduzido para ser amplamente difundido. E este apreço pela narrativa longa traduzida do inglês ou do francês cresce nas primeiras décadas, e um dos fatores que pode ter contribuído foi o crescimento da imprensa, já que muitos desses folhetins eram publicados nos jornais.

No entanto, Candido (2000b, p.107) observa que a partir da publicação de romances brasileiros, o índice de procura por traduções começa a decair, o que revela que a produção brasileira começa a tomar seu lugar. Entretanto, o autor ressalta a

dificuldade que os escritores brasileiros enfrentavam por ser pouco valorizados no ramo editorial, devido às facilidades financeiras de traduzir e publicar um romance estrangeiro. Sobre isso Candido pontua que “pelo século afora o romance estrangeiro, traduzido sem pagamento de direitos autorais, foi concorrente do nacional, chegando-se a dizer que prejudicava o seu desenvolvimento, desestimulando nossos escritores” (CANDIDO, 2000b, P.107).

Apesar de prejudicar o ganho financeiro de muitos escritores brasileiros do início do século, esta cultura de tradução das obras francesas e inglesas contribuiu com a criação do hábito de ler romance pelo público brasileiro. Ademais, muitos escritores foram incentivados a produzir folhetins regionais a partir da percepção da apreciação do público por este gênero.

Dentre estes, o já citado grupo responsável pela criação da Niterói: revista brasiliense, deu seu apoio a produção de romances brasileiros apesar, conforme afirma Candido (2000, p. 106), de estarem “ainda presos ao fascínio dos gêneros tradicionais, renovados ou não, a que dedicam muito maior afincos: epopeia, tragédia, lírica”(CANDIDO, 2000b, p.106).

E então, em 1844 A moreninha de Joaquim Manoel Macedo abre caminho para a publicação de romances brasileiros, trazendo um enredo que fala sobre o amor inocente e as adversidades que podem levar dificuldades ao amor. De acordo com Cândido, as primeiras obras de Macedo, A Moreninha e Moço Loiro de 1845, são “apreciáveis pela coerência e execução, fundindo tendências anteriores esboçadas e dando exemplo dos rumos que nosso romance seguiria, isto é, a tentativa de inserir os problemas humanos num ambiente social descrito com fidelidade” (CANDIDO, 2000b, p. 105).

Dois fatores contribuíram muito para que o romance se tornasse tão popular no Brasil e, portanto, muito influente, de acordo com Candido (2000b, p. 98). O primeiro foi o crescimento do número de leitores e a participação mais consistente dos cidadãos na cultura, isso aliado ao crescimento da imprensa que fazia com que as obras fossem de fácil acesso. O segundo fator foi o senso de missão histórica que o romantismo tinha. Segundo Candido:

Em segundo lugar, mencionemos a vocação histórica e sociológica do Romantismo. Estimulando o interesse pelo comportamento humano,

considerado em função do meio e das relações sociais. Ora, o estudo das sucessões históricas e dos grupos sociais, da rica diversificação estrutural de uma sociedade em crise, não cabia de modo algum na tragédia ou no poema: foi a seara própria do romance, que dele se alimentou, alimentando ao mesmo tempo o espírito histórico do século. (CANDIDO, 2000b, p. 98)

Nesse sentido, o Romance ainda é um importante aliado na discussão social, histórica e cultural que não podia ser aprofundada em outros gêneros literários já presentes na literatura brasileira. E por esta razão, ganhou o gosto popular rapidamente.

O público leitor de romances no Brasil era composto por moças e rapazes de classe média em busca de entretenimento, que, conforme aponta Bosi (2017, p.135) não percebia ou se importava com o grau da escrita:

O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito que o atual: eram moços e moças provindo das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas provinciais: era, enfim, um tipo de leitor à procura de entretenimento, que não percebia muito bem a diferença e grau entre um Macedo e um Alencar urbano. Para esses devoradores de folhetins franceses, divulgados em massa a partir de 1830/40, uma trama rica de acidentes bastava como pedra de toque do bom romance. À medida que os nossos narradores iam aclimando à paisagem e ao meio nacional os esquemas de surpresa e de fim feliz dos modelos europeus, o mesmo público crescia ao prazer da urdidura e do reconhecimento ou da autoidealização (BOSI, 2017, p. 135)

Desse modo, esses leitores brasileiros podiam ter acesso a uma realidade parecida com a sua, ao mesmo tempo em que podiam assumir o lugar do herói ou da heroína, fugindo, por meio do entretenimento proporcionado pela leitura, da sua realidade para uma realidade similar, pois ainda se tratava dos costumes e da sociedade brasileira. Principalmente nos romances urbanos em que os grandes centros urbanos e os costumes da sociedade das grandes cidades eram pano de fundo para a história.

As diferentes temáticas dos romances românticos podem ter contribuído também para este apreço popular, tendo em vista que a gama de temas proporcionava ao leitor a escolha bem como a diversificação na leitura, como uma contradição à sua vida monótona. Segundo Bosi:

A fusão de um pedestre e miúdo cotidiano (cimentado pela filosofia do bom senso) com o exótico, o misterioso, o heroico, define bem o arco das tensões de uma sociedade estável, cujo ritmo vegetativo não lhe consentia projeto histórico ou modos de fuga além do ofertado por alguns tipos de ficção: a passadista e colonial (O Guarani, As Minas de Prata, de Alencar; As Mulheres de Mantilha, O Rio do Quarto, de Macedo; Mauricio, O Bandido do Rio das Mortes, de Bernardo Guimarães...); a indianista (Iracema, Ubirajara, de Alencar; O índio Afonso, de Bernardo) a sertaneja (O Sertanejo, O Gaúcho, de Alencar; O Garimpeiro, de Bernardo; Inocência, de Tunay; O Cabeleira, O Matuto, de Franklin Távora...). Ou trazendo o leitor de volta para o dia a dia das convenções, como em largos trechos de Macedo ou do Alencar

fluminenses, centrados nos costumes da burguesia, e no saboroso documento do Rio joanino que são as Memórias de um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio. (BOSI, 2017, p. 135-136)

Esta diversidade de temas divide os romances românticos brasileiros em três temáticas principais: o Romance urbano, o Romance indianista e Romance sertanejo. Todas os temas, como é possível observar pelo apanhado feito acima por Alfredo Bosi, foram amplamente exploradas pelos escritores brasileiros.

José de Alencar, o principal autor da prosa romântica, escreve nas três temáticas, o que denota a sua versatilidade como escritor. Candido (2000b, p. 201) fala que é possível que haja pelo menos três “Alencares” devido a sua pluralidade na escrita. O José de Alencar dos rapazes, com seus romances heroicos e cheio de aventuras, o Alencar das mocinhas, com histórias graciosas e trágicas e, por fim, o Alencar dos adultos que traz em sua obra um apreço pelas relações humanas.

Mais importantes, todavia, do que os ambientes, são as relações humanas que estuda em função deles. Como em quase todo romancista de certa envergadura, há em Alencar um sociólogo implícito. Na maioria dos seus livros, o movimento narrativo ganha força graças aos problemas de desnivelamento nas posições sociais, que vão afetar a própria afetividade dos personagens. (CANDIDO, 2000b, p. 204)

Bosi (2017, p.146) destaca que “o escritor que idealizara heróis míticos no coração da floresta é o mesmo que saber recortar figuras gentis de donzelas e mancebos nos salões da Corte e nos passeios da Tijuca”. Por essa razão, a obra de Alencar é diversa e de grande relevância para o cânone brasileiro. Cabe discutir, portanto, a sua obra indianista, uma vez que este autor é o mais expressivo deste momento da literatura do Brasil, e o indianismo se destaca como grande característica do Romantismo brasileiro.

São três os romances indianistas de Jose de Alencar: O Guarani de 1857, Iracema de 1865 e Ubirajara de 1874. Nas três obras o escritor traz o ideal do bom selvagem construído para o Romantismo, como foi mencionado anteriormente. Neste arquétipo incluía-se a beleza física e a beleza de espírito, aliada à coragem, à força interior e a gentileza inspiradas nos cavaleiros medievais.

Tanto Perí, o personagem principal de O Guarani, quanto Iracema recebem a descrição que deixa clara a sua beleza física, a sua agilidade, força, coragem, bondade e, acima de tudo, a sua comunhão com a natureza.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas. (ALENCAR, 1991, p. 12-13)

Iracema, em sua descrição como “virgem dos lábios de mel” denota os valores cristãos aos quais as jovens moças estavam presas e, portanto, a heroína deveria corresponder, a virgindade. Em contraponto, a índia também apresenta certa sensualidade que muitas vezes está presente na mulher do romantismo, ao ser descrito o possível gosto dos seus lábios.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível. (ALENCAR, 1996, p.14)

A descrição de Peri, deixa claro que nos aspectos físicos o índio pode ser considerado belo, forte e ágil. E a coragem do personagem é comprovada mais a frente neste romance quando o índio enfrenta corpo a corpo uma onça que desejava atacá-lo. Entretanto, na sua devoção por Cecília, a moça branca por quem Peri se apaixona, é que será possível encontrar o tom cavalheiresco do qual fala Candido:

— Peri! disse ela.

O índio apareceu à entrada da cabana; correu alegre, mas tímido e submisso. Cecília sentou-se num banco de relva; e a muito custo conseguiu tomar um arzinho de severidade, que de vez em quando quase traía-se por um sorriso teimoso que lhe queria fugir dos lábios.

Fitou um momento no índio os seus grandes olhos azuis com uma expressão de doce

repreensão; depois disse-lhe em um tom mais de queixa do que de rigor:

— Estou muito zangada com Peri!

O semblante do selvagem anuviou-se.

— Tu, senhora, zangada com Peri! Por quê?

- Porque Peri é mau e ingrato; em vez de ficar perto de sua senhora, vai caçar em risco de morrer! disse a moça ressentida.
- Ceci desejou ver uma onça viva!
- Então não posso agradecer? Basta que eu deseje uma coisa para que tu corras atrás dela como um louco?
- Quando Ceci acha bonita uma flor, Peri não vai buscar? perguntou o índio.
- Vai, sim.
- Quando Ceci ouve cantar o sofrer, Peri não o vai procurar?
- Que tem isso?
- Pois Ceci desejou ver uma onça, Peri a foi buscar. (ALENCAR, 1996, p.14)

Neste trecho é possível perceber o respeito e a submissão que o índio tem com Cecília, assim como é clara a devoção do herói que uma vez que percebe um desejo da dama, coloca-se em prontidão para saná-lo. Neste sentido, o cavalheirismo do personagem fica evidente e comprova a afirmação de Antônio Candido de que este índio não representava o verdadeiro habitante nativo do Brasil, mas uma personificação do ideal romântico na figura indígena.

Conforme pontua Candido:

Assim, o espírito cavaleiresco é enxertado no bugre, a ética e a cortesia do gentil-homem são trazidas para interpretar o seu comportamento. A distinção pode parecer especiosa, mas o seu fundamento se encontra na atitude claramente diversa de um Basílio da Gama e de um José de Alencar. (CANDIDO, 2000b, p. 21)

Outro ideal trazido por Alencar em seus romances indianista é a formação do povo brasileiro a partir da junção do povo indígena com o homem branco, visão essa que pode ser comprovada pelo enlace amoroso destes dois principais romances indianistas que foram comentados.

Essa visão idealizada de Alencar, além de não condizer com a realidade, pois mostra uma junção idealizada a partir do amor e do consentimento de ambas as partes, também exclui uma parcela das pessoas que viviam no Brasil no século XIX: as pessoas negras, livres ou escravizadas.

Em alguns estados brasileiros a população negra ou mestiça chegava a quase metade da quantidade total. No entanto, na literatura, principalmente nesses romances de Alencar que fazem uma alusão à formação do povo brasileiro, enquanto o índio é romantizado e tem suas características físicas adaptadas para agradar o leitor, o negro é excluído. Por essa razão, cabe entender a formação da literatura brasileira a fim de compreender as presenças e as ausências.

1.2 A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Antonio Candido (2000b, p. 10) fala que em comparação às grandes, a literatura brasileira é pobre e fraca, e isso se dá por ser jovem e por ser considerada uma ramificação da Literatura Portuguesa, que por sua vez surge a partir das europeias. Contudo o autor salienta que o brasileiro deve conhecer e amar sua literatura, pois é ela que o representa.

Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em meio a uma aclimação penosa da cultura europeia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, - dos quais se formaram os nossos. (CANDIDO, 2000b, p.10)

Cabe pensar então, sobre o que é literatura. De acordo com Cosson (2020, p.20) É considerada literatura o texto que apresenta relevância para a formação, seja pelo seu caráter educativo ou pelas discussões que pode proporcionar. O autor fala ainda que:

A literatura é um corpo de obras dadas pela tradição, o que equivale a dizer que são textos que pertencem a um passado valorizado como referencia para o presente em termos de idioma e escrita. (COSSON, 2020, p.20)

Na obra Formação da Literatura Brasileira (2000b, p.25) Antonio Candido apresenta a diferença entre literatura e manifestações literárias. Para o autor quando a atividade do escritor está em um sistema que integra determinados denominadores e pertence a uma continuidade literária que contribui para as próximas gerações de escritores é considerada literatura:

Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sobre este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. (CANDIDO, 2000b, p.23)

Neste sentido, há uma tradição que uma obra deve seguir para ser considerada literatura e, para Candido (2000b), não há literatura sem esta tradição. Enquanto isso, quando não há uma representação de um sistema, mesmo que não desconsidere o

valor individual da obra, Candido (2000b) a entende como uma manifestação literária. Ou seja, uma obra isolada que não contribui com o cânone.

Neste sentido cabe analisar como se constrói a formação da literatura brasileira de acordo com Antônio Candido. O autor divide sua obra em dois volumes, sendo que o primeiro traça um panorama da literatura brasileira entre 1750 e 1783 e o segundo entre 1836 e 1880.

No prefácio da primeira edição o autor expõe que cada literatura deve ser estudada de acordo com suas particularidades e que a literatura brasileira, por se jovem e por ter sido gerada a partir da literatura portuguesa, não deve ser estudada como as demais, (CANDIDO, 2000a, p.9).

Por esta razão, Candido (2000a) fala, ainda no prefácio, sobre a necessidade de equilibrar ao mesmo tempo o valor e a função da obra quando se estuda a literatura sob a perspectiva histórica, para assim não valorizar ou desvalorizar indevidamente as obras.

A dificuldade está em equilibrar os dois aspectos, sem valorizar indevidamente autores desprovidos de eficácia estética, nem menosprezar os que desempenham papel apreciável, mesmo quando esteticamente secundário. Outra dificuldade é conseguir a medida exata para fazer sentir até que ponto a nossa literatura, nos momentos estudados, constitui um universo capaz de justificar o interesse do leitor – não devendo o crítico subestimá-la sem superestimá-la.(CANDIDO, 2000a, p.9)

É importante observar que Candido entende a necessidade da análise da literatura que é capaz de interessar o leitor e expõe que essa é uma das dificuldades do crítico ao fazer um levantamento histórico de uma literatura.

Por esta razão, a literatura se faz necessária na formação escolar, pois o estudo da literatura contribui tanto para a formação linguística do estudante, como para a reflexão. Cosson (2020, p. 24-25) fala que na escola a literatura tem dois objetivos, ensinar a língua e formar moralmente. Enquanto o texto literário pode ser usado com exemplo de como a Língua Portuguesa deve ser usado, tendo em vista que sua composição gramatical e estilística pode ser reproduzida pelo aluno, por outro, enquanto leitura, o estudo da literatura pode trazer uma formação moral. Sendo assim, a literatura recebe um pedestal de tesouro, e por esta razão é incorporada no sistema educacional:

Essa visão da literatura, como um tesouro ou um legado a ser recebido e incorporado para a edificação moral e linguística do aluno, confere aos textos literários um lugar proeminente na formação escolar, sobretudo no horizonte da educação humanística. Não é sem razão, portanto, que ainda hoje alimente ondas nostálgicas no ensino da literatura e campanhas de defesa dos clássicos como fontes inesgotáveis dos valores intrínsecos do ser humano, uma vez que a leitura dos clássicos conduziria a uma melhor e mais compreensão da humanidade.(COSSON, 2020, p.23)

Se os clássicos é que estão presentes na escola e contribuem para a formação do estudante – em especial o do ensino médio, tendo em vista que é nesta fase do aprendizado escolar que a pessoa tem maior contato com a literatura – cabe pensar em quais são os clássicos e o que os define desta maneira.

Diversos autores fazem um panorama da história da literatura brasileira, e por esta razão, são muitas as visões do que deve ser considerada literatura brasileira. Além de que há interpretações diferentes sobre o momento em que de fato a escrita no Brasil contribuiu para o início do cânone.

Em uma enumeração cronológica se destacam as obras *História da literatura brasileira* de Silvio Romero de 1888 que reúne biografias e apresenta as obras e textos e, desta forma, centra a atenção maior no autor e não na obra. E, de acordo com SANTOS (2015, p. 11) devido ao cientificismo, a historiografia literária feita por Romero atravessa o biologismo e entende a literatura brasileira a partir da raça.

História da Literatura brasileira de José Veríssimo de 1916, segue a influência de Romero ao mesmo tempo que aprimora a técnica na avaliação das obras. Na historiografia de José Veríssimo há também a busca pelo nacionalismo no Cânone. MARTINS (1957 p.5 APUD.PEREIRA, 2019, p. 15) fala que José Veríssimo estava dominado pelo ideal de uma literatura brasileira que fosse, antes de tudo, uma grande literatura.

Enquanto isso, *A pequena história da literatura brasileira* de Ronald de Carvalho de 1919 divide a historiografia literária brasileira em três partes, sendo a primeira sobre o período de formação que vai de 1500 a 1750, a segunda que analisa o período entendido como o Arcadismo brasileiro e que por esta razão é chamada de “Período de Transformação” e a última parte que traz o “Período autônomo” que se desenvolve a partir do Romantismo e Naturalismo. De acordo com o próprio autor, sua obra "destinado a vulgarizar, nos seus delineamentos, a fisionomia da nossa literatura" (Carvalho,1922, p. 254 APUD BOTELHO, 2011, p.137)

Em 1959 Antonio Candido publica *Formação da literatura brasileira*, e já no prefácio da primeira edição o autor fala sobre como as historiografias literárias de Romero, Veríssimo e Carvalho citadas anteriormente, contribuíram para que pudesse escrever a sua.

Primeiro, a História da Literatura Brasileira, de Silvio Romero, cuja lombada vermelha, na edição Guarnier de 1902, foi bem cedo uma de minhas fascinações na estante paterna, tendo sido dos livros que mais consultei entre os dez e quinze anos, à busca de excertos, dados biográficos e saborosos julgamentos do autor. Nele estão, provavelmente, as raízes do meu interesse pelas letras. Li também muito a Pequena História, de Ronald De Carvalho, pelos tempos do ginásio, reproduzindo-a abundantemente em provas e exames, de tal modo que estava impregnado de suas páginas. Só mais tarde, já sem paixão de neófito, li a História, de José Veríssimo, provavelmente a melhor e, ainda hoje, mais viva de quantas se escreveram. (CANDIDO, 2000a, p. 11)

Candido fala ainda que sua formação como está fortemente ligada à influência que sofreu de Romero, Veríssimo e Carvalho no período em que estava suas “impressões básicas”.

Todas as historiografias citadas tem como objetivo indicar a forma com a qual foi moldada a literatura brasileira. E, para isso, constroem uma análise sobre os autores e obras que produziram ao longo da história literária do Brasil. Contudo, estes autores, muitas vezes, divergem sobre o início da literatura que pode ser considerada definitivamente brasileira e das obras que a compõem.

Por esta razão existe, neste trabalho, o questionamento sobre o que define o cânone literário brasileiro e quem decide quais obras pertencem e quais são mantidas fora.

Na obra *Formação da Literatura Brasileira* (2000b, p.25), como dito anteriormente, Antonio Candido apresenta a diferença entre literatura e manifestações literárias. Por isso é que existe uma tradição que uma obra deve seguir para ser considerada literatura. Neste sentido, cabe analisar como se constrói a formação da literatura brasileira de acordo com Antônio Candido.

Ainda no prefácio, Candido (2000a) também fala na dificuldade que os escritores brasileiros possuíam ao longo do tempo para produzir literatura que pudesse ser considerada de qualidade sem ter como precedente os grandes clássicos literários que as literaturas europeias possuem. Como dito anteriormente, o autor entende que a literatura brasileira é um braço da literatura portuguesa, que por sua vez é um braço das grandes literaturas produzidas na Europa.

E então, Candido pontua que os grandes escritores europeus não precisavam sair de seus países ou ler outra literatura para buscar novas inspirações. Enquanto isso, ao estudar a história da literatura brasileira é comum perceber que os grandes escritores do país, por muito tempo, buscavam conhecimento na Europa para reproduzir em terras brasileiras.

Há literaturas de que o homem não precisa sair para receber cultura ou enriquecer a sensibilidade; outras, que só pode ocupar uma parte da sua vida de leitor, sob a pena de lhe restringirem irremediavelmente o horizonte. Assim podemos imaginar um francês, um italiano, um inglês, um alemão, mesmo um russo e um espanhol, que só conheçam os autores da sua terra e, não obstante, encontrem neles o suficiente para elaborar a visão das coisas, experimentando as mais altas emoções literárias. (CANDIDO, 2000a, p.9)

A partir disso, Antonio Candido reúne nos dois volumes de *A formação da literatura brasileira* uma análise sobre os momentos de desenvolvimento da literatura brasileira, que se concentra entre o Arcadismo, movimento literário que se inicia no século XVIII, e o Romantismo brasileiro, que se destaca no século XIX. Além disso, há o estudo das obras literárias que compõem estas escolas literárias, bem como a investigação do estilo e produção dos principais escritores de cada período.

Uma questão a ser levantada, contudo, está presente na apresentação das principais obras e autores que Antonio Candido faz em *A formação da literatura brasileira*, especificamente o volume dois. Assim como seus antecessores, na historiografia literária de Candido, os autores e obras analisados são exclusivamente homens. Mesmo que já houvessem obras publicadas por mulheres, sobretudo no período do Romantismo brasileiro.

Sendo assim, há a necessidade de se pensar sobre as razões pelas quais as mulheres que escreveram durante o período da formação da literatura brasileira não são mencionadas nas principais historiografias literárias.

A historiadora Zahidé Lupinacci Muzart, em uma força tarefa com pesquisadoras de todo o Brasil, reúne na antologia *Escritoras Brasileira do Século XIX* publicada em 1999, a biografia e os escritos de diversas mulheres que desafiaram a condição social que as excluía da produção literária e escreveram, muitas até publicaram, no século XIX. E então, sobre a ausência das mulheres nas historiografias literárias brasileiras, MUZART (2000, p.18) fala que isso se dá pela maioria masculina na crítica literária:

Apesar de desnecessário, é sempre bom lembrar que, no Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível – e até festejada – no primeiro quartel

do século XX. Ainda que singulares e produtivas, nossas escritoras de antes, sobretudo as do século XIX, foram sistematicamente excluídas do cânone literário, que, é claro, era forjado unicamente pela crítica e pela historiografia masculina. (MUZART, 2000, p.18)

A autora deixa claro que as escritoras eram produtivas e eram “presença constante, principalmente nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias” (MUZART, 2000, p.18). E que devido a isso, a definição de obra literária de Candido citada anteriormente, cabe a muitas das mulheres que escreveram e publicaram no século XIX. Contudo, elas ainda são mantidas fora do cânone.

Por estes apontamentos, cabe pensar nas razões pelas quais as mulheres não estão presentes nas historiografias literárias brasileiras, sobretudo na *Formação da Literatura Brasileira* de Antonio Candido.

2 A LITERATURA BRASILEIRA E A AUSÊNCIA DA ESCRITA FEMININA

Os primeiros registros de escrita no Brasil acontecem logo após o seu descobrimento em 1500. Entretanto, o nascimento dos textos literários tem início apenas um século depois com a poesia barroca de Gregório de Matos Guerra. Por esta razão, em comparação com outras, principalmente as europeias, a literatura brasileira é recente.

Ensinar literatura nas escolas e apresentar os clássicos para os estudantes é o que mantém viva esta arte, e é o que perpetua o amor que Candido (2000a) defende que o brasileiro deve ter pelo seu passado literário. Sendo assim, no processo de divulgação de literatura às novas gerações, a escola continua sendo a protagonista.

Cabe pensar então sobre o que é literatura. De acordo com Cosson (2020) é considerada literatura o texto que apresenta relevância para a formação, seja pelo seu caráter educativo ou pelas discussões que pode proporcionar. O autor fala ainda que:

A literatura é um corpo de obras dadas pela tradição, o que equivale a dizer que são textos que pertencem a um passado valorizado como referência para o presente em termos de idioma e escrita. (COSSON, 2020, p.20)

Por esta razão a literatura se faz necessária na formação escolar, pois o seu estudo contribui tanto para a formação linguística do estudante, como para a reflexão. Cosson (2020) fala que na escola a literatura tem dois objetivos, ensinar a língua e formar moralmente. Enquanto o texto literário pode ser usado como exemplo de como a Língua Portuguesa deve ser usada, tendo em vista que sua composição gramatical e estilística pode ser reproduzida pelo aluno. Por outro lado, enquanto leitura, o estudo da literatura pode trazer uma formação moral. Sendo assim, esta arte recebe um pedestal de tesouro, e por esta razão é incorporada no sistema educacional:

Essa visão da literatura, como um tesouro ou um legado a ser recebido e incorporado para a edificação moral e linguística do aluno, confere aos textos literários um lugar proeminente na formação escolar, sobretudo no horizonte da educação humanística. Não é sem razão, portanto, que ainda hoje alimente ondas nostálgicas no ensino da literatura e campanhas de defesa dos clássicos como fontes inesgotáveis dos valores intrínsecos do ser humano, uma vez que a leitura dos clássicos conduziria a uma melhor e mais compreensão da humanidade. (COSSON, 2020, p.23)

Se os clássicos é que estão presentes na escola e contribuem para a formação do estudante – em especial o do ensino médio, tendo em vista que é nesta fase do aprendizado escolar que a pessoa tem maior contato com a literatura – cabe pensar em quais são os clássicos e o que os define desta maneira.

Historiografias como a formação da literatura brasileira de Antonio Candido, que possuem uma visão diacrônica da formação do cânone, pautam as obras literárias que aparecem na escola. Contudo, existem questionamentos sobre o que este autor manteve fora do seu levantamento sobre a literatura brasileira.

É importante lembrar que Formação da Literatura Brasileira (2000b, p.25) Antonio Candido, o autor explica a diferença entre literatura e manifestações literárias. Para o autor quando a atividade do escritor está em um sistema que integra determinados denominadores e pertence a uma continuidade literária que contribui para as próximas gerações de escritores é considerada literatura (CANDIDO, 2000b, p.23). Sendo assim, a tradição deve ser seguida.

Vale ressaltar que a obra de Cândido não considera o Barroco e conseqüentemente a escrita de Gregório de Matos Guerra, autor de extensa produção, e define sua obra como “Manifestação literária” e que, portanto, não contribui para o cânone. Sendo assim, cabe investigar os motivos pelos quais a obra de Guerra não é considerada por Antonio Candido, quando diversos outros críticos literários a consideram parte importante da literatura brasileira, para entender se há alguma relação desta exclusão com a exclusão da escrita feminina na análise da literatura do século XIX feita pelo autor.

Portanto, é necessário analisar o que não foi entendido como literatura e como manifestação literária por Antonio Candido na sua formação da literatura, a fim de compreender o que está presente na historiografia construída por este crítico literário a partir da sua visão diacrônica, e então, analisar como isso se reflete na Escola.

2.1 A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA: ALGUNS SEQUESTROS

A formação da literatura brasileira, publicada por Antonio Candido em 1959, busca justificar o modo como se construiu o sistema literário no Brasil. Como vimos anteriormente, a perspectiva diacrônica da obra de Candido norteia até os dias de hoje o modo como a literatura, nas aulas de Língua Portuguesa, é ensinada na escola.

Inicialmente é necessário retomar que para Candido (2000b, p. 24) só deve ser considerada dentro do sistema literário a obra que, naquele período em que estava inserida, contribuiu para o movimento. Ao considerar que a literatura brasileira é jovem e que por muito tempo não havia um grande círculo literário no país, é possível entender que muitos escritores brasileiros, durante alguns séculos, criaram de forma isolada.

Candido não descarta o valor destas criações, contudo não entende estas obras como parte integrante do sistema. Entende, no entanto, como manifestações literárias, ou seja, produções isoladas que não estão inseridas dentro do contexto do sistema literário vigente, por não contribuírem - no período da sua criação - para a continuidade literária.

No prefácio do volume 1 da obra *Formação da literatura brasileira*, o crítico literário exemplifica o que seriam estas manifestações literárias a partir da obra de Gregório de Matos Guerra, também conhecido pela alcunha de “Boca do inferno”.

Gregório viveu e produziu poemas – em sua maioria sonetos – líricos, satíricos e religiosos em Salvador no século XVII, durante o período conhecido como Barroco. É importante deixar claro que Candido não considera a obra de Guerra irrelevante, no entanto, pontua que por mais que tenha permanecido na tradição baiana, em uma perspectiva histórica, não existiu no contexto literário brasileiro até o fim do século XIX quando foi redescoberta em meio ao Romantismo.

Com efeito, embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo, quando foi redescoberto, sobretudo graças a Varnhagen; e só depois de 1882 e da edição de Vale Cabral pode ser devidamente avaliado. Antes disso, não influiu, não contribuiu para formar o nosso sistema literário, e tão obscuro permaneceu sob seus manuscritos que Barbosa Machado, o minucioso erudito da Biblioteca Lusitana (1741-1758), ignora-o completamente, embora registre quando João de Brito e Lima pode alcançar. (CANDIDO, 2000b, p.24)

Neste sentido, para Candido (2000b), como a obra de Gregório de Matos Guerra não contribuiu ativamente no período em que foi escrita, e, portanto, não serviu de referência para os poetas Arcades que vieram a seguir, de modo que não esteve presente na formação contínua do sistema literário, deve ser considerada apenas uma manifestação literária.

E é essa perspectiva que os irmãos Campos (1969) entendem como diacronia e, a partir disso, abre diversas discussões sobre como essa visão pode excluir ou sequestrar algumas importantes produções. É interessante, portanto, entender a visão de Campos (1969) sobre sincronia e diacronia no campo literário.

Na publicação *A arte no horizonte do provável* de 1969, Haroldo de Campos apresenta alguns ensaios em que discute a visão diacrônica e a visão sincrônica na construção de uma historiografia literária. Para CAMPOS (1969, p. 205) a perspectiva diacrônica se apresenta como um critério histórico, a fim de acumular fatos e seus desdobramentos no eixo do tempo, um estudo documentário.

Ou seja, os críticos literários que enxergam a literatura brasileira de forma diacrônica, tendem a organizá-la de maneira documental, conforme estava presente – e se estava presente para o sistema literário – no período em que foram produzidas e publicadas. E por isso, Campos (1969) entende que muita literatura que foi produzida no Brasil não recebe o valor devido, por ficar de fora de importantes historiografias literárias.

Para isso, Campos (1969) fala sobre como os críticos que possuem uma visão diacrônica estão presos a um modelo que valoriza apenas as obras e os autores que já estão presentes no cânone, enquanto mantém-se “cegos” diante das revisões e tentativas de reversão da ordem constituída por modelos tradicionais como o da *História da Literatura Brasileira de 1888* de Silvio Romero:

O crítico diacrônico aceita a “média” evolutiva da tradição, o gráfico já historicizado que esta lhe subministra quanto à posição relativa dos escritores nos vários períodos. E olha com olho cético (p”olho da Medusa” dos guardiões do cemitério, de que fala Sartre...) as revisões e outras tentativas de eversão da ordem constituída, a frente das quais se põem, geralmente não críticos, mas criadores. Daí por que, com tanta assiduidade, as *Histórias da Literatura e Antologias* sejam tributárias de estereótipos encarnecidos, seus planetários de papel impresso se rejam por estrelas fixas, e os veredictos literários, uma vez emitidos pelo primeiro historiador de tomo (o caso de Silvio Romero entre nós), passem tão mansamente julgados. (CAMPOS, 1969, p.206-207)

Por outro lado, há a perspectiva sincrônica que Haroldo de Campos (1969) também chama de Critério estético-criativo, por colocar em local de destaque a obra e analisar os aspectos inovadores tanto no contexto em que foi produzida quanto a partir de um olhar atual.

Para isso, Campos (1969) fala sobre a poética sincrônica, que consiste no olhar crítico sobre uma obra, a fim de ressaltar o valor da sua produção tanto para o período em que foi produzida, quanto para o momento atual. E, desta forma, o crítico estará atualizando a obra. Campos (1969, p.207) cita Roman Jakobson para conceitualizar ainda melhor esta perspectiva:

Roman Jakobson fornece os subsídios para a elaboração desse conceito, quando escreve:

“A descrição sincrônica considera não apenas a produção literária de um período dado, mas também aquela parte da tradição literária que, para o período em questão permanece viva ou foi revivida(...). A escolha de clássicos e sua reinterpretação à luz de uma nova tendência é um dos problemas essenciais dos estudos literários sincrônicos” (JAKOBSON, 1968 APUD CAMPOS, 1969, p.207)

Portanto, mesmo que não tenha recebido destaque no período em que foi produzida ou publicada, a partir de um olhar sincrônico, uma obra pode ser revivida, reanalisada e integrada ao sistema literário.

É importante salientar também, que a partir do olhar da sincronia no campo da literatura, uma obra produzida em um outro período pode ser vista a partir de questões atuais, tornando-se relevante para discussões que não se faziam possíveis no momento em que foram produzidas. Sobre isso, Campos (1969) cita Eliot:

“Necessitamos de um olhar capaz de ver o passado em seu lugar e suas definidas diferenças em relação ao presente e, no entanto, tão cheio de vida que deverá parecer tão presente para nós como o próprio presente. Eis o olho criativo.” (ELIOT, Apud CAMPOS, 1969, p. 2014)

No entanto, Campos (1969, p.214) não invalida a perspectiva diacrônica, e enfatiza a sua importância como um trabalho de levantamento e demarcação do terreno. O crítico entende a Sincronia e a Diacronia em uma relação dialética em que a poética sincrônica retifica o que foi julgado pela poética diacrônica.

E então Campos explica que esta relação dialética entre sincronia/diacronia se faz em pelo menos dois níveis:

A escolha de uma perspectiva sincrônica é, antes de mais nada, uma disposição metodológica, a maneira de privilegiar, para efeitos práticos, um

ponto de vista estrutural. Em sua transposição literária, o par sincronia/diacronia está em relação dialética em pelo menos dois níveis: a) a operação sincrônica se realiza contra um pano de fundo diacrônico, isto é, incide sobre dados levantados pela visada histórica, dando-lhes relevo crítico-estético atual; b) a partir de cortes sincrônicos sucessivos é possível fazer-se um traçado diacrônico renovado da herança literária”. (CAMPOS, 1969, p. 215).

Essa perspectiva mostra que ambas as visões podem se correlacionar para uma renovação da herança literária brasileira. Sobre isso, Campos (1969, p. 216) ainda fala que por mais que a crítica seja radicalmente sincrônica ainda deve se apoiar no horizonte diacrônico para colocar em referência a visão da época em que a obra surgiu. Sendo assim, as duas devem coexistir e se complementarem.

Neste sentido, a visão sincrônica na literatura brasileira se mostra importante, sobretudo para obras que não tiveram destaque no período de sua produção, e que por esta razão são consideradas por críticos como Antonio Candido (2000b) como manifestações literárias e, assim, são mantidas fora do cânone.

Como dito anteriormente, a literatura brasileira é recente, e por muito tempo os círculos literários eram restritos o que fazia com que muitos escritores produzissem de forma independente e isolada. Muitas vezes essa obra caía no esquecimento por algumas décadas – ou até mesmo séculos – e mesmo após sua redescoberta, muitas ainda não são valorizadas por não terem sido relevantes no período em que foram produzidas.

Contudo, a partir da visão sincrônica que Campos (1969) apresenta, é possível que haja um novo olhar para estas produções a fim de entender a sua relevância para a historiografia literária do Brasil.

Em *O sequestro do Barroco na Formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*, Haroldo de Campos (1989) discute como escritas que ficaram de fora da historiografia literária de alguns críticos diacrônicos como Antonio Candido (2000b) merecem receber um olhar sincrônico a fim de pertencerem ao cânone literário brasileiro.

Vale lembrar que Candido (2000b) no prefácio de *A formação da literatura brasileira*, volume 2, cita Gregório de Mattos Guerra como um exemplo de manifestação literária, e, por esta razão mantém o poeta fora de sua historiografia e inicia a cronologia

literária do Brasil a partir do Arcadismo, movimento do século XVIII posterior ao Barroco.

Com efeito, embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, ele não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo (...) antes disso, não influenciou, não contribuiu para formar o nosso sistema literário. (CANDIDO, 2000b, p.24)

E esta afirmação de Candido, aliada a ausência do Barroco brasileiro na sua historiografia literária, leva Haroldo de Campos (1989) a diversos questionamentos.

Campos retoma a fala de Antônio Candido sobre a importância da escrita de Gregório de Mattos para a formação da literatura brasileira como um sistema, já que Candido diz que Gregório não contribuiu devido a sua ausência por séculos até a sua redescoberta no Romantismo. Em seguida, Campos (1989) traz a fala do importante modernista brasileiro, Oswald de Andrade que se contrapõe a visão de Candido (2000):

“Gregório de Mattos foi sem dúvida uma das maiores figuras de nossa literatura. Técnica, riqueza verbal, imaginação e independência, curiosidade e força em todos os gêneros, eis o que marca a sua obra e indica desde então os rumos da literatura nacional.” (ANDRADE, 1945, apud CAMPOS, 1989, p.9)

Nesse sentido, Campos (1989) afirma que isso consiste em um paradoxo Borgiano e/ou Pessoaano – No poema de Fernando Pessoa Ulisses é o fundador de Lisboa por não ter existido. Então, Gregório de Mattos Guerra, seria o fundador da literatura brasileira por não ter existido historicamente.

Nessa aparente contradição entre presença (pregnância) poética e ausência histórica, que faz de Gregório de Mattos uma espécie de demiurgo retrospectivo, abolido no passado para melhor ativar o futuro, está em jogo não apenas a questão da “existência” (em termos de influência no dever factual de nossa literatura) mas, sobretudo, a da própria noção de “história” que alimenta a perspectiva segundo a qual essa existência é negada, é dada como não-existência (enquanto valor “formativo” em termos literários). (CAMPOS, 1989, p. 10-11)

No prefácio da primeira edição de Formação da Literatura Brasileira, Antonio Candido explica que seu livro de crítica foi escrito seguindo uma perspectiva histórica e que, portanto, as obras que ali aparecerão são aquelas que integram um sistema literário:

Em um livro de crítica, mas escrito de um ponto de vista histórico, como este, as obras não podem aparecer em si, na autonomia que manifestam, quando abstraímos as circunstâncias enumeradas; aparecem, por força da perspectiva escolhida, integrando em dado momento um sistema articulado e, ao influir sobre a elaboração de outras formando, no tempo, uma tradição. (CANDIDO, 2000, p. 24)

Há, então, o questionamento de Haroldo de Campos (1989, p. 12) ao dizer que esta “perspectiva histórica” foi “enunciada a partir de uma visão substancialista da evolução literária, que responde a um ideal metafísico da entificação do nacional”. E que a existência desse único olhar sob a literatura brasileira pode levar à exclusão de alguns escritores:

A “perspectiva histórica” é, pois, uma perspectiva ideológica. E como tal se manifesta, quando o critério de pertinência que a rege é explicitado (...) Por outro lado, num movimento de contrapartida, que responde à já sublinhada postura “disfórica” da crítica, é ressaltado que a mesma disposição proveitosa pode muitas vezes redundar nos escritores “em prejuízo e desnorteio, sob o “aspecto estético”, o que, no limite, exclui certas de suas manifestações do “terreno específico das belas-letas”. (CAMPOS, 1989, p.16-17)

E, por esta razão, termos como “perspectiva histórica” devem ser melhor analisados, para que não sejam aceitos como verdade absoluta, uma vez que a perspectiva histórica pode mudar a partir de novas descobertas:

Aqui se coloca a questão da “objetividade” e do que nesta pode haver de relativo (...) “Perspectiva histórica”, “ponto de vista histórico”, “orientação histórica” são expressões que não podem ser aceitas como verdades objetivas, dotadas de unicidade de sentido, apodíticas. Antes, devem ser reexaminadas em seus elementos lexicais constitutivos. (CAMPOS, 1989, p.31)

É possível entender, portanto, que para Campos (1986) esta visão pautada na apenas em uma perspectiva histórica engessada e sistematizada, além de não corresponder a real formação da literatura brasileira, também apaga a existência diversos autores e obras, no caso desta discussão que ele traz, Gregório de Mattos Guerra. É necessário então, que haja um olhar atual para a formação histórica da literatura brasileira, sobretudo para autores e obras que, por alguma razão ou adversidade, se mantiveram ocultos por um período, mas que hoje a sua presença no cânone literário se faz relevante.

E é nesse contexto que Campos (1989) introduz o que ele chama de “sequestro do Barroco”, que consiste na exclusão do Barroco brasileiro como um importante movimento literário, bem como a de seu principal poeta, e um dos grandes poetas brasileiros, Gregório de Mattos Guerra da Formação da Literatura Brasileira.

O crítico fala como a criação de rótulos pra as obras faz Candido (2000) ao entender algumas criações como “manifestações literárias” separa a literatura brasileira e, conseqüentemente, exclui algumas criações.

A exclusão – o “sequestro” – do Barroco na **Formação da Literatura Brasileira** não é, portanto, meramente resultado objetivo da adoção de uma “orientação histórica”, que timbra em separar literatura, como “sistema”, de “manifestações literárias]’ incipientes e assistemáticas (...) Essa exclusão – esse “sequestro” – e também essa inexistência literária, dados como “históricos” no nível manifesto são, perante uma visão “desconstrutora”, efeitos, no nível profundo, latente do próprio “modelo semiológico” engenhosamente articulado pelo autor da **Formação**. (CAMPOS, 1989, p.32 – grifo do autor)

Por esta razão, quando Antônio Candido (2000b) abraça na Formação da Literatura Brasileira apenas as obras e autores que existiram a partir de uma perspectiva histórica – que também pode ser entendida como uma visão diacrônica da literatura, como foi especificado anteriormente – sua historiografia exclui a existência de um importante movimento literário brasileiro, o Barroco. E como consequência disso, Gregório de Mattos Guerra, um dos grandes poetas brasileiros, também é omitido por ser entendido como uma manifestação literária que não contribui para o sistema literário brasileiro.

E por esta razão, Campos (1989) entende que este modelo de Candido (2000b) é “necessariamente redutor”:

Com base nesses pressupostos, constitui o seu modelo de descrição e de explicação. O modelo é necessariamente redutor, o que nele não cabe é posto à parte, rotulado de “manifestações literárias” por oposição à “literatura” propriamente dita, à literatura enquanto “sistema”. (CAMPOS, 1989, p.36-37)

É importante salientar também, que Campos (1989) fala sobre a preferência do crítico de A Formação da Literatura Brasileira pelas funções da linguagem Referencial e Emotiva. A função referencial da linguagem tem como objetivo informar, enunciar, normalmente usada na terceira pessoa. Enquanto isso, a função Emotiva, também chamada de expressiva, tem função de exteriorizar a subjetividade do locutor.

Nesse sentido, Campos (1989, p. 28) entende que a literatura privilegiada por este modelo que põe em ênfase as funções da linguagem referencial e emotiva é a Romântica. E por esta razão, a preferência por estas funções da linguagem também pode ter acarretado a ausência do Barroco na Formação, tendo em vista que a poesia barroca, sobretudo a de gregório, é dotada das funções da linguagem Poética e Metalinguística, que primam pela forma são centradas no código e na autorreferencia.

Sendo assim, a partir da análise de Haroldo de Campos (1989) é possível entender que A Formação da Literatura Brasileira de Antonio Candido (2000) privilegia algumas literaturas em detrimento de outras:

A **Formação** privilegia - e deixa visível como uma glosa que lhe percorre as entrelinhas - um certo tipo de **história**: a evolutiva – linear – integrativa, empenhada em demarcar, de modo encadeado e coerente, o roteiro de “encarnação literária do espírito nacional” (I:26); um certo tipo de tradição, ou melhor, “uma certa continuidade da **tradição**” (I:16): aquela que, “nascida do domínio das evoluções naturais”, foi “transposta para o do espírito”, ordenando as produções deste numa “continuidade substancial”, harmoniosa, excludente de toda perturbação que não caiba nessa progressão finalista. (CAMPOS, 1989, p.36 – grifo do autor)

Por isso, Campos (1989, p.41) traz o questionamento de Jauss e Escarpit que fala que todo escritor depende do meio e das concepções ideológicas de seu público e que, portanto, o sucesso literário está em uma obra que corresponde a expectativa do grupo. Nesse sentido, Gregório de Mattos Guerra obteve êxito em sua poesia já que mesmo que pequeno, o poeta teve um público efetivo e que foi afetado por sua obra. Campos ainda fala sobre como a obra de Mattos é representativa para o momento literário em que está inserida:

Um poeta cuja produção é marcadamente representativa por um estilo (o Barroco) que por sua vez a transcende e que se prolonga em seus efeitos (estilemas) para além dela no espaço literário, mesmo depois que essa obra e autor, como tais, tenham experimentado um processo de ocultação e passado de extensivo e recessivos no horizonte recepcional. (CAMPOS, 1989, p.41)

Gregório de Mattos possui, portanto, uma poesia relevante, tanto para o momento literário em que esteve presente, como para as escolas literárias que viriam a seguir. Por mais que durante algumas décadas a sua poesia tenha permanecido oculta, uma vez redescoberta, analisada e passada adiante ela se faz importante para o cânone literário brasileiro.

Candido (2000) afirma que a produção literária do “Boca do inferno” não deve ser considerada como parte integrante do processo formativo da Literatura Brasileira, por se configurar como uma “manifestação literária”, irrelevante para o “passar de bastão” que produz a continuidade do sistema literário.

No entanto, Campos (1989) fala sobre como essa relação de continuidade é menos complexa, porque apesar de sua ocultação por um período, ainda havia a tradição oral e a atestação do público de Gregório que não deixou que sua poesia morrer.

No caso de Gregório e de nosso Barroco do período colonial essas questões são muito menos complexas, pois, embora não haja uma verdadeira edição da crítica de nosso grande avoengo do Recôncavo, há a tradição oral, há os apógrafos, há a abstração de um público e das reações que junto a este suscitou a língua ferina do “Boca do inferno”; há, sobretudo, o próprio Barroco, que, como grande código universal da literatura do tempo, dominou desde Camões e se prolongou em nítidos traços barroquizantes na poesia

dos próprios árcades, nas “monstruosidades escritas em português macarrônico” do “pai do rococó” Odorico Mendes e na implosão subversiva de Sousândrade, que arruína, excêntrico, a construção harmoniosa de nosso Romantismo oficial. (CAMPOS, 1989, p. 42)

Portanto, embora Candido não considere o Barroco e Gregório de Mattos Guerra como partes integrantes do sistema que constitui a literatura brasileira, é possível perceber a relevância deste autor tanto para o entendimento atual de como se formou a literatura no Brasil, quanto como influência para os escritores e poetas que o sucederam.

Sob esse aspecto, cabe retomar a importância da perspectiva sincrônica na literatura. Quando se olha para o passado literário do Brasil a partir de um ponto de vista atual é possível entrar em contato com escritas que, normalmente, não são abraçadas pelo cânone literário por não terem sido relevantes no período de sua produção ou que – no caso de Gregório de Mattos – tenham permanecido ocultas por um período.

Nesse sentido, assim como Gregório de Mattos Guerra, outros tantos escritores foram ocultos com o tempo. Como dito anteriormente, pela extensão do Brasil e pela seletividade que muito tempo existiu no círculo literário do país, diversos autores produziram de forma independente, e por esta razão muitas obras foram esquecidas ou ocultas do cânone. E isso se deu, principalmente com escritas femininas.

Por muito tempo as mulheres não podiam escrever ou publicar. E quando o faziam suas obras, muitas vezes não recebiam assinatura, não era bem vista e não era divulgada, o que fazia com que entrassem no esquecimento.

Até o século XX muitas escritoras viveram às margens da sociedade literária. Recentemente, com a descoberta de alguns destes escritos, é possível identificar muito valor na produção feminina brasileira. Contudo, como eram isoladas e muitas vezes não publicadas, de acordo com a visão de Candido (2000) devem ser entendidas apenas como manifestações literárias, e, deste modo, não devem contribuir para o cânone.

E então, ao entrar em contato com esta literatura que foi redescoberta, um olhar sincrônico pode levar o crítico a entender a relevância daquela obra para o estudo atual da literatura brasileira. Então, a partir dessa discussão, pode-se entender como a escrita de Maria Firmina dos Reis, que permaneceu oculta por algum tempo, ainda

assim pode contribuir para o sistema literário, se analisada a partir do questionamento e Campos (1969).

É notório, no entanto, que a abordagem estético-crítica defendida pelos irmãos Campos possivelmente não incluiria a obra de uma escritora de romance sem muitas inovações estéticas como Maria Firmina dos Reis, uma vez que a obra desta autora tem maior importância histórica. No entanto, a visão de inclusão e o questionamento do que entra ou não no cânone literário trazido por Campos (1969) é essencial para que se possa entender a ausência de escritoras como esta.

Sendo assim, a partir de um olhar sincrônico, e tendo como perspectiva o estudo sobre a obra de Gregório de Mattos Guerra, é possível analisar também a escrita feminina que também foi sequestrada na Formação da Literatura Brasileira e que, por esta razão precisa ser resgatada.

2.2 SE O BARROCO FOI SEQUESTRADO, A ESCRITA FEMININA TAMBÉM

No prólogo de *Cancros Sociais*, uma peça de 1865 que é considerada uma das primeiras obras contra a escravatura no Brasil, Maria Angélica Ribeiro traz um protesto contra a falta de oportunidade para a escrita feminina naquele século:

Sei que uma mulher, especialmente, pobre, não pode elevar-se a certas regiões. O despeito de uns, a intolerância de outros, a injustiça de muitos, e sobretudo, a calúnia sempre ávida de vitimar a fraqueza feminina, cedo ou tarde, com aleives e injúrias, lá a despenham dessas alturas, se porventura soube atingi-las. Cumpre-nos obedecer aos homens!

A mulher brasileira, se não quer sujeitar-se ao escárnio dos espirituosos e às censuras mordazes dos sensatos, não tem licença para cultivar o seu espírito fora das raias da música ao piano, e das de algumas frases, mais ou menos estropeadas, de línguas estrangeiras! As europeias, sim, essas inteligentes e talentosas podem estudar e escrever; poetar ou compor dramas e romances; podem satisfazer às ambições da sua alma, ter culto e conquistar renome...

Entre nós, não, que nada disso se pode dar! O que sai de lavra feminina, ou não presta, ou é trabalho de homem. E nesta última suposição, vai uma ideia oculta e desonesta.

E para que compraríamos, nós mulheres, a fama de sermos autoras de trabalhos que não fossem nossos, se com ele nada ganhamos, nem temos a possibilidade de obter lugar ou emprego pelos nossos méritos literários? (RIBEIRO, 1866, p. x-xi, apud MUZART, 2000, p. 321-322)

Maria Firmina dos Reis, no prólogo do primeiro romance abolicionista brasileiro, *Úrsula*, em sua fala humilde entende que um romance escrito por uma mulher pode ser alvo de riso para o círculo literário brasileiro do período.

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2020, p. 47)

Essas duas mulheres, de diferentes lugares do Brasil, uma carioca outra maranhense, escreveram e publicaram no mesmo espaço de tempo e, talvez pelas mesmas razões ou talvez por razões diferentes, sabiam que estavam entrando em um ambiente que não havia sido pensado para elas, que não as cabia.

Ser uma mulher escritora no período em que Maria Angélica e Maria Firmina escreveram era um movimento contrário a tudo que socialmente era esperado de uma mulher. Mas elas fizeram, revolucionaram, escreveram. E foram inovadoras, trazendo à luz questões que pouco eram discutidas, como o abolicionismo.

Contudo, é pouco provável que sejam encontradas nas principais historiografias literárias brasileiras as produções dessas autoras. E, tendo em vista que a escrita das duas Marias em questão não foram as únicas escritas femininas presentes no século XIX, cabe pensar nos motivos que as afastam do cânone literário brasileiro.

Em primeiro lugar, é importante conceitualizar cânone. De acordo com Manzola (2015) o cânone, de qualquer área, é o grupo de imagens que entra para o imaginário coletivo e que por esta razão se torna o modelo para o que será produzido posteriormente. Para isso o autor dá o exemplo do domo da catedral de Florença na Itália de F. Brunelleschi e do Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci que se tornaram referência, portanto cânone, para a arquitetura e para as proporções humanas nas artes, respectivamente.

Algumas imagens de arte são tão presentes no imaginário social que retornam a todo instante. Essas imagens ocupam lugares estabilizados historicamente pelas instituições de ensino, tradições de crítica e classes dominantes: elas constituem o que chamamos de cânone imagético ocidental. (MANZOLLA, 2015, p.22)

Então o cânone seria uma lista de autores e obras que devem ser considerados importantes para a formação ou para o conhecimento. E esta tradição de criar um rol das obras que mereciam a posteridade é praticada desde a antiguidade greco-romana, em que os filósofos alexandrinos elegiam as obras que deveriam ser tornar clássicos:

O hábito de criar listas de obras e de autores (con)sagrados, ou clássicos, é algo que data desde muito tempo. Tal procedimento já era praticado na Antiguidade greco-romana: os filósofos alexandrinos foram os primeiros a elaborar listas de obras literárias dos séculos anteriores para facilitar o seu estudo. Os escritores que compunham essas listas eram chamados de “os aceitos”. No século I, estabeleceu-se uma lista dos escritores “modelares” e, no século II, denominaram-nos “clássicos”. (LM.RICARDO, 2004, p. 25, apud MANZZOLA, 2015, p.30)

Muitos séculos depois, durante a Idade Média, quando a Igreja católica travava uma luta contra a reforma protestante, foi criada uma lista de obras que não deveriam ser lidas, o Índice de Livros proibidos – Index Librorum Prohibitorum. Era função exclusiva da Igreja, neste período, ditar o que poderia e o que não poderia ser lido, além disso, era comum que fosse orientado o modo como as obras deveriam ser lidas. Por essa razão a origem da palavra cânone é fortemente ligada à esta tradição religiosa.

De acordo com Perrone-Moisés (1998) a palavra cânone tem origem do grego Kanón, a partir do latim Canon, e significa regra. Esta ideia de que o cânone é uma regra do que é adequado para a leitura está ligada diretamente a sua origem religiosa.

A palavra cânone vem do grego kanón, através do latim canon, e significa regra. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu um sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modeladores. No que se refere à Bíblia, o cânone é o conjunto de textos considerados autênticos pelas autoridades religiosas [...] no âmbito do catolicismo, também tomou sentido de lista de santos reconhecidos pela autoridade papal. Por extensão, passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição. (PERRONE-MOISÉS, 1998, p.61, apud MANZZOLA, 2015, p.31)

Sendo assim, esta tradição que nasceu no século I e ganha força e nome durante o período da Inquisição mantém-se forte até os dias atuais no papel de ditar o que dever ou não ser considerado um clássico, e por esta razão, delimita o que deve ser estudado, conhecido, apreciado e passado para as próximas gerações.

Para Bloom (1995) o cânone é o local de sobrevivência de uma obra, já que uma vez nesta lista de obras que merecem reconhecimento e disseminação, a obra literária será passada de geração em geração e ganhará novos olhares, novas interpretações e novos contornos, o que a manterá viva para sempre.

“Um poema, um romance ou peça adquire todas as perturbações humanas, incluindo o medo da mortalidade, que na arte da literatura se transforma na busca de ser canônico, de entrar na memória comunal ou da sociedade” (BLOOM, 1995, p.26 apud MANZZOLA, 2015, p.33)

Sendo assim, uma vez que uma obra entra no imaginário coletivo a sua vitalidade aumenta. Por esta razão, estar dentro do cânone é importante, pois esta tradição dita o que estará presente nos estudos de literatura nas escolas. Por isso, cabe também entender o que leva uma obra literária a entrar para o cânone. Para Bloom (1995) os escritores presentes no cânone devem ser aqueles que são essenciais para a cultura. E ainda fala sobre quem determina a escolha destas obras:

O cânone, palavra religiosa em suas origens, tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência, quer ser interpretado a escolha como sendo feita por grupos sociais dominantes, instituições de educação tradições de crítica, ou, como eu faço, por autores que vieram depois e se sentem escolhidos por determinadas figuras ancestrais. (BLOOM, 1995, p.28, apud MANZZOLI, 2015, p.34)

Ainda sobre a escolha das obras para o cânone Manzoli (2015, p. 40) fala que isso pode se dá a partir de pelo menos três fatores: “a) sua presença na lista de livros obrigatórios do sistema de ensino; b) a nuvem crítica e comentário sobre a obra; e c)

a indústria editorial que, por meio do marketing e outras estratégias midiáticas atribui à obra visibilidade cultural”

Neste sentido, é possível entender que a formação do cânone de uma literatura se dá a partir de escolhas, seja de um grupo social, seja por uma questão educacional ou até mesmo por marketing.

No Brasil, por muito tempo a crítica literária, responsável por construir o ideal de cânone da literatura brasileira, foi constituída por homens. De acordo com Manzola (2015, p. 31) os primeiros registros da literatura, então o início do cânone, foram *Bosquejos da história da poesia em língua portuguesa*, de Almeida Garret e *Resumé de l’Histoire do Brésil*, de Ferdinand Denis.

Depois destes, muitos outros críticos literários estudaram a literatura brasileira a fim de construir um cânone. No entanto, há questionamentos que podem ser feitos relacionados aos apagamentos que ocorreram nas principais historiografias literárias brasileiras que, ainda hoje, são norteadoras de quais obras literárias devem ser transmitidas às novas gerações.

Conforme foi discutido anteriormente, Haroldo de Campos (1989) expõe a exclusão – o sequestro – do Barroco e de seu principal poeta, Gregório de Mattos Guerra, de uma das mais importantes historiografias literárias do Brasil, *A formação da literatura brasileira de Antonio Candido*. Nesse sentido, tão clara quanto a ausência do Barroco nesta historiografia literária é a ausência da escrita feminina.

No ensaio *A questão do cânone* Zahidé Lupinacci Muzart (1995) discute sobre como o cânone brasileiro foi formado e tenta entender o que levou a exclusão das mulheres, sobretudo as escritoras do século XIX, das historiografias literárias do Brasil.

Para isso Muzart (1995) pontua:

“O estudo do cânone está ligado, pois, a varias coisas, principalmente à dominante da época: dominantes ideológicas, estilo de época, gênero dominante, geografia, sexo, raça, classe social e outros. Aquilo que é canonizado em certas épocas, é esquecido noutras; o que foi esquecido numa, é resgatado em outra. Como Sousândrade, no Brasil, como Baudelaire na Franca... Entre outros. (MUZART, 1995, p. 86)

Sendo assim, alguns importantes fatores levam um autor a estar presente no cânone: gênero, raça, geografia e classe social, são alguns que impactam fortemente na presença. Muzart (1995, p.85) entende que, por muito tempo, a questão geográfica

impactava fortemente, pois só era canonizado o autor que vivia no eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais e que, portanto, podia frequentar os importantes círculos literários e manter contato com as grandes editoras.

Para isso, Muzart (1995, p. 86) traz o exemplo do poeta simbolista Cruz e Sousa, que em 1887 foi mantido fora da Academia Brasileira de Letras mesmo após a publicação de *Missais e Broqueis*. Para a autora, diversas questões podem ter contribuído para a exclusão deste poeta: a sua cor e origem, já que era negro e nascido filho de escravizados num país que abolira a escravidão há pouco tempo. Além disso, Cruz e Souza não pertencia ao eixo Rio-São Paulo-Minas Gerais mencionado anteriormente, por isso era considerado um provinciano. E, por fim era simbolista, Muzart (1995) ressalta o preconceito sofrido pelos autores simbolistas pelo próprio círculo literário.

Na Academia Brasileira de Letras entrou um mulato, entrou um negro mas não entraram simbolistas. Grupo marginal e marginalizado, enfrentava o preconceito literário dos grupos dominantes, entre os quais os ainda-parnasianos unha-e-carne com o Poder. (MUZART, 1995, p.88)

Além disso, Muzart (1995, p.88) fala que Cruz e Sousa era extremamente pobre e morreu miserável. E orgulhoso, mantinha-se longe dos círculos sociais dos intelectuais da época. E estar dentro dos círculos, por muito tempo, foi importante para que o autor fosse considerado relevante. Cruz e Souza, morreu às margens, sem reconhecimento e ficou fora da Academia. Diversos são os motivos que podem ter levado este autor a não ser aceito pelos demais, mas Muzart (1995) pontua que a ausência dos círculos sociais pode ter sido o principal deles.

E isso leva a reflexão de que, por muito tempo as mulheres não eram bem vindas nos círculos sociais. As suas vozes não podiam ser ouvidas em meio aos homens e sua figura era a sombra de um pai ou de um marido.

Sendo assim, cabe questionar se a escrita feminina teve alguma chance de estar entre os grandes, sendo que sequer era bem vinda nos círculos literários e nos encontros sociais. Por isso, é possível entender os motivos sociais que afastavam as mulheres brasileiras dos círculos intelectuais do século XIX. A escrita feminina não tinha a oportunidade de chegar aos lugares de partilha literária. E se, por alguma razão ímpar, o texto de uma mulher chegasse, não era bem recebido.

Muzart (1995) fala sobre como o confinamento das mulheres impedia que sua escrita chegasse às rodas de poder da literatura. Pois, como mencionado anteriormente, uma

das maiores questões que manteve Cruz e Sousa fora da Academia Brasileira de Letras foi a sua ausência dos círculos intelectuais da época. Sendo assim, é possível entender que as mulheres, excluídas socialmente de qualquer ambiente tido historicamente como masculino, sequer tinham a oportunidade de mostrar seu trabalho ou participar das trocas de ideias que poderia levar à melhoria e aperfeiçoamento de sua escrita.

Porque a questão do cânone toca-nos a todos. E, sobretudo, para acentuar a importância da vida social na canonização do escritor [...] devemos refletir no cercamento da liberdade dessas mulheres confinadas ao lar, não frequentando tais rodas de poder. (MUZART, 1995, p.88)

Muzart (1995) exemplifica isso ao falar dos desafios que podem ter sido enfrentados pelas mulheres que escreveram no estilo parnasiano, já no fim do século XIX. E isso se dá porque o parnasianismo tem como principal característica a escrita rebuscada, que necessita de grande conhecimento acadêmico do escritor, e dotada de exigências formais que necessitavam de dedicação e muito estudo. No entanto, a maioria das mulheres brasileira deste período eram privadas daquilo que era necessário para uma boa escrita parnasiana: uma formação escolar de qualidade e a troca de conhecimento proporcionada pelo diálogo intelectual. E por esta razão, Muzart (1995) fala sobre como era desafiador ser escritora nestas circunstâncias, mas que mesmo assim algumas mulheres o fizeram:

Quando se olha, principalmente, para as parnasianas do final do século XIX, ficamos nos perguntando que desafio seria escrever aquele tipo de poesia que implicava tantas exigências formais. Uma poesia erudita para quem carecia de erudição, de estudos. Elas não tinham acesso às boas escolas, as suas leituras eram orientadas para o ideal de mulher “do lar, não tinham liberdade de movimentos, de viagens. E, sobretudo, não tinham a liberdade de discutir ideias. Como ser poeta parnasiana em tais condições? E algumas o foram e se salientaram como Francisca Julia. (Muzart, 1995, p. 88)

E então, mesmo contra a estrutura social daquele período, muitas mulheres escreveram, saindo assim, do modelo que era proposto para uma senhora daquele século. Algumas, inclusive, conquistaram a publicação de suas obras. Apesar disso, é ausente a escrita feminina do século XIX no cânone literário brasileiro. Muzart (1995, p. 87) fala que raramente é encontrada a escrita de uma dessas escritoras do século XIX nas principais historiografias literárias brasileiras como a de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi e Antonio Candido, com *A formação da literatura brasileira* que foi citada anteriormente. E salienta ainda que mesmo nas historiografias mais antigas como as

de Silvio Romero, José Verissimo e Ronald de Carvalho, a escrita feminina não está presente.

Nesse sentido, a autora fala ainda sobre o que é recorrentemente excluído do cânone literário brasileiro:

Observa-se que, em geral, são excluídos do cânone: o popular, o humor, o satírico e o erótico. O baixo é excluído. Permanece o alto. No entanto, há um estilo alto, romântico, beletrista e que deixou produção abundante também excluída do cânone: é o texto das mulheres no século XIX, texto sempre destacado nas críticas de jornais, em sua época, qual secção de trabalhos manuais, como Obras de Senhoras. (MUZART, 1995, p. 86-87)

Ao apontar que as belas letras entram para o cânone, mas que apesar da escrita feminina ser assim considerada não entrou. Cabe então, pensar nas outras razões que podem ter afastados estas mulheres do pedestal das obras que devem ser passadas através das gerações.

No prólogo da obra *Escritoras brasileira do século XIX*, antologia em que Muzart (2000) organiza a biografia e as obras, que por muito tempo permaneceram esquecidas, das escritoras deste período, a autora fala sobre como a escolha do cânone que sempre foi relegada a homens, pode ter afetado a presença da escrita feminina.

Apesar de desnecessário, é sempre bom lembrar que, no Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível – e até festejada – no primeiro quartel do século XX. Ainda que singulares e produtivas, nossas escritoras de antes, sobretudo as do século XIX, foram sistematicamente excluídas do cânone literário, que, é claro, era forjado unicamente pela crítica e pela historiografia masculina. (MUZART, 2000, p.18)

No entanto, apesar de todas as barreiras que a sociedade patriarcal do século XIX colocava contra as mulheres que desejavam ter um papel ativo na literatura, a produção literária foi grande. Muzart (2000) salienta, é claro, que não chegou perto dos números masculinos, principalmente no que se trata de publicação.

[...] são numerosas as escritoras brasileiras do século XIX, escreveram muito e abordaram todos os gêneros: das cartas e diários, dos contos, dramas e comédias, teatro a revistas, operetas, ensaios e críticas literárias. Perto da produção masculina, podemos dizer que as mulheres pouco publicaram. Contudo, não pouco escreveram. (MUZART, 1995, p.90)

Neste sentido, cabe mencionar escritoras como Maria Angélica Ribeiro, que aos vinte e cinco anos de idade em 1855 iniciaria uma carreira na literatura dramática que em uma década contaria com vinte e duas peças teatrais, doze dramas e dez comédias, que foram enviadas e elogiadas pelo órgão responsável pelo teatro da época, o

Conservatório Dramática. Para em seguida serem representadas no Teatro Ginásio Dramático para um grande público que contava com figuras ilustres como Machado de Assis.

Maria Angélica produziu a peça *Cancros Sociais* em 1865, um drama elogiado por jornais como o *Diário do Rio de Janeiro*, a partir de uma crítica de Machado de Assis, que ressalta a inovação em ver uma mulher falando de assuntos importantes como abolição:

“O novo drama é ainda um protesto contra a escravidão.

Apraz-nos ver uma senhora tratar de assuntos que outra senhora de nomeada universal, Mrs. Beecher Stowe, iniciou com mão de mestre [...]

Feitos estes reparos ligeiros, resta-nos aplaudir do intimo d'alma a nova autora de *Gabriela*, cujo talento está recebendo do público legítimos sufrágios”. (ASSIS, 391-392, apud MUZART, 2000, p. 318)

Com esta obra, Maria Angélica Ribeiro “advoga mais especificamente a causa da mulher escrava” (Muzart, 2000, p. 322) o que denota a importância da sua obra tanto para o período em que foi escrito quanto para os atuais estudos de literatura. Contudo, Maria Angélica Ribeiro, não está presente nas principais historiografias literárias do Brasil.

Mas a autora sabia de sua condição de mulher escritora, sabia que mesmo apesar de seu nítido sucesso, seu nome provavelmente não seria lembrado entre os grandes. Como citado anteriormente, já no prólogo de *Cancros Sociais*, Maria Angélica fala que sabe que alguns lugares não são feitos para as mulheres, especialmente as pobres, e que a escrita produzida por uma mulher “ou não presta ou é trabalho de homem” (RIBEIRO, 1866, p. x-xi, apud MUZART, 2000, p. 321-322)

Outra mulher que entendia seu lugar, ou o lugar que não lhe pertencia, no círculo literário foi Maria Firmina dos Reis, que escreve o primeiro romance abolicionista brasileiro e publica sob o pseudônimo de “Uma Maranhense” em 1856. Apesar da importante temática de sua obra, não teve grande repercussão no período de sua escrita. De acordo com Muzart (2000, p. 266), devido à sua publicação na periferia, longe da corte, e por Maria Firmina ser “uma mulher e negra”.

Maria Firmina dos Reis, ao publicar seu romance, assim como Maria Angélica Ribeiro sabia que ele passaria pelo olhar julgador da sociedade patriarcal do século XIX. Mas ambas se mantiveram fortes no propósito maior de sua escrita.

Em um período em que tudo conspirava contra a escrita feminina, principalmente de uma mulher com pouca instrução, pobre e negra, Maria Firmina dos Reis deu à luz a seu romance e apresentou-lhe para o mundo como uma mãe orgulhosa. No entanto, assim como Maria Angélica Ribeiro, Maria Firmina dos Reis também não foi abraçada pelas principais historiografias literárias do Brasil.

Muzart (2000) entende que o gênero literário escolhido pela escritora também afeta o modo como a sociedade a enxerga e, portanto, a sua presença no cânone. E, neste sentido, as poetizas são bem vistas em detrimento das romancistas e teatrólogas:

Penso que, entre as várias razões para a não canonização das escritoras do século XIX, tem sido muito importante o gênero literário escolhido. Na aceitação de uma mulher escritora, essa questão não foi nada desprezível. Verifica-se que as poetizas são, em geral, aceitas, mesmo que o sejam apenas por benevolência, e que algumas foram respeitadas[...] Dos gêneros escolhidos pelas mulheres, são as teatrólogas e as romancistas as mais esquecidas. Mulheres com importantes bagagens como Maria Benedita de Bohrman, que publicou com o pseudônimo de délia, foram omitidas da historiografia literária por razões que se misturam com o código moral da burguesia!! (MUZART, 1995, p.90-91)

Em *A formação da literatura brasileira*, Antonio Candido traz um panorama da literatura brasileira no período do Arcadismo ao Romantismo. No entanto, é ausente a escrita feminina.

Cabe mencionar que muitas escritas e publicações femininas foram descobertas apenas após a publicação da historiografia de Candido (2000b), como é o caso de Maria Firmina dos Reis que teve sua obra redescoberta somente nos anos setenta.

No entanto, mesmo escritoras como Maria Angélica Ribeiro que causaram grande comoção social com sua obra ainda no século XIX, não são abordadas. O que leva ao pensamento de que a escrita feminina, assim como afirma Haroldo de Campos (1989) sobre o Barroco, também foi sequestrada.

Neste sentido, cabe olhar para o valor destas escritas, e a partir de uma perspectiva sincrônica entender a sua importância para a literatura brasileira. Muzart (1995,p. 89) fala que o resgate da escrita das mulheres do século XIX deve mudar a historiografia oficial e, sobretudo, “deverá mudar a nossa própria maneira de encarar nossa própria história”.

No resgate das esquecidas, queremos demonstrar que também a mulher, no século XIX, no Brasil, mesmo em seu papel de sombra de um marido ou do pai, interessou-se pelas ideias de seu tempo e tentou participar da vida intelectual, criticando-as. Assim, na defesa das minorias, do índio e do negro,

a voz feminina não esteve ausente. Leia-se por exemplo Maria Benedita de Bohrman, Ana Luiza de Azevedo e Castro, Maria Firmina dos Reis, Ana Euridice Eufrosina de Barandas, Maria Angélica Ribeiro, entre outras. (MUZART, 1995, p.89-90)

Neste sentido, cabe entender melhor quem era Maria Firmina dos Reis, sua origem, seus anseios e sua vivência, tendo em vista que todos estes fatores contribuíram para a sua formação como escritora.

2.3 UMA MARANHENSE

Maria Firmina dos Reis nasceu na ilha de São Luiz, Maranhão, em onze de outubro de 1825 de acordo com FLORES (2011, p.615), no entanto, conforme aponta ADLER (2018, p. 219) esta data de nascimento pode ser refutada pelo registro do Auto de justificação do dia do nascimento de Maria Firmina dos reis, da Câmara Eclesiástica/Episcopal, de 25 de junho de 1847, que diz que a autora nasceu em 11 de Março de 1822 e foi batizada no dia 21 de Dezembro de 1825³.

Ainda criança, em 1830, mudou-se para a vila de São José de Guimarães, município de Viamão, também no Estado do Maranhão (MUZART, 2000, p.264).

Descrita como “mulata”⁴ por muitos autores, é sabido que Maria Firmina dos Reis era bastarda e que seu pai era um homem negro. No entanto, o modo como esta filiação é descrita diverge em algumas publicações. Flores (2011) fala que a autora era filha bastarda de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis. Entretanto, Schumacher e Brazil (2000) trazem Firmina como filha de Leonor Felipe dos Reis, que mais tarde foi registrada por João Pedro Esteves.

Outra questão que ainda deixa dúvidas sobre a origem de Maria Firmina dos Reis é a cor de seus pais. Por muito tempo acreditou-se que ela era filha de mãe branca e pai negro, o que acarretou sua descrição como mulata em diversas publicações. Contudo, Machado (2019) disserta sobre os recentes estudos que revelam que Leonor, mãe de Maria Firmina, também era uma mulher negra:

Recentemente, devido à localização nos arquivos do Maranhão, pela pesquisadora Mundinha de Araújo, de novos documentos relativos a Maria Firmina dos Reis, duas correções a respeito de sua biografia estão sendo propostas. Uma primeira se refere à sua data de nascimento, que, como apontado acima, teria ocorrido em 11 de março de 1822, conforme consta em declaração em Auto de Justificação. Uma segunda diz respeito à localização de um Auto de Batismo de Maria, mulata filha de Leonor Felipa, que aparece como preta forra, ex-escrava de Caetano José Teixeira, o que implica novas abordagens da biografia de nossa autora, pois, nesse caso, ambos os pais seriam negros. (MACHADO, 2019, p.95)

Estas recentes descobertas sobre a filiação de Maria Firmina dos Reis podem deixar ainda mais claro o que motivava seus textos abolicionistas.

3 AUTOS DE JUSTIFICAÇÃO DO DIA DE NASCIMENO DE MARIA FIRMINA DOS REIS, datado de 25 de junho de 1848, Câmara Eclesiástica/Episcopal, série 26, Caixa n114 – Documentos – autos n^a 4.171, ano 1847 (12 fls. Frente e verso). Apud ADLER, 2018, p. 219.

4 A expressão “mulata” é usada em muitas publicações que citam Maria Firmina dos Reis, no entanto atualmente é considerada um termo racista.

Ao mudar-se para São José de Guimarães, a família da escritora foi mantida por uma tia de melhores posses, mencionada por Machado (2018) como Henrieta. Em seu diário publicado postumamente, Firmina fala da sua infância com melancolia ao lembrar da solidão, já que nesse período suas únicas amigas eram a irmã e a prima.

De acordo com Machado (2018), é possível pensar que esta solidão se deu devido à condição social da família, bem como pela cor da pele das irmãs:

Podemos nos perguntar se a vida isolada e sem atrativo de d. Leonor e suas filhas, numa vila do interior onde todos se conheciam, não resultaria do fato de elas não possuírem uma condição social aceitável, nem pelo estado civil da mãe e pela cor das filhas. (MACHADO, 2018, p. 23)

Como consequência desta solidão na infância, Maria Firmina dos Reis fala que recebeu uma educação freirática, que pode ser entendida como a educação religiosa que normalmente era oferecida as meninas naquele século:

De compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio de remate a estas disposições naturais. (MORAIS FILHO, p.211, apud MUZART, 2000, p.269).

Nesta declaração, além de ser possível comprovar a infância solitária e melancólica da autora, também já é notável o seu descontentamento com a educação. Uma vez que era diferente de acordo com o gênero da criança, o que se refletiria mais tarde nas ações de Maria Firmina como educadora.

E ser educadora é uma parte muito importante da vida de Maria Firmina dos Reis, que lecionou até seus 56 anos. Foi aprovada em 1847 como primeira professora de primeiras letras do município de Viamão, no concurso em que concorreu com outras duas candidatas.

Em 1880, conforme aponta Mott (1988, p.61, apud Muzart, 2000, p.265) Maria Firmina conquistou o título de Mestra Régia após alcançar o primeiro lugar em História da Educação Brasileira. No mesmo ano, a autora fundou uma escola gratuita para meninos e meninas. De acordo com Muzart (2000, p. 265) a fundação desta escola mista mostra as ideias avançadas de Maria Firmina para aquela época.

Cabe lembrar que a autora se lamentava da educação “freirática” que recebeu. Ou seja, a Mestra Régia não considerava correto uma educação diferente para as meninas, que normalmente era voltada a questões domésticas e religiosas. Sobre Isso Muzart destaca:

O fato de ter fundado a primeira escola mista do país mostra as idéias avançadas de Maria Firmina para a época. Pense-se no tipo de educação que recebiam as meninas no século XIX: leitura, com o objetivo religioso, bordado, piano e para algumas o ensino do francês, língua da sociedade! (MUZART, 2000, p.265)

No entanto, a sociedade maranhense do século XIX não estava preparada para a subversão que era uma escola mista, que foi considerada um escândalo. Por esta razão, dois anos e meio após a fundação, a escola mista de Maria Firmina dos Reis precisou ser encerrada. Sobre isso, Raimundo Meneses (1978, p.570, apud Muzart, 2013, p. 249) explica que a escola mista “escandalizou os círculos locais, em Maçarico [...] e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio.”

Nesse sentido, é possível notar o quanto esta mulher estava à frente de tempo por sonhar que independente do gênero, raça ou classe social, todos mereciam uma educação adequada. Contudo, mesmo com o fechamento de sua escola e sua aposentadoria, a sua vocação sempre a chamava de volta para as salas de aula, e desta forma, continuava ensinando os filhos de lavradores e fazendeiros no povoado de Maçaricó, como aponta Muzart (2000, p. 256).

Sua atuação como professora lhe conferiu certo prestígio social sendo homenageada por sua presença na educação de diversas gerações de Guimarães. Além disso, Maria Firmina por ser mestra e escritora era convidada muitas vezes a apresentar seus poemas em casamentos ou reuniões. Machado (2018, p.24) fala que “Tornando-se professora festejada e admirada, Firmina deve ter sido capaz de se impor socialmente, apesar do ‘defeito de cor”.

No entanto, em sua vida pessoal, a solidão ainda era constante, rodeada apenas por seus familiares e as crianças que adotava. Em um álbum de recordações publicado por Nascimento Filho, vários textos escritos por Maria Firmina a partir de 1853, revelam um pouco mais sobre a alma da escritora. Nestes textos é possível perceber o tom melancólico de sua escrita que, muitas vezes, lamenta a perda. De acordo com Muzart:

O tom que domina o “Álbum” é o elegíaco e, dentre as lamentações, encontram-se dados que nos permitem concluir que a vida de Maria Firmina foi árdua e solitária. O “Álbum” tem também teor de diário íntimo com anotações não só dos seus estados d’ alma, mas ainda de pequenos fatos como, por exemplo, em 11 de janeiro de 1860, mas ainda de pequenos fatos como, por exemplo, em 11 de janeiro de 1860, mudou-se de casa, em 1862, adotou um órfão, recém-nascido que faleceu um ano depois e, assim por diante. (MUZART, 2013, p. 251)

Maria Firmina dos Reis nunca se casou, conforme aponta Schymaher e Brazil (2000, p.390) “[...] contudo, apesar dos poucos recursos, adotou várias crianças e cuidava de numerosos afilhados”.

Sua escrita, entretanto, foi fértil e numerosa. Maria Firmina dos Reis produziu contos, poesias, diários, músicas, folguedos e romances. Entre os romances, *Úrsula*, o primeiro romance abolicionista do Brasil.

Este romance publicado por Firmina em 1959, *Úrsula*, traz uma história que à primeira vista é típica da segunda geração do Romantismo brasileiro. O enredo trágico de um jovem casal branco, se diferencia de tantos outros já publicados naquela época devido ao seu viés abolicionista.

Em 1861, é publicado *Gupeva*, um romance indianista, que de acordo com Muzart (2000, p. 267) tem “uma narrativa desastrosa tais os erros de enredo que apresenta. Em contrapartida, o conto A escrava traz de volta a temática abolicionista que torna a escrita de Maria Firmina tão à frente de seu tempo. De acordo com Machado (2019, p.96) este conto retrata a revolta de Viana ocorrida de 1867 “que pode ser considerada a maior revolta originada em um quilombo já ocorrida no Brasil”.

Além disso, a autora esteve presente como uma das principais poetisas da época na antologia, *Parnaso Maranhense de 1861* (MACHADO, 2019, p. 98). E ainda, de acordo com Muzart (2000, p. 270) publicou em 1871 o livro *Cantos à beira-mar* que posteriormente foi encontrado e republicado por Nascimento Morais Filho em 1976. Sobre a temática de seus poemas Muzart fala:

A poesia de Maria Firmina não foi nem mais nem menos original que a de suas contemporâneas. Poesias do ultrarromantismo, poesia da dor: usa e abusa dos temas do amor e da morte. Entre os temas mais frequentes, ressalta o amor à pátria e a sua terra. Assim, multiplicam-se poemas dedicados ao Maranhão, à natureza tropical. Mas a grande maioria fala do amor e da amizade, ternas dedicatórias a amigas e amigos, a poetisas. É preciso dizer que, em sua poesia, o tema do negro aparece várias vezes, mas não é um tema dominante, nem tão importante como na poesia de Castro Alves. (MUZART, 2000, p. 270-271)

Normalmente, em seu texto poético, Maria Firmina dos Reis adota o eu-lírico masculino, e Muzart (2000, p. 271) fala como isso era característico das mulheres que escreviam poesias neste período, pois uma vez que não podiam cantar seus próprios desejos eróticos, colocavam-se numa pele masculina para cantar a beleza feminina e exprimir um desejo que fosse aceitável.

Firmina produziu por toda a sua vida. Muzart (2000, p. 271) fala que para esta autora “escrever foi a própria vida. Escreveu sempre e abundantemente. É provável que não tenhamos nem a metade dos textos que essa mulher confiou às páginas de cadernos e blocos”. E publicou tanto quanto foi possível para uma mulher negra, de poucas posses e de uma família simples.

Machado (2019) entende que para que Maria Firmina dos Reis tenha conseguido se exercer tantas vezes como escritora foi necessária muita resiliência:

[...] tem que ter sido fruto de uma enorme resiliência e decisão pessoal. Faltando-lhe recursos e contatos familiares, isolada em uma vila interiorana, suas aquisições foram sempre dignas de nota. Exceção à regra em relação aos protocolos e qualidades sociais necessárias para transitar no mundo das elites intelectuais da província e, ainda mais devido à precocidade de seu primeiro e principal romance, Firmina certamente enfrentou constrangimentos sociais. (MACHADO, 2019, p. 98-99)

No século XIX a escrita feminina não era bem aceita nos círculos literários compostos pelos grandes eruditos da época. Por essa razão, uma mulher que tivesse a ousadia de publicar qualquer que fosse o texto corria o risco de ser rechaçada entre os intelectuais.

Era ainda mais difícil para uma mulher na situação social de Maria Firmina dos Reis. O Maranhão, naquele século, era uma sociedade patriarcal e escravista e, portanto, uma mulher negra que falava sobre a crueldade da escravidão certamente poderia se tornar chacota. Sobre isso Machado expõe:

Na Europa e nos Estados Unidos, bem ora talentosas escritoras tenham alcançado grande sucesso, o acesso das mulheres àquele clube masculino se deu sob regras discriminatórias, que ditavam a elas rituais de autodepreciação ou estratégias de anonimato [...] Se as sociedades mais afluentes funcionavam assim, imaginem o que não ocorria entre nós. A sociedade brasileira do século XIX, patriarcal e escravista, era por certo profundamente elitista. (MACHADO, 2018, p.16-17)

E, apesar do seu anseio por se tornar uma escritora publicada, Maria Firmina dos Reis sabia dessas dificuldades. Como dito anteriormente, na apresentação do seu primeiro romance ela entende que o mesmo poderá se tornar alvo do “riso mofador” de muitos (REIS, 2018, p.48) e isso, principalmente por ser escrito por uma mulher brasileira de “educação acanhada” (REIS, 2018, p.48).

Mesmo assim, seus romances alcançaram o gosto popular. De acordo com Muzart (2000, p. 268) este último obteve três edições. No entanto, Úrsula, que é considerado a melhor e mais importante escrita desta autora, tem recebido cada vez mais atenção.

E isso acontece devido ao viés abolicionista, que em um primeiro momento pode ser entendido como um segundo plano da história do casal apaixonado. Mas que ao ser analisado com atenção, se torna um importante registro do período escravista brasileiro.

Maria Firmina dos Reis apresenta um olhar até então inédito para os escravizados e, por esta razão, é necessário entender como se constituiu a sua escrita abolicionista e como ela se distancia do que era produzido no Romantismo brasileiro até aquele momento. Para tanto, cabe analisar a crítica literária de Maria Firmina dos Reis, que com sua obra contribui para o entendimento do Romantismo como escola literária, bom como para o entendimento do contexto histórico do século XIX, sobretudo as questões abolicionistas que pairavam o País naquele período

3 MARIA FIRMINA DOS REIS E A CRÍTICA DE ÚRSULA

Encontrado em meio a um lote de livros antigos vindos do Rio de Janeiro em 1962, o romance *Úrsula* chamou a atenção do bibliógrafo e colecionador Horácio de Almeida, sobretudo pela assinatura da autora “Uma Maranhense” e datado de um período muito anterior às primeiras publicações femininas no Brasil.

Então, a partir de uma pesquisa, Horácio de Almeida pôde constatar que em suas mãos estava o que poderia ser o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil. E que esta mulher, de acordo com MACHADO (2018, p.8) descoberta em um verbete do Dicionário de Sacramento Blake⁵, tratava-se de Maria Firmina dos Reis, uma professora de primeiras letras da Vila de Guimarães no Maranhão, sem posses, provavelmente bastarda, solteira e negra.

Naquele período, todos estes predicativos atribuídos à Maria Firmina conspiravam contra sua escrita, sua publicação e, principalmente, seu reconhecimento. Maria Firmina dos Reis sabia que sua condição nesse País de homens brancos não a deixaria alcançar a valorização que merecia sua escrita. No entanto, seu romance tinha um propósito e precisava vir ao mundo para cumpri-lo.

Como dito anteriormente, no século XIX as mulheres tinham como imposição social a vida doméstica, reservada ao marido e aos filhos. Muito menos ainda era reservado para uma mulher preta naquela sociedade escravista. Então, escrever e pensar em publicar seus textos, era não só uma difícil tarefa como também uma afronta para um sistema que mantinha as mulheres brancas longe dos círculos intelectuais, enquanto das mulheres negras, não era esperado que sequer sonhassem em alcançar tal lugar.

No prólogo do romance *Úrsula*, Maria Firmina fala sobre como seu livro poderá ser alvo de zombaria da elite cultural da sua época.

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. [...] Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS p.47, 2018)

A romancista também entende que ser mulher e de origem humilde é a principal razão do descaso que, certamente, sofreria. E, consciente do quanto estava quebrando as

regras ao se tornar autora de um romance publicado, neste primeiro momento da apresentação de sua obra, é possível perceber um tom de pedido de desculpas por sua ousadia. Sobre isso Machado (2018) escreve:

Declarando-se mulher de cabedal modesto, de educação limitada, e desprovida de trato social, a autora supõe que Úrsula não teria acolhida amigável. Ser vista com desprezo ou como pilhéria era um risco evidente. Sabia muito bem Firmina que um romance escrito por uma mulher provinciana e de vida recolhida não deveria ter grande futuro, pois faltavam a ela os meios para se inserir no ambiente literário. Assim, embora suas queixas pareçam exageradas, há nesse lamento introdutório um verdadeiro reconhecimento de como o livro seria recebido. (MACHADO, 2018, p.21)

Firmina, ainda em sua apresentação, mostra que por puro amor materno apresentou seu livro ao público, para que pudesse ser mimado e amado. Sendo assim, ao lançar seu Romance ao mundo, Maria Firmina dos Reis, contempla os leitores com personagens negros diferentes dos apresentados nas obras brasileiras até então. Por essa razão, a escrita da autora é considerada abolicionista. A partir disso, se faz importante analisar essa temática de Úrsula.

3.1 A ESCRITA ABOLICIONISTA DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Em *Úrsula*, seu primeiro romance, Maria Firmina dos Reis apresenta ao leitor pela primeira vez personagens negros, escravizados que refletem e questionam sua condição de cativo, ao passo que almejam a liberdade, e que por vezes se perguntam se é possível ter liberdade, mesmo após a alforria, em um país que os escravizou.

Maria Firmina dos Reis, trazia em sua vivência os questionamentos que leva aos leitores a partir da voz dos seus personagens. Ela mesma sendo uma mulher negra e que tinha convívio constante em seu círculo pessoal com pessoas escravizadas. Por essa razão, a autora conhecia de perto as dores da escravidão e entendia que podia usar a sua escrita para que outras pessoas também pudessem conhecer.

Cabe, portanto, entender como era o Maranhão escravista no qual vivia Maria Firmina dos Reis, para que possa ser possível analisar as razões de sua escrita abolicionista.

Até a primeira metade do século XVIII a principal mão de obra escravizada da província do Maranhão era indígena. No entanto, de acordo com Mario Meireles (2001, p. 243 apud COSTA, 2018, p.250) em 1661 já havia o pedido do Padre Antônio Vieira direcionado ao Império português do envio de forças africanas no Maranhão

Em 1757 fruto da política de Pombal, foi proibida a escravização de povos indígenas, que ainda se manteve forte por algum tempo devido às brechas na lei. E somente com a incorporação da grande cultura do algodão no Maranhão que a escravização de africanos se tornou a principal na região.

Somente a partir da segunda metade do século XVIII o mercado de algodão na Europa fomentou o povoamento da região Norte da capitania do Maranhão, por meio da cultura desse produto, sustentada à base da escravidão de diferentes povos africanos, principais trabalhadores das fazendas localizadas nos vales dos rios Itapecuru e Mearim. Essa forma de povoamento, ao longo dos anos, foi avançando pela Baixada e pelo litoral (PEREIRA, 2001, p. 36 apud COSTA, 2018, p. 247).

O cultivo e exportação do algodão fez com que o Maranhão se desenvolvesse social e economicamente. A escravização de povos africanos para o trabalho na lavoura foi responsável pelo crescimento da província, tanto na economia quanto populacional. Estima-se que até 1798 30,8% da população de cerca de 78.694 habitantes do Maranhão era branca, enquanto 64% era composta por negros e mestiços, sejam eles livres ou escravizados⁶.

5 Informações dos Mapas estatísticos da Capitania do Maranhão. (MOTA e CUNHA, 2017, p. 467 apud COSTA, 2018, p.247).

No entanto, devido a crises que diminuíram o preço internacional do algodão, o cultivo de algodão deu espaço ao açúcar, que por sua vez, contribuiu para o crescimento da população escravizada na província. E em 1755, com a criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, o comércio de monoculturas e o tráfico de escravos africanos cresceu exponencialmente.

Já em 1822 a população escrava cresceu ainda mais, sendo cerca de 51% do contingente, cerca de 77.914 escravos de uma população de 152.893 pessoas⁴. Em São Luiz, o percentual de escravos chegou a 62% da população neste mesmo período. De acordo com Pereira (2001, p.21 apud COSTA, 2018, p. 247), a companhia geral de comércio do Grão-Pará e Maranhão influenciou diretamente:

A existência da Companhia de Comércio teve efeito direto sobre o comportamento da economia local. A companhia provocou mudanças sociais e culturais ao propiciar um tráfico vigoroso de escravos para a região amazônica (onde se inclui o Maranhão) e arraigou uma perspectiva de exclusivo do comércio diretamente relacionada ao mercado externo (Lisboa) de acordo com os típicos dispositivos mercantilistas, levando a um profundo vínculo com a empresa comercial portuguesa (BARROSO JUNIOR, 2009, p. 35 apud COSTA, 2018, p.244).

No período em que Maria Firmina dos Reis escreveu *Úrsula*, cerca de metade da população do Maranhão era composta por escravos de origem africana. De acordo com Faria (2005, p.238 apud COSTA, 2018, p.238) em 1841 com uma população de 217.054 pessoas, 111.905 era negros escravizados.

Esses números, no entanto, sofreram uma drástica alteração após o fim do tráfico de escravos no Brasil. Já que o comércio de pessoas escravizadas se dava entre províncias, e o Maranhão comercializava as pessoas cativas com as províncias do centro-sul do país. E isso se deu, principalmente, devido ao declínio da exportação do algodão e açúcar em comparação com o crescimento da produção e exportação do café, que tinha as lavouras concentradas nas regiões nestas regiões do país.

A maioria dos escravos exportados pelo Maranhão seguia para o Rio de Janeiro, fato explicado pelo pioneirismo dessa província na produção cafeeira. Porém, a partir da década de 1860, a província de São Paulo vivenciava o crescimento da produção de café e passou a disputar os escravos maranhenses. Outras províncias, como Pernambuco, Pará e Amazonas, também se fizeram presentes como compradoras, embora em proporção diminuta (JACINTO, 2015, p. 262-263 apud COSTA, 2018, p.252).

Nesse sentido, é possível perceber que Maria Firmina dos Reis viveu toda sua infância e juventude em um ambiente em que a maioria das pessoas era negra e escravizada. E apesar de ser uma mulher livre, ainda era uma pessoa negra que vivia em uma

sociedade escravista. Além disso, a sua convivência com pessoas escravizadas nutriu nela um senso de descontentamento com a escravidão.

Machado (2018, p.23) narra que quando Maria Firmina conquistou a vaga de mestra que concorria com outras duas candidatas, Leonor Reis, sua mãe, propôs a filha que fosse receber seu diploma “levada num palanquim por escravos de propriedade de sua tia Henriqueta”. Contudo, Maria Firmina recusou-se ao afirmar que “negro não é animal para se ir montando nele” e então ir receber seu diploma à pé (MORAIS FILHO, 1975, p. 13, apud MACHADO, 2018, P.23). Ainda de acordo com Machado:

A convivência que, ao longo de sua vida, Firmina cultivou com escravos e escravas, como reportam os entrevistados nas recordações recolhidas por Nascimento Moraes, mostra que ela desenvolvera forte empatia com os/as cativos/as a sua volta, sendo capaz de compreender o peso da escravidão. O fato de haver criado filhos/as de escravos/as, ter composto músicas (como “Bumba meu boi”) para suas amigas Otávia e Guilhermina – que, descobrimos sem que seja mencionado, eram escravas -, e mesmo o fato de ter vindo a falecer na casa de uma filha de escravos, mãe de um de seus filhos de criação, evidenciam os laços de proximidade que manteve com aqueles que se identificava mas que eram também testemunhos de sua origem socialmente desclassificante (MACHADO, 2018, p.23-24)

Portanto, é possível entender que a escrita de Maria Firmina dos Reis, que questiona a escravidão de pessoas negras, condiz com sua vivência, que era cercada de pessoas escravizadas.

É nítido que o contexto escravista do Maranhão contribuiu na temática da obra de Maria Firmina dos Reis. Ademais, outro ponto importante para compreender a escrita abolicionista da autora, bem como seu desejo de publicação é crescente círculo literário e intelectual maranhense do século XIX, a Athenas brasileira que ganha força com o crescimento do Romantismo.

Como dito anteriormente, o Romantismo no Brasil, nasce com a proposta da independência literária, seguindo os moldes da independência política que há pouco tempo fora proclamada. Ainda de acordo com Antonio Candido:

Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio como efetivamente manifestara pela proclamação da independência; decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimia, conforme as teorias do momento. (CANDIDO, 2000, p.282a)

Nesse sentido, os brasileiros procuravam reafirmar na literatura a força da nação brasileira. Para isso traziam o nacionalismo e o ufanismo como principal temática, sobretudo na poesia da primeira geração romântica, e havia a busca de uma

representação de tipos brasileiros nos personagens que compunham os principais romances deste momento. Sobre isso Candido fala:

A independência importa de maneira decisiva no desenvolvimento da ideia romântica, para a qual contribuiu pelo menos com três elementos que se podem considerar como redefinição de posições análogas do Arcadismo: (a) desejo de exprimir uma nova ordem de sentimentos, agora reputados de primeiro plano, como o orgulho patriótico, extensão do antigo nativismo; (b) desejo de criar uma literatura independente, diversa, não apenas uma literatura, de vez que, aparecendo o Classicismo como manifestação do passado colonial, o nacionalismo literário e a busca de modelos novos, nem clássicos nem portuguesas, davam um sentimento de libertação relativamente à mãe-pátria; finalmente (c) a noção já referida de atividade intelectual não mais apenas como prova e valor do brasileiro e esclarecimento mental do país, mas tarefa patriótica da construção nacional. (CANDIDO, 2000b, p. 12)

Nos moldes desta temática, a poesia do Maranhense Gonçalves Dias traz força à primeira geração do Romantismo brasileiro ao destacar a singularidade do Brasil, seja em sua natureza ou seu povo. O poeta Maranhense, “se destaca no medíocre panorama da primeira fase romântica”, de acordo com Candido (2000b, p. 71), e contribui para o crescimento da Atenas Brasileira, ao lado de autores como Francisco Sotero dos Reis, João Francisco Lisboa e Odorico Mendes.

É possível que esta efervescência que acontecia na literatura do Brasil, com destaque de autores maranhenses tenha influenciado o desenvolvimento literário de Maria Firmina dos Reis.

Entretanto, este mesmo grupo de intelectuais maranhenses que podem ter influenciado a escrita de Maria Firmina dos Reis e seu desejo de reconhecimento, também pode ser o motivo de seu receio em publicar. Como já mencionado, a autora publica *Úrsula* sob o pseudônimo “Uma maranhense”, o que denota uma preocupação em expor seu próprio nome. Ademais, Maria Firmina dos Reis, na apresentação de seu romance, fala sobre como ele pode ser mal recebido por ser escrito por uma mulher brasileira, sem a instrução que os homens intelectuais tiveram acesso.

Apesar deste forte círculo literário e intelectual do Maranhão poder ter contribuído no ímpeto de Maria Firmina em publicar, na temática principal de sua obra, a autora foi inovadora e destemida.

Enquanto os principais poetas e romancistas brasileiros do início do século XIX buscam representar o Brasil a partir de um arquétipo do índio herói, Maria Firmina dos Reis lança o olhar de seu romance sobre outra parcela da população brasileira que,

se não tinha visibilidade na sociedade, menos ainda era vista ou falada na literatura: as pessoas negras escravizadas.

Como dito anteriormente, havia um desejo por parte dos primeiros românticos de reafirmar a independência do Brasil na literatura, Candido (2000b, p.13) fala sobre a intenção de criar uma nova literatura no país “que fosse no plano da arte o que fora a Independência na vida política e social”. E para que isso acontecesse, além do nacionalismo, da exaltação da pátria e da natureza do Brasil, foi necessária a criação do herói nacional, que se faz na figura do índio.

Contudo, como foi mencionado anteriormente, o índio do Romantismo brasileiro representa um ideal de herói que não condizia com a realidade.

Em *A formação da literatura brasileira* Antonio Candido (2000b, p. 247-250) destaca “*O tema do escravo*” no romantismo brasileiro. Na historiografia deste autor, esta temática aparece com destaque nas obras de José de Alencar, já no fim do século, e também em *Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, que foi publicado em 1884, no “auge do abolicionismo” (CANDIDO, 2000b, p.248). Os personagens negros de Maria Firmina dos Reis por mais que tenham sido escritos e publicados muito antes destes outros escritores, em 1956, não contribuem na visão da temática do escravo para este autor devido redescoberta de Úrsula, que só ocorreu após a publicação desta historiografia.

No entanto, mesmo sem a referência dos personagens negros de Maria Firmina dos Reis, que tem consciência de sua condição como escravo, e questionam a sua vida sem liberdade, Antonio Candido entende as diferenças entre a representação do negro e do índio pelos românticos.

Era possível admitir um índio herói, no entanto, negros não podiam alçar este lugar na literatura. Nesse sentido, Candido (2000b, p. 247-248) fala sobre como, mesmo durante o movimento abolicionista do fim do século XIX, os poetas que falavam sobre a pessoa negra, reservava papéis que as distanciava do heroísmo.

Um golpe de vista, mesmo que rápido, nas obras que originou, mostra todavia as resistências que o processo encontrava, não apenas no público, mas no próprio escritor. Enquanto se tratava de cantar as mães-pretas, os fiéis pais-jões, as crioulinhas peraltas, ia tudo bem; mas na hora do amor e do heroísmo o ímpeto procurava acomodar-se às representações do preconceito. Assim, os protagonistas de romances e poemas, quando escravos, são ordinariamente mulatos a fim de que o autor possa lhe dar

traços *brancos* e, deste modo encaixá-los nos padrões da sensibilidade branca. (CANDIDO, 2000b, p. 247-248) [grifo do autor]

Nesse sentido, Candido cita que o moleque demônio que é corrupto é descrito como um negro retinto, ao passo que Mauro nobre e corajoso, de Fagundes Varela é descrito com de raça africana, mas de pele clara, e cabelo fino e anelado.

Por isso, é possível perceber que o preconceito latente naquela sociedade entendia que de um ponto de vista humanitário a escravidão era errada, no entanto, alçar ao negro o lugar de herói era uma impossibilidade. Nesse contexto, Candido (2000, p. 248) fala da escrava Isaura de Bernardo Guimarães, que mesmo escrito no em 1884, período em que o movimento abolicionista no Brasil estava no pico de sua força, ousa em falar da escravidão e trazer uma protagonista escrava, contudo era branca.

A este propósito, lembremos que a cor de Isaura é apenas tributo, talvez inconsciente ao preconceito (que aceitaria como heroína uma escrava *branca*), mas, ainda, arma polêmica, mostrando a extrema odiosidade q que podia chegar a escravidão, atingindo as pessoas iguais na aparência às do grupo livre (CANDIDO, 2000b, p. 218) [grifo do autor]

E é nesse aspecto que o romance de Maria Firmina dos Reis mais se diferencia. Esta obra, em contraponto da maioria dos romances românticos publicados até este período, apresenta personagens negros que contribuem com a trama e, mais do que isso, são personagens com uma história própria, com uma vida marcada pelas injustiças da escravidão e que, de um modo totalmente inovador na literatura brasileira até aquele momento, questionam a sua condição. De acordo com Machado:

“É certo que todos aqueles que se debruçaram sobre a obra de Firmina sublinharam o caráter excepcional da construção narrativa por ela proposta, particularmente no que se refere à escravidão. O fato de, em *Úrsula*, a autora ter alçado escravizados a personagens que refletem sobre si mesmos, apresentando uma narrativa de suas vidas opressivas, sempre chamou a atenção. A autora insuflou neles uma consciência que está ausente nas figuras principais do romance.” (MACHADO, 2018, p.14)

O romance dá ênfase a três personagens negros escravizados: Túlio, Antero e Susana.

No primeiro capítulo do romance há uma quebra de paradigma, em que o protagonista branco é salvo pelo jovem escravo, o benevolente Túlio, que resgata Tancredo da morte. Túlio é descrito por Maria Firmina dos Reis como um jovem negro de bondade inigualável:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano

refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que nosso clima e servidão não puderam resfriar[...]. (REIS, 2018, p. 54)

É possível notar neste trecho também, como a narradora assume o discurso abolicionista, que de acordo com Candido (2000b, p. 247) no Romantismo é comum aparecer a partir de um personagem branco como uma generosidade humanitária. Em *Úrsula*, Maria Firmina destaca o discurso abolicionista na narração ou na voz dos personagens escravizados.

Nesse sentido, cabe olhar com atenção para o capítulo “Preta Susana” de *Úrsula*. Neste ponto do romance, Maria Firmina dos Reis escolhe Susana para dar voz a uma potente e dolorosa narração de uma vida escravizada. E isso pode levar a pensar no porquê de a autora escolher esta personagem feminina para contar ao leitor a dor da escravidão.

Susana é apresentada como uma mulher magra, velha, com marcas no seu corpo e rosto causadas pelo tempo. No ponto do enredo em que esta personagem aparece com destaque, Túlio conta a ela, que o criou como mãe, que agora é um homem livre, mas que escolheu acompanhar o jovem branco Tancredo, prestando-lhe sua companhia e seus serviços (REIS, 2018, p.118).

Então, neste momento Susana mostra ao leitor a sua força. Para ela é inadmissível que Túlio se considere livre, enquanto se mantém fiel a um homem branco para quem prestará seus serviços. E é neste ponto da narrativa que Susana dispara a pergunta: “_ Tu! Tu livre? Ah, não me iludas – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos – Meu filho, tu és já livre?...” REIS (p.120, 2018)

Essa pergunta de Susana a Túlio pode levar a diversos questionamentos, inclusive aqueles relacionados ao que é a liberdade de fato e quem a tem.

Para afirmar a falta de liberdade de Túlio, Firmina apresenta ao leitor a narrativa da verdadeira liberdade, aquela que Susana tinha em seu país com sua família, seu marido e sua filha amada. E, em seguida, a personagem leva o leitor a uma viagem quase sensorial aos seus primeiros momentos de dor e desespero, desde quando foi capturada pelos “bárbaros” em sua terra, passando pelo fétido porão do navio negreiro, sua vida de lamentos e escravidão no Brasil até o momento que enfim

encontrou momentos mais amenos sob a senhoria de Luísa B (REIS, 2018, p.120-121).

Liberdade! Liberdade... ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no sei da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazeres na hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor de minha alma: - uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p. 120-121)

E ao longo de toda narrativa de Susana, é possível encontrar pontos que soam como uma reflexão da própria Maria Firmina sobre a condição das pessoas escravizadas no Brasil naquele período. Como na fala “É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” REIS (p.122, 2018).

Sendo Maria Firmina dos Reis uma mulher negra que convivia em seu círculo íntimo com diversos escravos e filhos de escravos, é possível perceber que ela também trata com intimidade a escrita sobre as dores da escravidão.

Antonio Candido, fala que muitos escritores do Romantismo brasileiro que trazem a temática do escravo para a sua obra, por mais que desejassem com sinceridade a abolição, não conseguem se despir de todo o seu preconceito que fazia parte da construção social que viviam.

De outra parte, mesmo na participação sincera e indignada, não implica fusão afetiva, não obriga o escritor a despir-se dos preconceitos de sua cor e, sobretudo, de sua classe. É um ideal de justiça pelo qual se luta, sem efetuar a penetração simpática na alma do negro. (CANDIDO, 2000b, p.249)

No entanto, Maria Firmina dos Reis, já não precisa vencer a barreira do preconceito racial para conseguir expressar em sua escrita, de fato, a dor da escravidão. De acordo com Machado:

As recordações de Susana como mulher livre em seu local de origem (algum lugar da África), como esposa e como mãe atravessam a narrativa, que refaz o percurso do aprisionamento, da separação, da viagem no tumbeiro e da terrível trajetória que ela enfrenta na diáspora, como escrava. É nessa

oportunidade que Firmina mostra sua criatividade e sua capacidade de arquitetar uma trama densa e totalmente alheira a qualquer código literário. A sua arte- a de recolher fragmentos das memórias de amigas e amigos escravizados e reconstruí-los em tessitura narrativa apaixonada – levou Maria Firmina dos Reis a imprimir uma voz única ao romance abolicionista brasileiro (MACHADO, 2018, p.42)

Por essa razão, o romance de Maria Firmina dos Reis se destaca, não somente por ser o primeiro romance abolicionista brasileiro e um dos primeiros romances a ser escrito por uma mulher neste país. Mas também pelo modo único como lança o seu olhar para o negro escravizado no Brasil naquele século. Portanto, se faz necessário entender como as recentes críticas literárias tem olhado para a obra de Maria Firmina dos Reis.

3.2 A CRÍTICA AO ROMANCE ÚRSULA

Quando publicado, o Romance de Maria Firmina dos Reis foi anunciado com modestas resenhas no jornal de São Luís no Maranhão (MACHADO, 2018, p.15). A aceitação do público daquela época, mesmo que pouco expressiva, conferiu à escritora um lugar, ainda que tímido, em meio aos letrados da Athenas brasileira.

De acordo com Machado:

No caso, temos que convir que mesmo a moderada aceitação obtida pelo livro na época já representava uma conquista inusitada, alcançada por uma romancista estreante num mundo monopolizado por homens portadores de uma cultura bacharelesca excludente. Desse modo, entre 1859 e 1860, quando Úrsula foi publicado pela Tipografia do Progresso e surgiu nas páginas da imprensa maranhense, certamente de pouca monta, mas ainda assim florescente, Maria Firmina já havia conseguido o quase impossível – ser admitida no estrito círculo de letrados locais. (MACHADO, 2018, p.15)

No entanto, Úrsula, apesar de marcar o início de Maria Firmina dos Reis como uma autora publicada, não obteve grande atenção do público e da crítica na época de sua publicação. Sobre isso Muzart (2000, p.266) fala que “O livro, por ter sido editado na periferia, longe da Corte, e por ser de uma mulher e negra, lastimavelmente, não teve maior repercussão”.

Gupeva, o segundo romance da autora, entretanto, teve boa aceitação popular, com três edições realizadas, ainda de acordo com Muzart (2000, p.268). A diferença da repercussão entre as duas obras pode se dar por diversos fatores, inclusive a temática, já que o Gupeva é imerso no indianismo que é característico do Romantismo brasileiro.

Mesmo que não tenha sido considerado de grande relevância no período de sua publicação, com a redescoberta de Úrsula no século passado o romance começou a receber a atenção devida dos críticos e estudiosos. Ao encontrar o livro, Horácio de Almeida teve a percepção da importância histórica daquela obra, que poderia ser a primeira escrita por uma mulher. E ao entrar em contato com o enredo, percebe que poderia ser aquele o primeiro romance abolicionista brasileiro.

Desde então, a crítica especializada, bem como os estudiosos de literatura feminina e de literatura afro-brasileira têm lançado um olhar especial para este romance. Isso, principalmente porque Úrsula é um marco na escrita feminina do Brasil, e sua importância para o entendimento da luta abolicionista é incontestável. Para Schumacher e Brazil:

Autora do primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher no Brasil, em 1859 – 60 publicou, sob o pseudônimo Uma maranhense, o romance *Úrsula* em que abordou a questão da escravidão no Brasil e que é considerado pelos críticos um marco na literatura feminina abolicionista. (SCHUMAHER, BRAZIL, 2000, p. 390)

De acordo com Machado (2018, p.12) foi a partir de 1975 que o romance abolicionista de Maria Firmina dos Reis começou a receber uma atenção crescente, sendo reeditado em 1988, ano do centenário da abolição, sob a direção de Luiza Lobo, o que deu início a diversas outras edições nos anos seguintes, sempre acompanhadas de importantes estudos sobre a obra no prefácio ou posfácio.

Então, cabe mencionar a sua relevante visão de alguns destes estudiosos e críticos literários sobre a obra desta maranhense do século XIX.

O primeiro deles foi Horácio de Almeida que foi o responsável por encontrar a obra e publicar em parceria com o governo do Maranhão a primeira edição fac-similar do romance. Horácio de Almeida entende que este pode ser a maior raridade bibliográfica do Maranhão, e discute sobre a importância desta publicação para a literatura feminina do Brasil.

Apesar de fazer ressalvas sobre alguns pontos da escrita de Maria Firmina, como o vocabulário culto usado por todos os personagens, mesmo os cativos que, possivelmente, não possuíam estudos, o bibliografo destaca a importância desta obra e do destaque que ela proporciona aos personagens negros.

Cabe, todavia, a Maria Firmina dos Reis o privilégio até então inédito nos anais da literatura brasileira de produzir o primeiro romance no Brasil, como pioneira da seara feminina, sem influência alienígena, onde um escravo, por seu caráter, por sua alma branca, ocupa lugar de destaque no plano da obra. (ALMEIDA, 1975, p.7-8)

Em *Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida*, José Nascimento Morais Filho, debruça-se também sobre a vida e obra desta autora e se dedica a coletar e publicar seus diários. Sobre o romance *Úrsula*, Morais Filho o defende como o primeiro romance publicado por uma mulher brasileira no Brasil.

Até onde pude aprofundar minha pesquisa no plano nacional é Maria Firmina dos Reis a segunda mulher nascida no Brasil a publicar um romance – *Úrsula* – mas *Úrsula* é o primeiro romance da literatura brasileira escrito por mulher, e Maria Firmina dos Reis [...] conseqüentemente a primeira romancista da literatura verde-amarela. (MORAIS FILHO, 1975, p. 206-207).

Na publicação da edição comemorativa de 150 do lançamento de *Úrsula*, há o importante posfácio de Eduardo de Assis Duarte “Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira” em que o autor destaca que ao publicar este romance, esta escritora desconstrói o etnocentrismo masculino da literatura brasileira

(DUARTE, 2004, p. 279). Além disso, Duarte destaca que o discurso de Maria Firmina, que por vezes vem na voz da personagem Susana, abala a credibilidade de outros autores que descreviam o Brasil como o paraíso tropical.

Essa voz periférica traz para a literatura brasileira o sentido suplementar configurado pelo traço ancestral oriundo de um outro continente e de uma outra civilização aparentemente deixada para trás e, talvez por isso mesmo, fortemente recalcada pelo discurso hegemônico do paraíso tropical brasileiro. Esse discurso, presente em José de Alencar e em tantos mais, tem sua credibilidade abalada pelas vozes postas em circulação por Maria Firmina. As escravas da escritora maranhense carregam a literatura oitocentista de uma historicidade que soa subversiva frente aos estereótipos do bom senhor e do escravo contente. Joana e Mãe Suzana estão a nos lembrar que a África não ficou para trás, nem é uma página virada. A África está presente e esses relatos, carregados de uma autoridade forjada pelo testemunho, ganham uma dramática autenticidade. (DUARTE, 2004, p. 279)

De acordo com Machado (2018, p.13) outros estudiosos como Luiza Lobo, Maria Lúcia de Barros Mott e Zahidé Lupinacci Muzart “publicaram estudos importantes sublinhando o pioneirismo de Firmina como autora do sexo feminino, como precursora de literatura abolicionista e como fundadora da literatura afro-brasileira.”

Ademais, nas universidades esta obra se tornou indispensável na discussão de literatura feminina e afro-brasileira. De acordo com Machado:

Em meados dos anos 2000, o tema chegou aos programas de pós-graduação de nossas universidades, adquirindo novas características e dando início a uma notável tendência ascendente sobre a obra de Maria Firmina dos Reis. Desde então, mais de uma dezena de dissertações e teses, provenientes das áreas da literatura, história, sociologia e estudo culturais. (MACHADO, 2018, p.13)

O interesse crescente pela obra de Maria Firmina dos Reis se dá por todos os fatos já mencionados, como o seu pioneirismo como uma mulher nas letras brasileiras, bem como a sua escrita que denuncia uma sociedade cruel com as mulheres e com as pessoas negras, então escravizadas.

Por essas razões se faz importante entender se Maria Firmina dos Reis está presente no Ensino de literatura que acontece no Ensino Médio. Tendo em vista que o Romantismo brasileiro é estudado na segunda série desta modalidade de Ensino, é necessário entender como a obra de Maria Firmina dos Reis pode ser introduzida na sala de aula.

4 MARIA FIRMINA DOS REIS E O ENSINO DE LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO

O Romantismo brasileiro é tradicionalmente ensinado na segunda série do ensino médio, normalmente no primeiro trimestre do ano letivo. Sendo Maria Firmina dos Reis, com seu romance *Úrsula*, importante figura deste período literário do Brasil, pelos fatos já mencionados, faz-se necessário verificar a ausência ou a presença de sua escrita nas salas de aula.

Para que isso seja feito, é necessário analisar as orientações curriculares do Espírito Santo para a segunda série do ensino médio no ano de 2022, período em que esta pesquisa foi desenvolvida. Ademais, é importante também verificar o livro didático escolhido pelas escolas da Superintendência Regional de Educação (SRE) de Nova Venécia, responsável pela EEEFM Ilda Ferreira da Fonseca Martins, na qual foi realizada a pesquisa.

Nesse sentido, se torna também relevante entender como a Lei 10.639/03 pode contribuir para que a obra de Maria Firmina dos Reis esteja presente na escola, em especial o romance *Úrsula* no ensino do Romantismo.

4.1 A PRESENÇA DE MARIA FIRMINA DOS REIS NO ENSINO MÉDIO

O currículo do ensino médio no Espírito Santo vem sofrendo constantes adaptações desde a pandemia de covid-19 que fez com que a escola precisasse se adaptar a uma modalidade de ensino à distância totalmente nova para muitos profissionais da educação e, principalmente, para os estudantes.

Ademais, com a implementação do Novo Ensino Médio em todo o Brasil, o currículo sofreu novas adaptações a alterações que vão se consolidar gradativamente. Por essa razão, no ano de 2022, os professores do Ensino Médio da rede estadual do Espírito Santo, seguiram as orientações curriculares indicadas pela Secretaria Estadual de Educação (SEDU)⁷.

O ensino de literatura, no ensino médio capixaba, acontece nas aulas de Língua Portuguesa. Por essa razão, a literatura aparece como um dos objetos do conhecimento presente nas orientações curriculares do ensino médio de Língua Portuguesa.

O Romantismo, como apontado anteriormente, é tradicionalmente ensinado no primeiro trimestre da segunda série do ensino médio. Portanto, cabe observar como é o direcionamento do ensino deste momento literário nas escolas do Espírito Santo.

De acordo com as orientações curriculares de Língua Portuguesa da segunda série do ensino médio para o ano de 2022:

Literatura e o texto literário:

- ✓ Discurso poético. Versificação
- ✓ **Romantismo em Portugal e no Brasil**
- ✓ *Contexto histórico do Romantismo europeu e brasileiro;
- ✓ *Processos de construção da nacionalidade no Brasil;
- ✓ *O índio no Romantismo de Gonçalves Dias e José de Alencar e o negro na literatura de Castro Alves. (SEDU, 2022)

É possível notar que estas orientações curriculares norteiam, de uma maneira ampla, os pontos inerentes no ensino deste momento literário, como o nacionalismo, o contexto histórico e os principais arquétipos de personagens presentes nas obras românticas: o índio e o negro. Sendo assim, ao indicar os perfis de personagens que devem ser ensinados, eles estão atrelados aos autores que mais os desenvolveram: Gonçalves Dias, José de Alencar e Castro Alves.

⁷ Orientações curriculares para a segunda série do Ensino Médio, 1º trimestre, na disciplina de Língua Portuguesa, SEDU, 2022.

Nesse sentido, é possível entender que mesmo que o currículo cite como parte importante do ensino do Romantismo o personagem negro, este está atrelado ao poeta Castro Alves. Como trazido anteriormente, a obra de Maria Firmina dos Reis possui grande importância histórica, pois muitos anos antes de Castro Alves, a autora trouxe a temática do abolicionismo.

É claro que o personagem negro de Maria Firmina dos Reis não deve invalidar ou substituir os do poeta Castro Alves, no entanto, incluir uma referência à romancista no currículo estadual pode contribuir para que a sua obra chegue efetivamente às salas de aula do Espírito Santo.

Ademais, para compreender melhor a presença de Maria Firmina no ensino de literatura no EM, é importante analisar também os livros didáticos que são disponibilizados a fim de serem usados nas aulas de Língua Portuguesa.

No Espírito Santo, a escolha de livro didático é feita a partir de uma lista disponibilizada para votação que deve ser feita por professores da rede por superintendência regional de educação (SRE). Tendo em vista que a escola na qual esta pesquisa foi desenvolvida se encontra no município de São Gabriel da Palha e, portanto, pertence à SRE de Nova Venécia, esta escolha feita em 2021 para o ano letivo de 2022, foi analisada.

A primeira Opção dos professores da SRE de Nova Venécia foi o livro didático intitulado *Se liga nas linguagens* da Editora Moderna⁸. O Segundo *Práticas de Língua Portuguesa* pertence à editora Saraiva⁹.

A primeira opção dos professores da SRE de Nova Venécia, o livro “Se liga nas linguagens” da Editora Moderna, apresenta a literatura de modo mais tradicional ao seguir uma linearidade temporal e apresentado as escolas literárias a partir das principais características, contexto histórico, principais autores e principais obras.

O Romantismo é apresentado no capítulo sete intitulado “Romantismo: um movimento plural” e, de maneira tradicional, traz primeiramente o Romantismo português para só em seguida apresentar o movimento romântico brasileiro, o que condiz com o modo como as orientações curriculares do ES para a segunda série do EM indicam.

Ao chegar ao Romantismo brasileiro, são apresentadas as características das três gerações românticas na poesia, ao lado de uma caricatura do principal poeta de cada

8 ORMUNDO, Wilton. SINISCALCHI, Cristiane.

9 FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto de. MARUXO, José Hamilton Junior.

momento, Gonçalves Dias para a primeira geração, Álvares de Azevedo para a segunda e Castro Alves para a terceira geração.

Do mesmo modo, ao apresentar ao estudante a prosa romântica, o livro didático mantém o padrão de apresentar os três tipos de Romances românticos correlacionando-os aos seus principais autores. Dessa forma, o Romance indianista, representado por um trecho de *Iracema*, é relacionado à caricatura de José de Alencar. A descrição do Romance urbano, seguida por um trecho de *Memórias de um sargento de milícias*, acompanha uma caricatura de Manuel Antonio de Almeida. E o conceito de Romance regionalista relaciona-se ao Visconde de Taunay, seguido por um trecho de *Inocência*.

Neste livro didático não há menções sobre a escrita feminina do século XIX, portanto Maria Firmina dos Reis e seu romance romântico *Úrsula* não são mencionados.

Enquanto isso, a segunda opção dos professores da SRE de Nova Venécia, o livro *Práticas de Língua Portuguesa* da editora Saraiva, apresenta o conteúdo de literatura de maneira menos tradicional e pouco linear. Ao trazer o gênero romance, apesar de ilustrá-lo com trechos de *Iracema* e *A Moreninha*, não apresenta da maneira comum as características do romantismo, ou seja, do modo como foi visto na outra obra seguindo uma sequência de principais características, contexto histórico, principais autores e principais obras, ao contrário, traz apenas atividades de análise dos trechos como gênero textual.

No capítulo intitulado como “Romances e circulação da literatura do século XIX (II)” já é possível encontrar um trecho de *Memórias póstumas de Brás Cubas* romance realista de Machado de Assis, e só então o livro didático traz uma análise comparativa entre este e os trechos das obras românticas, para falar brevemente sobre o Romantismo e o Realismo.

Neste capítulo há um tópico chamado “Escritoras no Brasil no século XIX”, no qual há uma breve apresentação sobre o silenciamento das mulheres que escreviam neste período e sobre as recentes pesquisas que buscam evidenciá-las. Na sequência, é trazido um trecho de “A preta Susana” do romance *Úrsula* para discussão.

Ao lado deste trecho do romance, há uma caixa de texto com a imagem do livro publicado em 1856 e uma explicação sobre a importância histórica da obra por ter sido

“o primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher e a primeira manifestação literária de uma voz feminina afrodescendente” (FARACO, 2020, p.171) seguido por uma sinopse do romance.

Na página seguinte ainda é possível encontrar uma imagem do busto de Maria Firmina dos Reis e uma breve biografia da autora.

Sendo assim, o livro didático *Práticas de Língua Portuguesa* da editora Saraiva traz uma discussão sobre a escrita feminina invisibilizada no século XIX, bem como apresenta Maria Firmina dos Reis como a primeira romancista brasileira. No entanto, esta foi a segunda escolha dos professores de Língua Portuguesa da superintendência regional de educação de Nova Venécia. Dessa forma, uma vez que a primeira opção estava disponível, foi ela que chegou a EEEFM “Ilda Ferreira da Fonseca Martins”, na qual esta pesquisa foi desenvolvida.

Em virtude dos fatos mencionados, é possível perceber que a obra de Maria Firmina dos Reis está recebendo certa atenção, mas está longe do ideal. Uma vez que o currículo ainda não contempla os seus personagens negros, e nem todos os livros didáticos fazem referência ao seu romance.

Nesse sentido, é necessário repensar o ensino do Romantismo brasileiro a fim de contemplar a obra de Maria Firmina dos Reis.

4.2 REPENSANDO O ENSINO DO ROMANTISMO A PARTIR DE ÚRSULA

Decretada e sancionada pelo então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em nove de janeiro de 2003, a Lei 10.639/03 altera a Lei 9.394/96, que estabelece as diretrizes e bases da Educação brasileira (LDB). Essa alteração ocorreu a fim de introduzir no currículo oficial das redes de ensino a temática relacionada à educação para as relações étnico-raciais de forma obrigatória.

Sendo assim, a Lei 10.639/03 estabelece a obrigação do ensino da Cultura e da História Afro-brasileira nos estabelecimentos escolares:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2003)

A efetivação da Lei 10.639/03 nos ambientes educacionais tem o objetivo de promover, desde a Educação Básica, o letramento racial bem como da igualdade racial entre todos os cidadãos brasileiros. Ademais, a Lei garante o ensino da história e cultura afro brasileira a fim de mostrar o modo como a luta das pessoas negras contribuiu para a formação da sociedade brasileira em diversos âmbitos.

Nesse sentido, a implementação da Lei 10.639/03 na escola não é uma responsabilidade exclusiva de uma ou outra disciplina, o conteúdo da cultura e história afro-brasileira deve ser ministrado por todo o currículo, ou seja, de maneira interdisciplinar. No entanto, o inciso 2º do artigo 26-A diz que as disciplinas relacionadas à Educação Artística, Literatura e Histórias brasileiras devem ter um olhar especial aos conteúdos referente à história e cultura afro-brasileira.

Dessa forma, como tem sido apontado ao longo desta pesquisa, a presença de Maria Firmina dos Reis na aula de Língua Portuguesa a partir do ensino de literatura é de grande importância para a discussão de raça. E, como vimos, também contribui para o ensino da história e cultura afro-brasileira, por contar, a partir dos personagens negros, a vivência de muitas pessoas escravizadas no Brasil.

Como anteriormente defendido, o romance *Úrsula*, pelo seu teor abolicionista pode contribuir para o conhecimento do arquétipo do personagem negro do Romantismo brasileiro. Ao mesmo tempo, contribui para a discussão sobre o racismo vigente na sociedade brasileira atual, uma vez que esse é herança do período escravista do Brasil.

Nesse sentido, o método de letramento literário proposto por Rildo Cosson (2006) pode agregar para a introdução e discussão da escrita da Maranhense. Cosson (2006) destaca que a leitura tem o poder na troca de sentido entre leitor, autor e a sociedade na qual estão inseridos:

Ler implica troca de sentidos não só entre escritor e leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultantes de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço. (COSSON, 2006, p.27)

Sendo assim, a visão de mundo abolicionista de Maria Firmina dos Reis que assistiu a muitas injustiças causadas pela escravidão no século XIX podem dialogar com a vivência dos estudantes nesta sociedade que, ainda hoje, traz as marcas do racismo e da escravidão.

Para isso, a implementação de oficinas literárias que sigam o método de letramento literário proposto por Rildo Cosson (2006) podem contribuir para melhor entendimento da voz da autora, bem como para discussões acerca da obra. Nesse sentido, Cosson (2014) propõe quatro passos para o letramento literário na sala de aula. São eles a motivação, a introdução a leitura e a interpretação.

No processo de motivação, o professor deve preparar o estudante para o texto que será lido a fim de que se forme um laço entre o leitor e a obra. Para Cosson (2006, p. 55), as motivações de maior sucesso são aquelas que criam laços próximos entre o estudante e o texto que ainda será lido. Sendo assim “a construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um

tema é uma das maneiras usuais de construção de motivação” (COSSON, 2006, p.55).

Em seguida, deve ser efetuada a introdução, que consiste na apresentação do autor e da obra para a turma. Nesse processo, o autor defende a necessidade de apresentar fisicamente o livro aos estudantes. Ademais, prefácio do texto também pode trazer grande contribuição no momento da introdução, uma vez que pode fornecer elementos para debates futuros. Conforme Cosson:

Também têm relevância os prefácios que possuem lugar especial na introdução, eles são em geral objetos de atividades específicas de confronto e expectativa do leitor e fornecem elementos para debate e outras atividades que se desenvolverão antes e/ou depois da leitura. (COSSON, 2006, p. 61)

Uma vez que foi feita a motivação e a introdução, a leitura deve ser o próximo passo. Nesta estratégia de letramento literária, a leitura e o tempo em que ela será realizada devem ser negociados com o estudante, principalmente quando se tratar de textos longos.

Por fim, a interpretação se refere ao processo de construção de sentido feito por cada um dos leitores. Para Cosson (2006, p.66) há dois tipos de interpretação. O primeiro deles, chamado momento interior, é aquele que acontece individualmente, e é feito por aquilo que constitui o leitor no momento da leitura. Enquanto isso, o momento externo, se dá na construção de sentido que acontece em uma determinada comunidade, neste caso, a sala de aula. Cosson ressalta a importância do momento de interpretação externo na escola:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, 2006, p.66)

Sendo assim, o compartilhamento da interpretação na pequena comunidade que se constitui em uma sala de aula contribui para a ampliação de sentido da obra.

Seguindo esse pensamento, as oficinas literárias desta pesquisa foram idealizadas e realizadas. Nesse sentido, cabe analisá-las.

5 INTRODUÇÃO DA ESCRITA DE MARIA FIRMINA DOS REIS NA SALA DE AULA: AS IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES

5.1 O ROMANCE ÚRSULA E AS OFICINAS LITERÁRIAS

As oficinas literárias de leitura e escrita foram realizadas na turma M02 da 2ª série do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Ilda Ferreira da Fonseca Martin”, localizada no município de São Gabriel da Palha, no Norte do Espírito Santo. Aconteceram no período inicial do terceiro trimestre, que compreendeu os meses de setembro e outubro e novembro de 2022.

Esta é uma escola Estadual de Ensino Regular, na qual os estudantes do período matutino estão presentes das 7:00 às 12:20 horas, tempo este que é dividido em seis aulas de cinquenta minutos e um intervalo de vinte minutos. Foram realizadas seis oficinas durante as aulas de Língua Portuguesa, que são quatro por semana. Para isso foi utilizada a metodologia de Letramento literário de Rildo Cosson (2006). Que consiste na leitura literária e produção de textos.

Uma vez que a pesquisadora também é professora regente de Língua Portuguesa nessa turma, as oficinas foram idealizadas a partir da percepção que tivemos da turma ao longo dos meses letivos que antecederam a realização da prática da pesquisa em sala de aula.

Tendo em vista que essa turma se mostrou proativa em atividades que levavam ao diálogo e discussão de temas, as oficinas foram moldadas a este perfil de estudantes. Sendo assim, foram priorizadas atividades que exigissem o protagonismo dos estudantes, bem como diversas rodas de conversa em que eles pudessem dialogar sobre as suas percepções a respeito do romance Úrsula.

Ao mesmo tempo, percebemos que a maioria da turma não cultivava o hábito de leitura, portanto foi necessário criar uma oficina de leitura compartilhada como estratégia para que todos os estudantes pudessem ler a obra ou ter acesso ao conteúdo da mesma.

Sendo assim, as etapas das oficinas serão detalhadas a seguir.

Oficina 1 – Questionário e apresentação da pesquisa

Em um primeiro momento, foi feito o convite para os estudantes participarem da pesquisa. Para isso, foi apresentado aos mesmos de maneira sucinta os objetivos desta pesquisa, deixando claro que faríamos oficinas literárias a fim de investigar na obra lida os traços românticos e abolicionistas na obra de Maria Firmina dos Reis.

Assim que os estudantes aceitaram participar das oficinas literárias, foi entregue a eles uma cópia do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis, e foi informado que teriam um mês para fazer em casa a leitura prévia e individual da obra.

Em seguida, foi entregue um questionário a fim de registrar os hábitos de leitura dos alunos. Os resultados deste questionário serão apresentados mais adiante.

Oficina 2 – Apresentação de Maria Firmina dos Reis

A edição de *Úrsula* (2018) entregue aos estudantes contém uma apresentação escrita por Danglei de Castro Pereira, na qual o autor discute a importância histórica da obra em questão. Foi feito com a turma uma roda de leitura deste texto a fim de que os estudantes pudessem entender quem é Maria Firmina dos Reis e por que ler e estudar a sua obra. Segundo Cosson (2006, p.60) “a biografia do autor é um entre outros contextos que acompanham o texto”, portanto, apresentar a biografia desta autora, bem como a importância histórica da sua obra, pode contribuir para a apreciação da leitura por parte dos adolescentes.

Então, os estudantes foram incentivados a continuar a leitura da obra a partir da percepção da “força de sua literatura, que convida sempre à reflexão face a temas polêmicos como a escravidão, o sexismo e o espaço da mulher em uma sociedade paternalista e escravocrata” (PEREIRA, 2018, p.10)

Oficina 3 – História compartilhada

Uma semana antes da realização desta oficina, foram divididos entre os estudantes os capítulos do romance *Úrsula*. Também foi explicado a eles que deveriam ler novamente e com ainda mais atenção o capítulo a si atribuído, pois ele deveria contar os acontecimentos daquele capítulo a todo o grupo.

O Romance *Úrsula* possui vinte capítulos e um epílogo, sendo assim, a divisão aconteceu entre duplas de estudantes, sendo que algumas duplas ficaram com dois

capítulos mais curtos e algumas duplas ficaram com um capítulo longo. Desta forma, a dupla organizou entre si o modo como cada um participaria do compartilhamento dos acontecimentos do capítulo da obra.

Nesse sentido, no dia da oficina, os estudantes foram colocados em uma roda em um ambiente externo à sala de aula. Então, na ordem de numérica dos capítulos do romance, as duplas puderam compartilhar o acontecimento do seu capítulo. Foi incentivado pela pesquisadora que destacassem a parte que mais lhe chamou a atenção, e quando os estudantes não comentavam um acontecimento relevante para a continuação da história havia a interferência da pesquisadora.

Ao fim, do compartilhamento da história do romance, foi pedido que os estudantes falassem o que pensaram sobre a obra. E então, os mesmos puderam expor sua percepção tanto pelo estilo de escrita do romance quanto sobre a temática.

Oficina 4 – Perfil do personagem

Para esta oficina, em um momento inicial, explicou-se aos estudantes que os personagens do romantismo, sobretudo os personagens indígenas, possuíam um perfil específico, que quase sempre era seguido pelos escritores.

No primeiro trimestre, a professora de Língua Portuguesa desta turma, que também é a pesquisadora, ao falar do Romantismo explicou aos estudantes que havia nos escritores deste período a visão de que os brasileiros vinham da união entre índios e brancos. No entanto, esta visão excluía as pessoas negras que, obviamente, também contribuíram para a formação do povo brasileiro. Esta fala então foi lembrada, uma vez que era necessário que os estudantes entendessem em que o romance de Maria Firmina dos Reis se diferencia dos outros romances estudados no início do ano.

Nesse sentido, foi trazido aos estudantes trecho de duas obras vistas no primeiro trimestre deste ano letivo por estes estudantes: *Iracema* e *O Guarani*, de José de Alencar. Em ambos os trechos havia a descrição dos personagens indígenas protagonistas das obras *Iracema* e *Peri*. Em seguida, com referência nos trechos lidos foi pedido aos estudantes que apontassem as características dos personagens, tanto físicas quanto psicológicas. A partir disso, a pesquisadora junto aos estudantes montou na tela que era projetada no quadro o perfil dos personagens.

Nesses moldes, foi pedido para que os estudantes se dividissem em três grupos, e então os grupos trabalhariam juntos para montarem o perfil de três personagens negros do romance *Úrsula*. O primeiro grupo montou o perfil de Susana, o segundo grupo o perfil de Túlio e o Terceiro grupo montou o perfil de Antero.

Foi explicado aos estudantes que eles teriam algum tempo para montar este perfil em uma cartolina, e que além das características escritas, deveriam fazer uma gravura do personagem, conforme o haviam imaginado. Em seguida, eles deveriam apresentar esse perfil para toda a classe.

Oficina 5 – Reinventando finais

Como dito anteriormente, as oficinas desta pesquisa foram pensadas respeitando o perfil de estudantes presente na turma. Em especial, a oficina “Reinventando finais” foi idealizada no decorrer da pesquisa quando já estávamos realizando outras oficinas. Isso se deu porque muitos estudantes mostravam-se descontente com o fim trágico de quase todos os personagens do romance estudado. Sendo assim, foi indicada essa oficina em que os alunos poderiam reescrever este final, e que o gênero textual fanfic poderia ajudar os estudantes neste processo.

Sendo assim, no primeiro momento a pesquisadora levou o conceito de fanfic para a sala a fim de questionar os estudantes sobre o conhecimento que tinham deste tipo de texto comum na internet. A partir da resposta dos estudantes, a pesquisadora/professora pode completar o pensamento dos estudantes sobre o gênero textual com conceitos mais abrangentes e exemplos de textos.

Então, foi orientada a quinta oficina literária desta pesquisa. Os alunos deveriam escolher um personagem do romance *Úrsula* e, a partir de uma fanfic reinventar um final para este personagem. Uma vez que dentro da cultura de fanfic, muitas vezes o universo da obra é expandido e novos personagens são criados, foi dado também à turma esta liberdade criativa

Oficina 6 – Tu! Tu livre?

Nesta última oficina, foi relido junto aos estudantes o capítulo “Preta Susana” do romance de Maria Firmina dos Reis, para que eles pudessem dialogar sobre a liberdade das pessoas negras no Brasil, tanto no século XIX quanto na atualidade.

A partir da leitura e de uma roda de conversa guiada pela pesquisadora, os estudantes foram orientados a buscar dados na internet, com o auxílio do laboratório de informática móvel da escola, sobre a liberdade das pessoas negras no Brasil atualmente.

De acordo com o que encontraram a respeito do tema, os estudantes criaram um painel com gravuras, notícias, frases de impacto e pequenos textos produzidos por eles mesmos que indicam o modo como entenderam a liberdade das pessoas negras atualmente.

5.2 ANÁLISE DAS OFICINAS LITERÁRIAS E AS IMPRESSÕES DOS ESTUDANTES

A realização de oficinas literárias de leitura e escrita contribuem para a discussão de relevantes temáticas presentes na obra de Maria Firmina dos Reis. Nesse sentido, o objetivo de realizar estas oficinas foi apresentar a obra não canonizada de Maria Firmina para a apreciação dos adolescentes, e explorar o viés abolicionista deste romance a fim fazer discussões importantes sobre raça ainda tão presentes na nossa atual sociedade.

Por essa razão, a seguir serão analisadas as oficinas bem como os relevantes comentários, percepções e produções dos estudantes.

5.2.1 Questionário sobre os hábitos de leitura dos estudantes

Mesmo sendo professora regente da turma desde o início do ano letivo de 2022, a pesquisadora viu a necessidade de conhecer melhor os estudantes, sobretudo no que se diz aos seus hábitos de leitura. Por essa razão, foi aplicado um questionário (APENDICE A) sobre os hábitos individuais de leitura a todos os 28 estudantes, que estavam presentes no início da pesquisa, antes da transferência de um deles e do ensino remoto de outros dois. Eram eles 12 meninos e 16 meninas, com idade entre 16 a 18 anos.

Em um primeiro momento, foi pedido aos estudantes que avaliassem o seu hábito de ler livros marcando de zero a cinco, sendo 0 “não leio”, 1 “leio muito pouco”, 2 “leio pouco”, 3 “leio razoavelmente”, 4 “leio frequentemente”, 5 “leio com muita frequência”. E então, foram obtidos os seguintes resultados:

Imagem 3 – Hábitos de ler livros

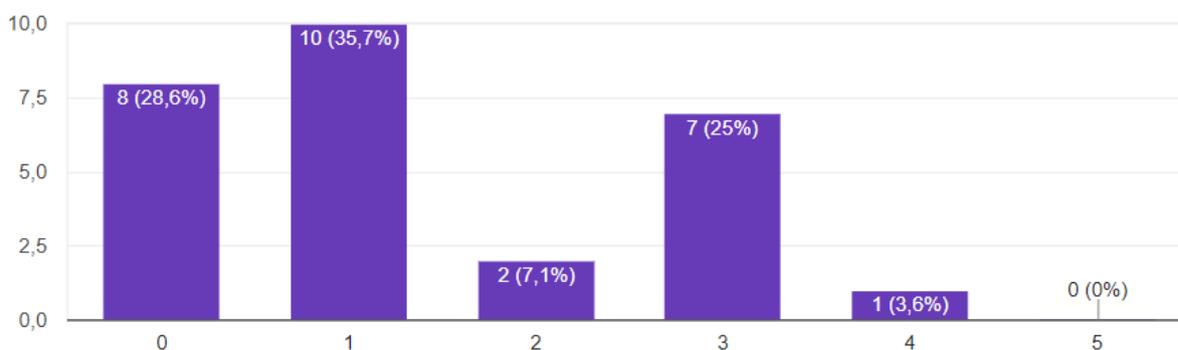


Gráfico 1 – Questionário – Hábitos de leitura

E ainda, foi pedido que avaliassem o quanto gostam de ler livros, marcando de zero a cinco, sendo 0 “não gosto”, 1 “gosto muito pouco”, 2 “gosto pouco”, 3 “gosto razoavelmente”, 4 “gosto” e 5 “gosto muito. A partir disso foi recolhido o resultado a seguir:

Imagem 4 – O quanto gostam de ler livros

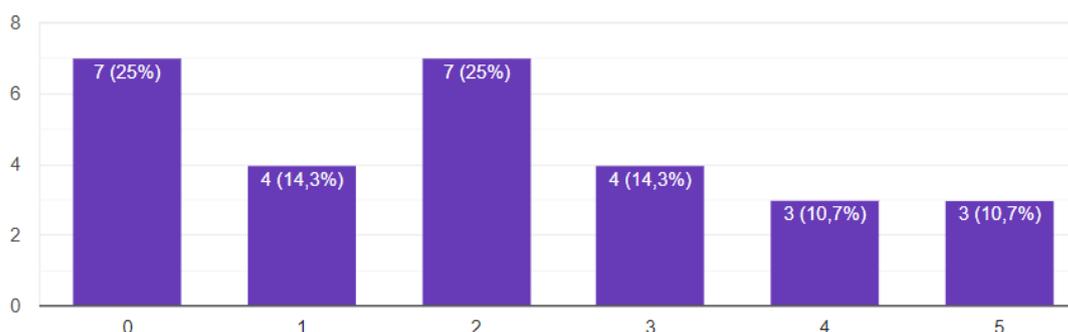


Gráfico 2 – Questionário – Hábitos de leitura

Os dados revelam que a maior parte dos estudantes entende que lê muito pouco ou não lê livros. Enquanto isso, quando perguntados se gostam de ler, os números sofrem uma mudança. A maioria dos estudantes ainda declara não gostar, gostar muito pouco ou pouco de ler. No entanto, cresce o número de estudantes que gostam ou gostam muito de ler em comparação à quantidade dos estudantes que leem frequentemente ou com muita frequência.

Nesse sentido, também foi perguntado que tipo de livro estes estudantes gostavam de ler quando liam. Neste questionamento eles podiam marcar mais de uma opção entre os gêneros textuais Biografia, Romance, Aventura, Fantasia, Mistério, Terror, Quadrinhos ou Poesia. Ainda havia a possibilidade de escrever em “outro” algum gênero textual que não estava listado anteriormente.

Imagem 5 – Preferência de leitura

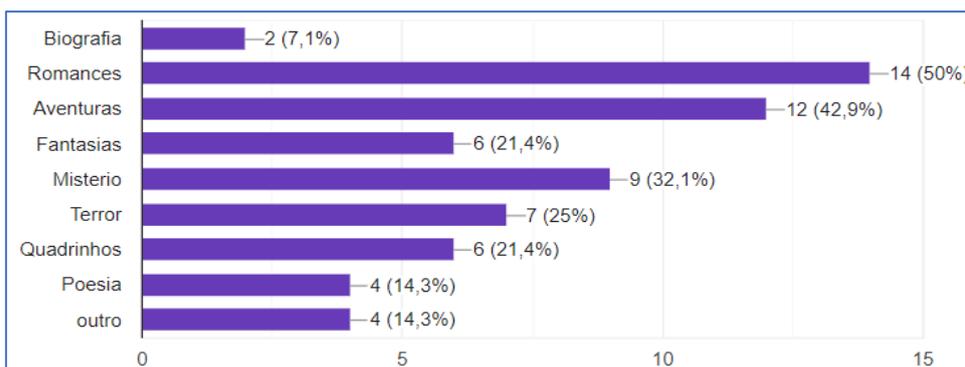


Gráfico 3 – Questionário – Hábitos de leitura

A partir desses dados coletados é possível notar que a maioria dos estudantes se interessam por romance e aventura. Ademais, foi possível perceber que nenhum dos participantes deixou de responder esta pergunta, o que mostra que há pelo menos um gênero literário pelo qual o estudante se interessa.

Então, ao analisarmos os dois últimos gráficos é possível notar que há uma área de interesse na leitura para os estudantes. E então, cabe entender os motivos que podem fazer com que eles não possuam o hábito de ler com tanta frequência. Por essa razão, é importante analisar mais algumas perguntas do mesmo questionário. Foi perguntado, nesse sentido, aos estudantes se eles tinham acesso à biblioteca na escola em que estudam.

Imagem 6 – Acesso à biblioteca na escola

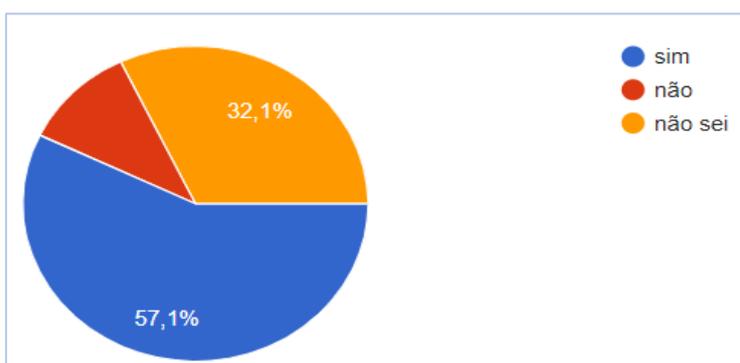


Gráfico 4 – Questionário – Hábitos de leitura

Foi perguntado também se estes estudantes tinham o hábito de comprar livros, marcando de zero a cinco, sendo 0 “não compro”, 1 “compro muito pouco”, 2 “compro pouco”, 3 “compro razoavelmente”, 4 “compro” e 5 “compro muito. A partir disso foi recolhido o resultado a seguir:

Imagem 7 – Hábito de comprar livros

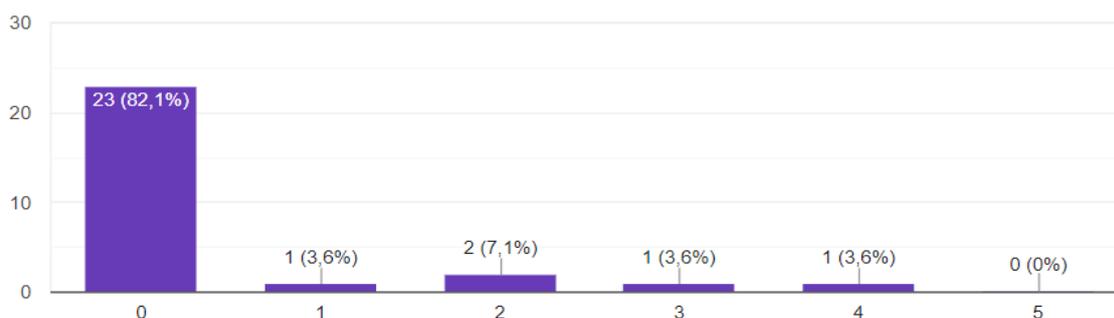


Gráfico 5 – Questionário – Hábitos de leitura

Sobre o gráfico 5, os dados revelam que a maioria dos estudantes (82,1%) não compram livros. Já o gráfico 4 mostra que enquanto 16 estudantes (57,1%) disseram que tem acesso à biblioteca, outros 3 (10,7%) disseram que não e, por fim, 9 (32,1%) disseram que não sabem. É importante ressaltar que no atual ano letivo, devido à falta de salas, a biblioteca desta escola precisou ser usada como ponto de apoio para a Educação Especial, sendo, na maior parte do tempo usada como sala de recurso para os Alunos da Educação Especial (AEE). Por essa razão, muitos estudantes ficaram confusos ao responder a pergunta sobre a biblioteca, por que por mais que haja o espaço na escola, ele recentemente é usado com outra função.

Quando questionados sobre a importância de ter acesso a livros na escola, marcando de zero a cinco, sendo 0 “não é importante”, 1 “muito pouco importante”, 2 “pouco importante”, 3 “razoavelmente importante”, 4 “importante” e 5 “muito importante”, os estudantes, em sua maioria, consideram importante ou muito importante o acesso às obras:

Imagem 8 – Consideram importante ter acesso a livros na escola

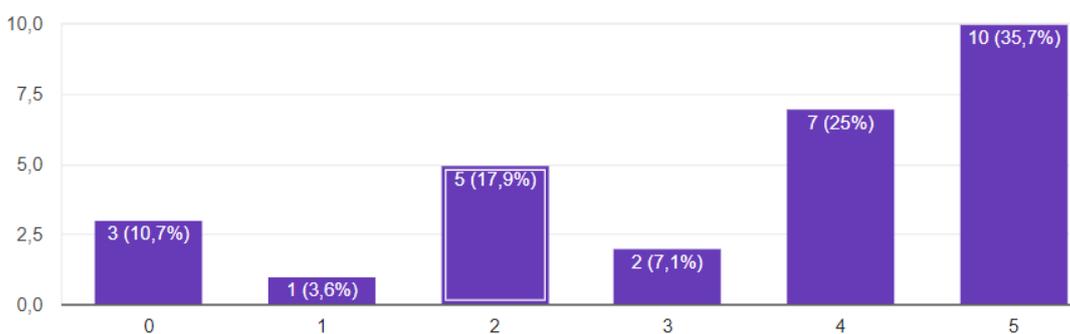


Gráfico 6 – Questionário – Hábitos de leitura

Ao pedir para dissertarem sobre a necessidade do acesso aos livros nas escolas alguns estudantes trouxeram importantes pontos como o estudante Mateus¹⁰ que disse que “é importante por que incentiva os alunos a ler”, ou como a Julia que deu a sua opinião de como deveria acontecer o acesso “Acredito que sim! Mas com o intuito de levar para casa, porque no recreio não dá tempo”. É necessário ressaltar que além dos estudantes não terem acesso ao espaço reservado para a biblioteca, a escola também não conta com um profissional que possa fazer o controle de empréstimo dos livros, por isso a estudante ressalta que os livros não podem ser levados para casa.

10 O nome verdadeiro dos estudantes foi alterado a fim de manter em sigilo a sua identidade.

Outros estudantes questionaram o acervo da escola como a Carla “Deveríamos ter mais acesso a livros, com temas variados e da atualidade” e a Cida “Minha escola não investe na compra de livros, nunca me interessei por nenhuma dessas histórias infantis da biblioteca”.

Os dados, aliado ao depoimento escrito pelos estudantes revela que a maioria deles declaram não gostar de ler, e uma maioria ainda maior revela que não tem esse hábito. Esses números podem ser justificados pela falta de uma biblioteca adequada na escola ou por que os estudantes não compram livros.

Sendo assim, a fim de que as oficinas de leitura e escrita pudessem ser realizadas, algumas ações foram tomadas pela professora/pesquisadora em parceria com a escola.

Em primeiro lugar, a escola disponibilizou cópias físicas do romance que seria lido e estudado para todos os estudantes. Em seguida, foi feito um incentivo constante por parte da professora para que os estudantes lessem a obra. E então, prevendo que possivelmente nem todos os estudantes, seja por falta de interesse ou de tempo, leriam todo o romance, foi idealizada a oficina 3 – História compartilhada, que compreende o compartilhamento da história.

5.2.2 Apresentando Maria Firmina dos Reis

Logo após a entrega do livro físico, os estudantes foram organizados em um círculo, no qual foi feita uma leitura em grupo do prefácio escrito por Danglei de Castro Pereira na edição de 2018 do Romance. Este texto traz uma breve biografia da autora e discute a importância histórica do romance.

Nesse sentido, a pesquisadora explicou aos estudantes os motivos pelos quais estavam analisando especificamente aquela obra. Sendo eles o fato de ser o primeiro romance abolicionista brasileiro, de ser o primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher e por ser um romance que se distancia das demais obras da prosa romântica por dar ao personagem negro uma posição de destaque.

Nesse sentido foi pedido aos estudantes que falassem se lembravam de estudar alguma obra escrita por mulher nas aulas de literatura no Ensino Médio, como era esperado, uma vez que de acordo com o currículo do Ensino Médio do Espírito Santo na segunda série os estudantes estudam a literatura brasileira do Romantismo ao Simbolismo, os estudantes responderam que não estudaram escritoras mulheres ou não se lembravam.

Então, foi perguntado à turma se estavam interessados em estudar a obra. Os estudantes pontuaram que não gostavam de ler, mas que viam que aquela obra era importante. Foi explicado então, que eles teriam cerca de um mês para ler o livro e que depois disso novas oficinas seriam realizadas a respeito da leitura. De acordo com o letramento literário proposto por Cosson (2014, p.54), uma boa motivação pode levar ao sucesso no encontro do estudante com a obra que será lida:

Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção da motivação. (COSSON, 2014, p. 55)

Ademais, o autor ressalta, como objeto de introdução à obra, a importância de um prefácio:

Também tem relevância os prefácios que possuem lugar especial na introdução. Eles são em geral objetos de atividades específicas de confronto de expectativa do leitor e fornecem elementos para debate e outras atividades que se desenvolverão antes ou depois da leitura. (COSSON, 2014, p.61)

Dessa forma, o prefácio de Danglei de Castro Pereira, discutido nesta oficina, pode ter para a discussão.

5.2.3 História Compartilhada

Passado o período que os estudantes tiveram para ler o romance *Úrsula em casa*, na sala de aula foi orientado que eles se dividissem em duplas. Em seguida os 20 capítulos e o epílogo do livro foram distribuídos entre as 14 duplas, sendo que algumas duplas ficaram com apenas um capítulo e outras com dois capítulos. Esta divisão se deu a partir do tamanho de cada capítulo.

Foi explicado aos estudantes que eles deveriam ler junto com a sua dupla novamente o capítulo que lhe foi atribuído e prestar atenção aos detalhes da história que ali estava acontecendo, para que na semana seguinte, contassem à turma os acontecimentos do seu capítulo.

Na semana seguinte, os estudantes foram posicionados em uma roda em um espaço acolhedor fora da sala de aula. E então, na ordem dos capítulos dupla a dupla foram contando os acontecimentos da parte que lhe foi conferida ao restante da turma.

Foi possível perceber, como esperado, que alguns estudantes não haviam lido o livro em sua totalidade. Essa percepção se deu principalmente em pontos de virada da história como a traição da Adelaide ou a morte de Túlio em que alguns alunos se mostraram surpresos ou indignados com os acontecimentos.

Nesse sentido, esta oficina se mostrou muito importante para que todos os estudantes tivessem contato com a obra na íntegra e assim conhecessem todos os personagens e as suas particularidades.

Ao longo do compartilhamento, se alguma dupla esquecesse um acontecimento importante e necessário para a continuidade do romance a pesquisadora/professora intervinha a fim de contribuir.

Finalizado o compartilhamento foi pedido aos estudantes que falassem o que acharam do livro de um modo geral, a estudante Isis pontou a excessiva escrita descritiva, que tornava “chato de ficar lendo”. Foi lembrado então aos estudantes que está escrita de longa descrição é uma característica da prosa romântica. Outro ponto que muitos estudantes levantaram os finais trágicos do romance, como o estudante Luan que disse que achou “o livro muito triste, só tem tragédia”. Vale ressaltar também o comentário do estudante Lorenzo que assumiu não ter lido o livro inteiro “tinha tempo que eu não lia, mas dessa vez eu li pelo menos uma parte”.

Por fim, mais uma vez foi lembrado aos estudantes a importância de ler e falar sobre este romance, uma vez que foi o primeiro romance escrito e publicado por uma mulher no Brasil, mas sobretudo pelo seu viés abolicionista. Nesse sentido, a professora/pesquisadora explicou que nas próximas oficinas seriam focadas no abolicionismo da obra.

Então, como preparação para o momento que se daria na semana seguinte, foi pedido aos estudantes que se dividissem em três grupos, com 8 a 10 alunos cada grupo.

5.2.4 Perfis de personagens

Uma vez que os estudantes já estavam separados em seus respectivos grupos, a partir de um slide projetado, foi feita a leitura de um trecho de Iracema em que havia a descrição da jovem índia (Anexo B). Após a leitura foi pedido aos estudantes que destacassem as principais características físicas da personagem. Os estudantes apontaram a cor da pele, do cabelo, o destaque aos lábios de Iracema, e as suas formas graciosas.

Em seguida, foi pedido que os estudantes indicassem traços da personalidade de Iracema presentes naquele trecho. Os estudantes destacaram a coragem, a inteligência, a esperteza. Além disso, alguns estudantes chamaram a atenção para o fato de Iracema ser apontada como virgem.

Estas características apresentadas pelos estudantes foram escritas pela pesquisadora em um slide ao lado da gravura de Iracema e projetado para toda a turma.

O mesmo foi feito com um trecho de O Guarani (Anexo C), e então os estudantes destacaram a aparência bela do jovem índio, os traços do seu rosto e do seu corpo, a cor de sua pele e de seu cabelo. Ao exemplo anterior, também foi destacada a destreza do personagem, sua habilidade física, sua força e sua coragem. As características de Peri também foram colocadas ao lado de sua gravura no slide e projetado para a turma.

Foi explicado aos alunos que estes personagens indígenas do Romantismo não condiziam com a pessoa indígena daquele período, mas com um ideal do herói nacional que deveria ser criado para a literatura brasileira romântica.

Foi pontuado também que os personagens negros normalmente não apareciam em romances, e que havia o ideal de que o povo brasileiro havia se formado a partir da junção do índio e do branco no romantismo brasileiro. Sob esse ponto de vista, as pessoas negras eram excluídas.

Mas foi salientado que na obra de Maria Firmina dos Reis os personagens negros ganham grande destaque na história e são importantes para os acontecimentos. Sendo assim, os estudantes deveriam investigar no livro as características físicas e

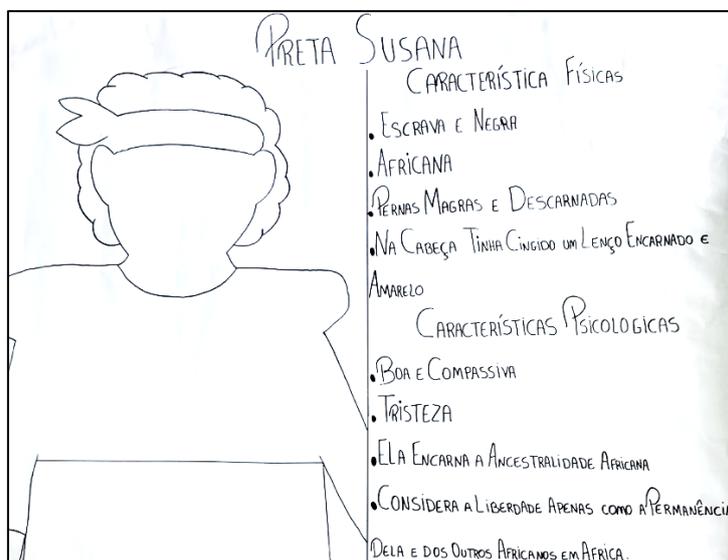
psicológicas dos personagens negros a fim de criar perfis assim como os que foram feitos para os personagens indígenas.

Sendo assim, foram distribuídos os personagens aos grupos divididos na aula anterior. Ao primeiro grupo, formado por 9 alunos, foi atribuída a personagem Susana. Ao segundo grupo, formado por 8 estudantes, foi atribuído o personagem Túlio. E ao terceiro grupo, também formado por 8 estudantes, foi atribuído o personagem Antero.

Então, ao longo de duas aulas de cinquenta minutos cada, os estudantes fizeram as anotações de acordo com a sua investigação na obra literária e, em uma cartolina destacaram as principais características físicas e psicológicas dos personagens ao lado de uma gravura que fizeram de acordo com a visão que tinham do personagem.

Na aula seguinte os grupos apresentaram para a turma o perfil de seu personagem e explicaram como puderam notar as características, principalmente as psicológicas. O primeiro grupo a apresentar, tinha como personagem a Preta Susana, para a qual foi feita a seguinte produção:

Imagem 9 – Preta Susana



É possível notar que os estudantes destacam como características físicas da Preta Susana a magreza e as vestimentas miseráveis, que se dão devido à sua condição de escrava. Em contrapartida, os estudantes a entendem como uma mulher boa e compassiva, apesar de triste e destacam que é em Susana que temos a principal encarnação da ancestralidade africana no romance. Ademais, os estudantes perceberam, provavelmente devido ao discurso da personagem no capítulo “Preta

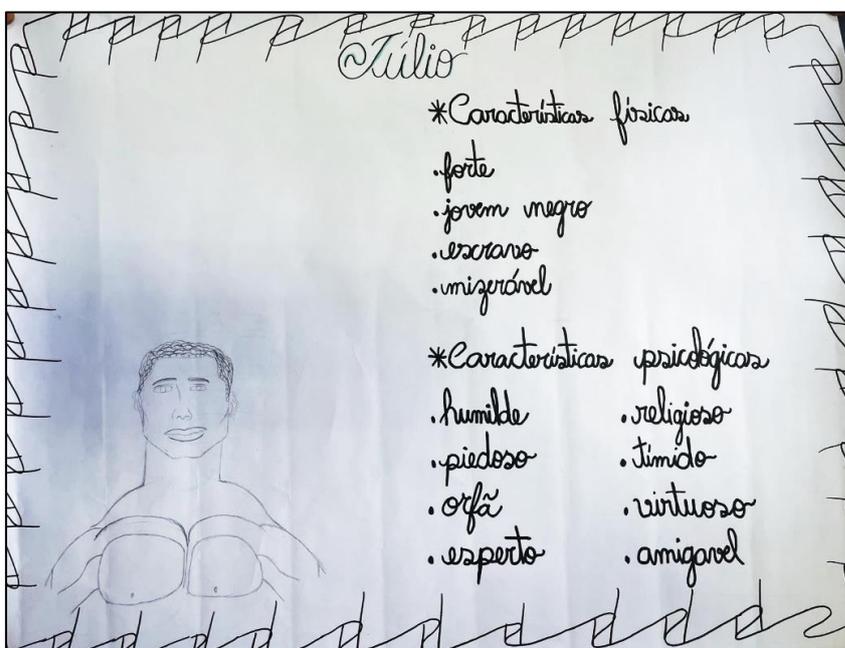
Susana” que a personagem não considera que um negro alforriado no Brasil seja livre de fato.

Cabe destacar a fala da aluna Isis⁵, que foi gravada em áudio:

“Por ela ter vindo em um navio negreiro, teve que abandonar a família dela lá na África pra poder trabalhar como escrava aqui no Brasil, ela é uma pessoa bem triste. E ela encara a liberdade dela com a resistência dos escravos que permaneceram aqui no Brasil” (ISIS, 16 anos)¹¹

O segundo grupo a apresentar a sua produção para a classe tinha como personagem o jovem Túlio, o segundo personagem apresentado no romance e o primeiro personagem negro a aparecer nesta obra. Os estudantes trouxeram o seguinte perfil:

Imagem 10 - Túlio



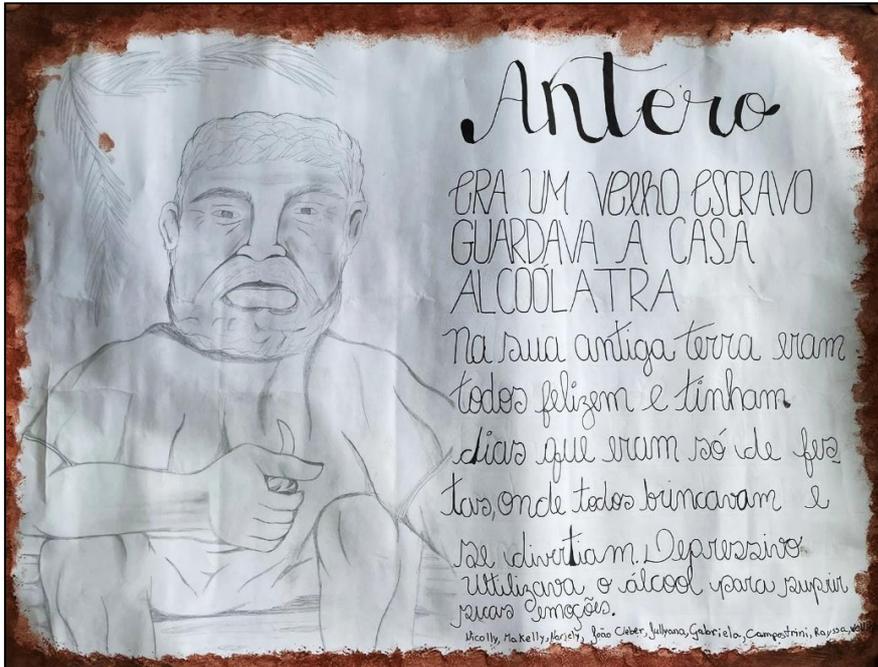
Os estudantes deste grupo destacam a condição de escravo miserável do personagem, isso em contraponto com sua humildade, piedade e virtude. Na apresentação oral para a turma, a estudante Isabela⁵ interpõe para justificar o desenho feito pelo grupo:

“Ele veio de uma família bem humilde, aí a gente desenhou, ele era forte, né? Jovem. Pelo motivo também dele ser escravo também, pegar muito peso, ele tem os músculos.” (Isabela, 16 anos).

O terceiro e último grupo, trouxe o perfil de Antero:

Imagem 11 - Antero

11 Foram mantidos na transcrição os vícios de linguagem, gírias e demais oralidades dos estudantes para preservar a integridade do seu discurso.



Neste perfil, os estudantes não destacaram na escrita as características físicas do personagem, no entanto, na gravura produzida por eles é possível perceber um rosto de um homem negro velho e cansado com seu cachimbo na mão. No perfil produzido, os estudantes destacam o fato da Antero ser um homem alcoólatra e depressivo. Na apresentação oral, o estudante Julio explica melhor esta questão:

“Antero era um velho escravo, ele guardava a casa – a parada toda lá⁷ – e seu maior defeito era seu rosto horroroso, feio. E ele tem um consumo excessivo por álcool. Na sua antiga terra, que provavelmente era a África, era muito normal trabalhar e tudo mais e na hora do descanso ele utilizava a bebida e brincadeira como os familiares o que levou com essa ação à depressão, né? Ele utilizava o álcool para lembrar das suas antigas comemorações, mas o álcool levou ao aprofundamento de sua depressão.”
(Julio, 16 anos)

Ao fim das apresentações dos perfis dos personagens, foi pedido que os estudantes fixassem os cartazes no corredor para que os demais alunos da escola pudessem apreciar o trabalho da turma. A partir de um diálogo, foi lembrado aos estudantes também a importância de um romance neste período que trouxe tanto destaque para personagens negros que tinham histórias paralelas e relevantes e, principalmente, que questionavam sua condição de escravizado.

5.2.5 Reinventando finais

Como dito anteriormente, algumas oficinas foram pensadas com o decorrer da pesquisa e de acordo com as necessidades que a turma apresentava. Então, ao observar o descontentamento dos estudantes com o final trágico dos personagens de Úrsula, essa oficina se constrói como um complemento ao compartilhamento de histórias acontecido na segunda oficina literária desta pesquisa. Uma vez descontentes com o final trágico de quase todos os personagens do romance, foi proposto aos estudantes que reinventassem o final de um personagem de Úrsula.

Para explicar melhor o que seria feito, foi perguntado aos estudantes se eles conheciam o termo fanfic. E como o esperado muitos deles conheciam e tinham o hábito de ler este tipo de ficção muito comum no ambiente virtual. A estudante Isis disse, inclusive, que tinha o hábito de escrever fanfics em um site para o compartilhamento desse tipo de história.

Sendo assim, foi pedido a estudante que explicasse à turma o que era uma fanfic, já que ela conhecia bem este gênero, tanto como leitora quanto como escritora. E então, a aluna explicou que era uma história escrita por um fã inspirada em uma obra física já publicada e famosa.

Nesse sentido, a pesquisadora/professora completou explicando as diversas facetas da fanfic, e como ela pode mudar o fim da história de alguns personagens da obra na qual se inspira, além de que pode criar novos personagens para construir novas histórias naquele universo criado pela obra principal.

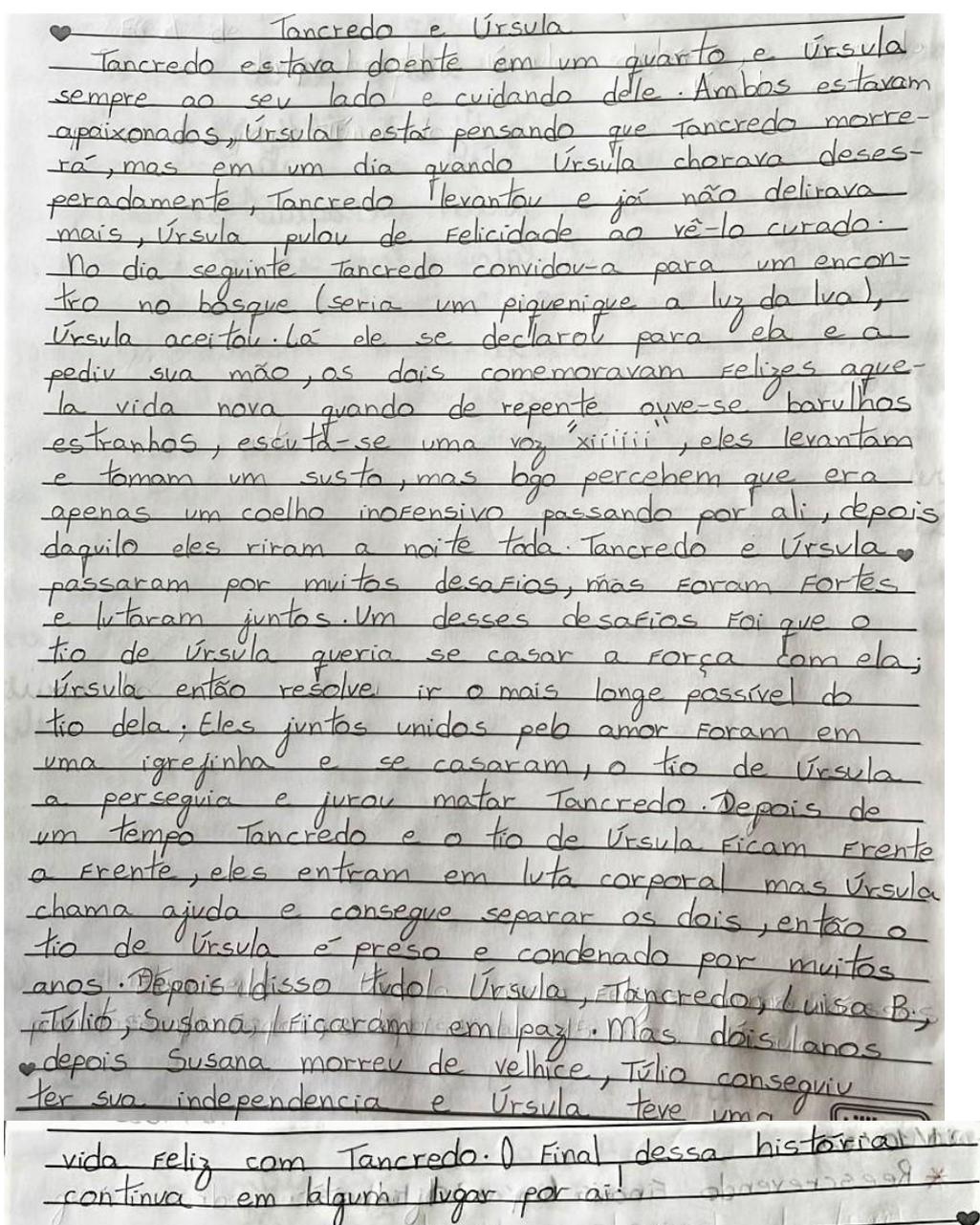
A partir desse compartilhamento, foi explicado aos estudantes que nesta quinta oficina literária eles deveriam produzir uma fanfic a partir do romance de Maria Firmina dos Reis. Nesse sentido, eles poderiam escolher um personagem para mudar o final da sua história e a criação de novas linhas para a história deste personagem era livre, bem como a introdução de novos personagens que contribuíssem na nova ficção criada pelo estudante.

Ao longo do duas aulas de cinquenta minutos, os estudantes presentes, que eram vinte e cinco, em um espaço mais aberto da escola produziram suas fanfics. Uma estudante escolheu reescrever o fim do grande vilão, o Comendador Fernando P.

Sete alunos reescreveram o final do jovem negro recém liberto Túlio. Oito escreveram sobre o velho escravo Antero. E, por fim, nove estudantes reescreveram o fim do casal protagonista Úrsula e Tancredo.

Com estes números é possível observar as histórias que mais tocaram os estudantes. Já era esperado que muitos deles desejassem mudar o final trágico do casal romântico, afinal, é esperado um final feliz em uma história de amor. Como a estudante Cristina⁵ que em sua fanfic escreve Tancredo vencendo o Comendador em uma briga corporal, e desta maneira os mocinhos tem o desejado final feliz:

Imagem 12 – Fanfic Tancredo e Úrsula



♥ Tancredo e Úrsula
Tancredo estava doente em um quarto e Úrsula sempre ao seu lado e cuidando dele. Ambos estavam apaixonados, Úrsula está pensando que Tancredo morrerá, mas em um dia quando Úrsula chorava desesperadamente, Tancredo levantou e já não delirava mais, Úrsula pulou de felicidade ao vê-lo curado.
No dia seguinte Tancredo convidou-a para um encontro no bosque (seria um piquenique a luz da lua), Úrsula aceitou. Lá ele se declarou para ela e a pediu sua mão, os dois comemoravam felizes aquela vida nova quando de repente ouve-se barulhos estranhos, escuta-se uma voz "xiiiiii", eles levantam e tomam um susto, mas logo percebem que era apenas um coelho inofensivo passando por ali, depois daquilo eles riram a noite toda. Tancredo e Úrsula passaram por muitos desafios, mas foram fortes e lutaram juntos. Um desses desafios foi que o tio de Úrsula queria se casar a força com ela; Úrsula então resolve ir o mais longe possível do tio dela; Eles juntos unidos pelo amor foram em uma igrejazinha e se casaram, o tio de Úrsula a perseguia e jurou matar Tancredo. Depois de um tempo Tancredo e o tio de Úrsula ficaram frente a frente, eles entram em luta corporal mas Úrsula chama ajuda e consegue separar os dois, então o tio de Úrsula é preso e condenado por muitos anos. Depois disso Tulo, Úrsula, Tancredo, Luisa B, Túlio, Susana, ficaram em paz. Mas dois anos depois Susana morreu de velhice, Túlio conseguiu ter sua independência e Úrsula teve uma vida feliz com Tancredo. O final dessa história continua em algum lugar por aí.

Cabe ainda destacar estudantes como a Marcela⁵ que manteve o fim trágico, mas muda alguns paralelos do romance e traz referências que lembram a tragédia de Romeu e Julieta:

Imagem 13 – Fanfic Tudo pelo amor

Tudo pelo amor

Após Tício cumprimentar o padre e lhe pedir a
vela branca, perguntou-lhe se vinha do Comendador.

* - Sim, acabo de encerrar uma cerimônia - disse
o padre confuso.

- mas, onde se encontravam os noivos?

- Ainda na igreja, filho, mas, por que a pergunta
Tício, sem se explicar, parte, sem folgo, cansado,
faltavam-lhe forças. Mas, não poderia deixar que o
tal comendador seguisse com seu plano.

Tício avista os noivos partindo em um coche de
cavalos, se lança atrás de uma árvore, e tenta avisar
os noivos:

- Cidadão, senhor, eles querem vos matar...

Antes que Tício completasse a última palavra,
é recebido com dois tiros certeiros, que o levarão
à morte. Logo, Virula é arrancada do coche, sendo
feito de refém do Comendador.

- O que queris? Um Tancredo apavorado e
se tremendo.

- Ora, Tancredo, se amas tanto tua mulher
espera, recomendo que se distancie - disse o
Comendador, apontando a arma diretamente para
a cabeça de Virula, que, de joelhos, multiplicava
pela vida.

Tancredo, sentindo a dor na alma, saca uma
arma e age por impulso, dispara vários tiros
em direção ao Comendador, tirando de sua morte
a possibilidade de recitar sua lumen

© ABRIL COMUNICAÇÕES S.A.

Tamredo, respira fundo, abre seus olhos após vários disparos, e sim, ele havia cometido um homicídio, ou dois...

- NÃO! NÃO! grita Tamredo, se dobrando de joelhos, aos prantos no peito de Úrsula, que, com o corpo inclinado para trás, deu o último suspiro.

- Porquê ??? Porquê ??? Como eu pude? Chorava de dor e angústia.

Já fora de si naquela situação, Tamredo olha para a arma em suas mãos, a mesma que tirou a vida de seu grande amor, e vê que se lhe vestiasa uma bala. É pido de culpa.

- Pico-lhe pedras Úrsula, por tua vida injustamente tirada, não se pinto... não não se pinto... tu queria ver seu herói, Úrsula, mas herói tem sede de justiça e não de vingança.

É com a mesma arma que tirou a vida do amor verdadeiro, tirou a própria vida.

Um único disparo, um único tiro Tamredo apontou-lhe a arma para sua própria cabeça. Ainda em prantos, fez-se, em nome de seu amor.

Entretanto, a quantidade de estudantes que se interessaram em dar um outro final para a história trágica dos personagens negros Túlio e Antero, pode levar ao entendimento que estes alunos foram tocados pelo viés abolicionista do romance. Uma vez que desejaram um final diferente para estas vidas que sofreram tanto ao longo da história. Houveram alunos que imaginaram que as atitudes heroicas de Túlio levaram a um final feliz para o casal protagonista. Esse ponto de vista revela como alguns estudantes perceberam o personagem como um grande herói do romance. É possível observar este ponto na narrativa do estudante Wagner⁵:

Imagem 14 – Fanfic Tulio o grande herói

Túlio o grande herói

Túlio ao perceber que estava sendo perseguido por algum capangão de Fernando decidiu se esconder no meio da floresta. Ao entrar na mata, ele sentiu a presença deles e com o seu fôlego, assustou todos os que o perseguiram. Depois com bastante pressa foi até a casa de Tomécido e Ursula para avisar que eles estavam correndo perigo, ao serem avisados do risco que corriam preferiram fugir sem destino a cidade. Túlio também como estava muito acostumado optou por fugir com eles para o mesmo destino.

No meio do caminho para a fuga eles foram surpreendidos por Fernando, que nesse momento conseguiu capturar Tomécido e Ursula e colocá-los presos dentro de uma cela. Túlio como estava um pouco atrás deles, não foi capturado e seguiu viagem até a cidade. Suprmo ao tomar conhecimento de que os dois estavam presos em poder de Fernando, rapidamente providenciou uma corré e enviou a Túlio informando o ocorrido.

A corte demorou alguns dias para chegar as mãos de Túlio, enquanto isso ele fez muitas amizades, ao receber a carta enviada por Suprmo, Túlio convocou seus novos amigos em sua casa e pediu que se unissem e fossem até a casa de Fernando, para que juntos conseguissem libertar os prisioneiros, eles se prepararam e partiram com Túlio. Foi uma rápida viagem, pois estavam bem preocupados, ao se aproximarem do local onde estavam, cercaram casa, armaram-se e disseram a Fernando que ele estava cercado e que soltasse Ursula e Tomécido, Fernando não aceitou, então iniciaram uma grande luta, todavia como Túlio estava acompanhado de seus novos amigos, conseguiram entrar na casa, soltar os prisioneiros e deixaram Fernando sozinho

Crede

pensando no que ele havia feito.

A estudante Isabela, imaginou ainda um fim em que o jovem recém alforriado escapasse de toda a tribulação livre, viesse para o Espírito Santo trabalhar nas lavouras de café e nesta nova terra conhecesse o amor:

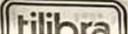
♥ A mudança de Túlio

Com vários casos acontecendo, Túlio consegue ver liberdade da escravidão e decide seguir sua vida com a cabeça erguida, seguindo para o estado de Maranhão (seu estado natal), e ir para o estado de Espírito Santo.

Depois de longos dias pensando e decidido, Túlio entra em um navio com seu destino em mente. Dias e noites passaram e Túlio ainda em alto mar. Depois de 15 dias ainda no navio, Túlio conhece uma moça chamada Joana, muito simpática, linda, pele morena e cabelos cacheados perfeitos. Conversa vai, conversa vem, ele diz a ela que estava precisando de algum trabalho para ele ter dinheiro para se alimentar, e uma meradia, Joana na hora, lembrou de sua roça, herança que seu pai é deixado, com uma casa e uma lavoura de café grande. Eles então, chegaram a terra firme, Joana apresentou sua cidade, amigos e sua mãe Maria.

Joana então, colocou Túlio para cuidar da casinha que tinha na roça, e trabalhar na colheita de café, para ele conseguir ter seu próprio dinheiro, e não passar mais necessidades. Dias passaram os dois foram se aproximando mais e mais, o amor e carinho foi crescendo, Joana sempre com seu jeito simpático e educado chamou Túlio para almoçar em sua casa. Maria preparou um almoço perfeito com muito amor. Os três conversaram bastante, falaram sobre seus sonhos futuros, seus passados, e como Túlio nunca passou por isso, nunca se sentiu tão amado por alguém, se apaixonou profundamente por Joana. O amor entre os dois era recíproco, não se desgudavam mais.

♥ A colheita de café foi acabando e Túlio estava se sentindo muito



desconfiado, pensando que talvez Joana mandasse ele ir embora, pois não tinha mais trabalho para ele lá. Joana então começou a agir distante com ele, mais distante, mas mal sabia Tullio que iria receber uma surpresa. Em uma noite Joana decidiu fazer um jantar incrível e chamou apenas o Tullio para esse momento, conversa vai, conversa vem, Joana apareceu com um casal de noivos lindo e pediu Tullio em casamento, ele feliz mas sem reação, disse "SIM, ACEITO JOANA", em seguida eles se abraçaram, se beijaram e logo já começaram sobre seus planos juntos.

Nesses passaram eles marcaram o casamento, tiveram uma menina linda, chamada Rosana e então seguiram suas vidas felizes e Tullio todos os dias agradece por conquistar pessoas incríveis e por ter vivido do seu passado horrível.

No entanto, na análise desta oficina literária, notou-se o grande impacto do personagem Antero sobre os estudantes. Na obra, o personagem aparece de maneira passageira, mas o contexto de alcoolismo e depressão enfrentado pelo velho escravo devido a sua condição de cativo, conquistou muitos estudantes, que quiseram dar para ele um fim digno. Como a estudante Natália⁵ que enxerga no amor o fim feliz para o velho escravo:

Imagem 16 – Fanfic O final feliz de Antero

O final feliz de Antero

Tullio dá muita bebida para Antero para deixar ele bêbado e Antero fica muito bêbado e Tullio que quer se vingar de Antero, pois Antero prende ele primeiro em uma cela, mas Tullio consegue se libertar. É para se vingar de Antero dá muitas bebidas para ele para conseguir prendê-lo. É Tullio consegue prender Antero e ele fica ali por vários dias, e foi passando os dias, os meses, anos.

Antero fica triste e solitário um dia uma mulher muito linda estava passando por ali e se depara com aquela cena horrível de Antero, e

ela fica triste e pensativa "como esse homem
foi parar ali sozinho e tão magro?". Então ela
resolve ir chegando mais perto para conversar
com ele, ele fica meio assustado com a mulher,
mas pelo outro lado ele fica feliz por ver ela
ali e ele pergunta: "que está fazendo aqui moço
bonita", ela responde: "estava passando por aqui
indo para casa dos meus pais, e te vi aí tão
triste e solitário que resolvi parar para ver o que
estava acontecendo". E Antero abre um sorriso
para a moço e ele fala para ela o ajudar
sair dali.

Ela procura alguma coisa para tentar abrir o
cadeado para salvá-lo então ela acha um pedaço
de ferro e vai batendo até conseguir quebrá-lo.
Então, finalmente ela consegue e ele sai, ela chama
junta de Aurora e ficaram juntos para
a vida toda. E Antero fica feliz no final.

Já a estudante Maria traz um pesar realista ao mostrar que o fim do velho escravo
pode não ter sido feliz uma vez que o Comendador o encontra após a fuga de Túlio:

Imagem 17 – Fanfic O fim de Antero

O Fim de Antero

Após Túlio fugir e deixar Antero preso,
chegou o Comendador, vendo que não
havia ninguém e a porta aberta, foi
procurar Antero. Ao ver ele preso e sentir
um cheiro insuportável de bebida, o Comen-
dador foi logo chamar o escravo. O Comen-
dador não gostou nada do que está-
va vendo e logo chamou seus capangas
para lá, um jeito naquele alcoolatra in-
responsável.

Antero sem saber o que estava acontecen-
do, para causar a sua embriaguez, foi

encarcerado e levado ia uma prisão, onde ele era o prisioneiro

Quando o álcool foi acabando o seu efeito e Antero foi lembrando o que tinha acontecido, ele se arrependeu amargamente de tudo o que havia acontecido. Então simplesmente sentou e começou a lembrar do seu passado. No lugar onde era cheio de felicidade e lembrou-se de como era a famosa festa do fetiche, onde eles não trabalhavam nesse dia e era um dia de descanso as festas, brincadeiras, bebedeiras e alegria, essa festa acontecia um dia a cada semana.

Os dias foi passando e Antero ia cada dia ficando mais triste e arrependido com o acontecido. Sua depressão foi ficando

cada vez mais forte e piorando, e como ele era muito velho já não aguentava mais nada, sua saúde piorou e sua vontade de beber estava ficando cada vez pior. Porém sua única felicidade era quando ele estava embriagado, e esse sofrimento foi ficando maior. Então Antero acabou morrendo de tanto desgosto de não poder mais matar sua vontade de beber e fumar já que ele não podia voltar para a prisão.

Vale ressaltar também a narrativa do estudante Caio⁵ que traz diversas características de uma fanfic como o amor e a sensualidade. Este estudante imagina uma fuga de Antero e Úrsula, na qual em uma longa viagem a dupla se descobrem apaixonados. O fim desta fanfic, no entanto, ainda se revela trágico:

Imagem 18 – Fanfic Antero - Caos/Flor*** 12

12 “Caos/Flor***”, segundo o estudante, é uma referência à música pop de mesmo nome da cantora Luisa Sonza. A expressão pode indicar o caos e a paz – flor – que pode existir dentro de um relacionamento amoroso. 116

Antero - Caos / flor***

Logo após ser embreagado e jogado na prisão por Túlio, Antero acorda e se vê numa situação decadente. O velho escravo, lembra de como era antes de se akodatra e viciado, recorda da sua boa forma, de sua beleza, e até do jeito que levava a vida leve e feliz.

Depois desses pensamentos nostálgicos, o velho começou a chorar e se afundar em mágoas, até que uma luz veio a sua cabeça. Juntou todas suas forças, pegou uma barra de ferro que estava jogada no canto da cela, e começou a golpear as velhas madeiras podres até quebrá-las.

Logo após se libertar, mesmo querendo parar com todos seus vícios, ele estava tomado pelo ódio e pelo rancor. Antero realmente era uma pessoa boa, mas cada vez mais ele se recorda das maldades que fez a mando do comendador. Por isso, como forma sua culpa e se redimir perante a todos que sofreram nas mãos de Fernando, o ex viciado, decide por um fim nas maldades do falso cristão, tirando sua vida.

todos estão acreditando. Quem sabe assim, eu também não consiga enganar a Deus?!

Com sangue nos olhos, Antéro pega a cruz que faz entrada na sagrada missa, e enfia no peito de Fernando. E desse jeito, todo ensanguentado, Antéro sai do Convento, e deixa o corpo de Fernando na capela, para que todos vejam.

Voltando ao bar, através de outra fofoca que ele escuta das damas da noite, ele toma conhecimento da loucura de Úrsula, e novamente tem uma idéia duvidosa.

Antéro pega seu cavalo, e dirige-se até a Úrsula, e lhe faz uma proposta: que ela siga com ele, e os dois, juntos vão para sua cidade natal na África.

Úrsula, de mente de suas faculdades mentais aceita a proposta. E assim, Antéro arruma as coisas e parte com Úrsula.

Querendo sair logo da cidade, antes que descubram sobre o assassinato do comendador, Antéro consegue duas vagas no primeiro navio que vê. O navio por si só já era duvidoso, já que ninguém nunca havia embarcado nele, mas para complementar o perigo, o capitão do navio, também nunca tinha navegado antes.

Como a viagem era grande, e os dois só conheciam um ao outro, Antero e Ursula foram se aproximando cada vez mais, até que se apaixonaram.

Numa noite chuvosa, todos foram proibidos de sair de seus quartos. O casal apaixonado, passou a noite conversando e rindo, até que tiveram sua primeira noite de amor juntos. Seus corpos suados se encontraram em uma só sintonia, fazendo com que os dois se esquecessem, por um momento, de todo o caos de suas vidas.

Ao acordarem de sua noite quente, os dois amantes repararam que o chão estava inundado, e que havia uma certa gritaria em todo o navio. Ao saírem pela porta, descobriram que o navio estava afundando. Antero pensou e traçou vários planos para sobreviverem, mas Ursula sabia que nada daria certo, já que todos ali se encontravam no meio do nada.

Então, a bela moça, que de certa forma havia encontrado de novo a sanidade, agarra o ex-viciado e lhe dá um forte abraço. Os dois fizeram juras de amor um ao outro e prometem se encontrar em outras vidas e se amarem, assim como fizeram durante toda a viagem. Antero e Ursula se envolvem em um beijo ardente

apaixonado, enquanto a água vai subindo pelos seus corpos, até que assim, os dois, vão perdendo o ar.

Nesta oficina foi possível notar o quanto os estudantes são capazes de se envolver com a história. E a partir da escrita criativa proporcionada pelas fanfics é possível que o aluno conheça também o lugar de escritor, podendo criar, imaginar e recontar a seu modo a história.

5.2.6 Tu! tu livre?

A última oficina literária realizada com a 2ª M02 recebeu o nome de uma das falas da personagem Susana presente no capítulo “Preta Susana”. A fala em questão acontece no momento em que Túlio se dirige à escrava para contar de sua recém liberdade concedida pela alforria que havia sido presenteadada por Tancredo.

Nessa última oficina o objetivo principal foi entender como o romance pode contribuir para a discussão sobre as diferenças raciais que acometem o Brasil. Sejam elas no período do segundo império em que o livro foi escrito, ou nos dias atuais em que ainda é possível perceber na sociedade brasileiras os reflexos de sua história escravista.

Nesse sentido, cabe pontuar que para Cosson (2014, p.66) a última etapa do letramento literário, a interpretação, pode ser dividir em momento interior que se faz na construção de sentido, que é individual e se faz daquilo que o leitor é formado no momento da leitura. Por outro lado, o momento externo se faz na construção de sentido em uma comunidade, nesse caso, a sala de aula.

Sendo assim, esta oficina desenvolveu o momento externo da interpretação uma vez que:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto. (COSSON, 2014, p.66)

Para isso, em uma roda a pesquisadora/professora iniciou com os estudantes uma releitura do capítulo “Preta Susana”. E a partir disso, foi explicado aos estudantes que a voz de Susana é usada na obra para questionar a situação das pessoas negras que viviam no Brasil no século XIX, sejam elas escravizadas ou não.

Foi pontuado que uma vez que Susana desdenha da recém liberdade de Túlio para em seguida contar como era realmente ser livre na sua terra natal, ela mostra ao leitor que uma pessoa preta em um país escravista, mesmo alforriada, jamais conheceria a verdadeira liberdade.

A partir disso, trouxemos aos estudantes o seguinte questionamento “E hoje, no Brasil, as pessoas negras são realmente livres?”. Em um primeiro momento alguns

estudantes responderam que “achavam que não”, outros, no entanto foram enfáticos aos dizer que devido ao racismo, não existia uma liberdade completa. A partir disso, a professora/pesquisadora explicou aos estudantes que nas próximas aulas eles deveriam pesquisar sobre como era a liberdade das pessoas negras nos dias atuais.

Dessa forma, na aula seguinte, com o auxílio do laboratório móvel de informática, os estudantes buscaram informações sobre o tema proposto para apresentar posteriormente para a turma a fim de comprovar as suas afirmações iniciais. Ao longo de duas aulas, os estudantes, auxiliados e orientados pela professora pesquisaram em sites dados que pudessem comprovar a resposta que haviam dado logo após o primeiro questionamento.

Os estudantes salvaram e imprimiram notícias de jornais digitais e imagens sobre o tema e anotaram dados sobre o racismo no Brasil em seus cadernos. A turma fez anotações sobre a taxa de assassinatos de pessoas negras, sobre a relação de pessoas negras abaixo da linha da pobreza, índice de negros fora da escola em comparação com pessoas brancas, e até mesmo sobre a discriminação de mulheres negras no mercado de trabalho.

É possível analisar com detalhes alguns destes dados anotados em notas adesivas que foram afixadas no mural:

Imagem 19 – Taxa de assassinatos cresce para negros e cai para brancos¹³

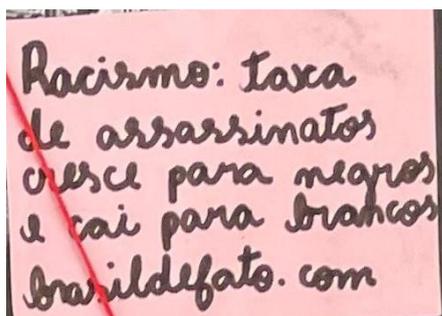
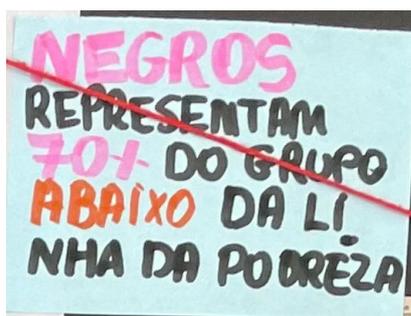


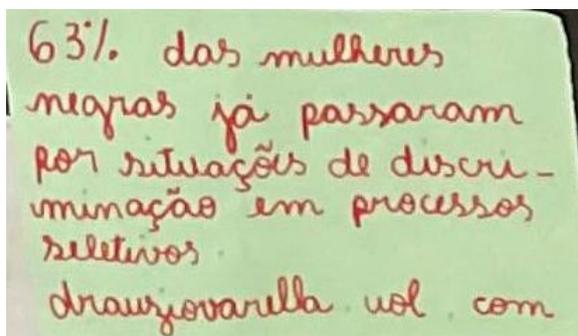
Imagem 20 – Negros representam 70% do grupo abaixo da linha da pobreza¹⁴



13 Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao>> Acesso em: 12 de maio de 2023

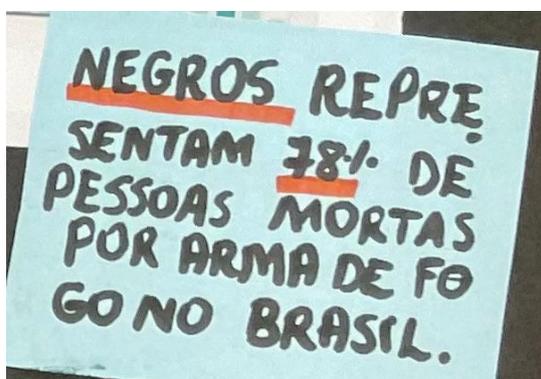
14 Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/11/11/proporcao-de-pobres-pretos-e-pardos-chega-ao-dobro-em-relacao-aos-brancos-mostra-o-ibge.ghtml>> Acesso em: 12 de maio de 2023.

Imagem 21 – 63% das mulheres negras já passaram por situações de discriminação em processos seletivos¹⁵



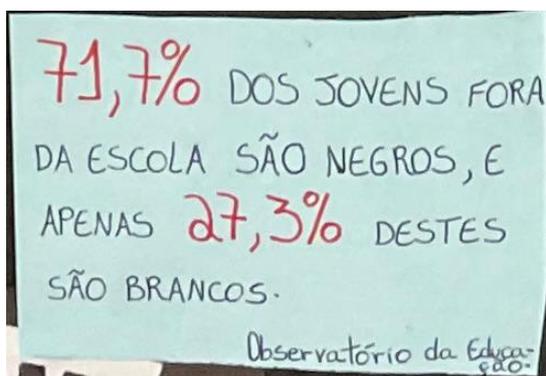
63% das mulheres negras já passaram por situações de discriminação em processos seletivos.
drauziovarella.uol.com

Imagem 22 – Negros representam 78% de pessoas mortas por arma de fogo no Brasil¹⁶



NEGROS REPRESENTAM 78% DE PESSOAS MORTAS POR ARMA DE FOGO NO BRASIL.

Imagem 23 – 71,7% dos jovens fora da escola são negros, e apenas 27,3% destes são brancos¹⁷



71,7% DOS JOVENS FORA DA ESCOLA SÃO NEGROS, E APENAS 27,3% DESTES SÃO BRANCOS.
Observatório da Educação

E então, com o que haviam encontrado em mãos, foram reunidos em círculo no refeitório da escola para mostrar à turma o que tinham reunido a partir das suas buscas. Foi exposto, então, todo o material coletado pelos estudantes. E, a partir disso, a turma chegou à conclusão de que as pessoas pretas ainda não são verdadeiramente livres no Brasil.

15 Disponível em <<https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/como-o-racismo-no-trabalho-impacta-a-saude-mental/>> Acesso em: 12 de maio de 2023

16 Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-representam-78-das- pessoas-mortas-por-armas-de-fogo-no-brasil/>> Acesso em: 12 de maio de 2023.

17 Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/negros-sao-717-dos-jovens-que-abandonam-a-escola-no-brasil.shtml>> Acesso em: 12 de maio de 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos caminhos percorridos até aqui, foi possível compreender que a literatura é uma das mais belas expressões de arte criada pela humanidade. E mesmo com todo o avanço tecnológico que o mundo presencia nas últimas décadas, seguimos a preservando, valorizando e passando para as novas gerações os clássicos literários.

Candido (2004, p.176) fala da literatura como um direito humano, uma vez que é impossível que qualquer ser humano viva sem entrar em contato com ela em alguma das vinte e quatro horas do seu dia. Nesse contexto, é dever de todos cuidar, proteger, valorizar e passar adiante seus tesouros literários.

Por esta razão, é possível perceber por que o incentivo à leitura e literatura é tão necessário. Quando o indivíduo tem acesso a livros e, por conseguinte, torna a leitura um hábito, é aberto para ele um leque de conhecimentos, culturas e histórias que podem estar, literalmente, na palma da mão.

E é nesse ponto que a escola se faz necessária como o principal lugar de acesso à literatura, e é sua função proporcionar este acesso a todos os estudantes. Para que, então, a literatura como um direito humano se torne realidade.

Ao longo desse processo, o cânone literário se faz necessário para distinguir as obras que são essenciais para a perpetuação da literatura por todas as gerações. No entanto, o cânone deve ser questionado, pois muitas vezes não é inclusivo, principalmente no que diz respeito à escrita feminina do século XIX.

E então a escrita transgressora de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, maranhense e professora do século XIX merece ser analisada, valorizada e passada para as próximas gerações de leitores e estudantes. E a escola pode ser a principal garantidora da divulgação dessa escrita, uma vez que é no Ensino Médio que os adolescentes têm contato com os estudos relacionados ao Romantismo brasileiro.

A partir disso, a Lei 10.639/03 pode agir como garantidora da presença das obras da maranhense na sala de aula, uma vez que essa legislação instituiu o ensino da cultura e história afro-brasileira na escola, dando ênfase às aulas de literatura.

Nesse processo, o desenvolvimento de oficinas literárias, de acordo com a proposta de letramento literário de Rildo Cosson (2006), propiciou a leitura crítica do texto da

autora, bem como a discussão da temática abolicionista que levou os estudantes a pensarem no que havia ou não mudado no Brasil desde o século XIX quando se trata de questões relacionadas à raça.

Assim, quando levado à sala de aula, *Úrsula*, romance de Maria Firmina dos Reis, devido a sua temática abolicionista, houve grandes contribuições para discussões relacionadas à raça que se concretizaram na aula. E ao trabalhar com esta temática na escola, ensinamos os estudantes a questionar as estruturas sociais, assim como os personagens de Firmina faziam quanto a sua condição de escravizados.

Ademais, a escrita criativa de fanfics inspiradas na obra de Maria Firmina dos Reis, proporcionou um aprofundamento na relação dos estudantes com o Romance. Isso por que, ao escrever seus textos inspirados nos personagens de *Úrsula*, os estudantes puderam sentir que também conheciam o lugar do escritor.

Sendo assim, os textos produzidos pelos estudantes, mostram como um romance do século XIX, que em um primeiro momento fez grande parte da turma torcer o nariz, poderia os envolver e os tornar, também, escritores. Sendo assim, enquanto a leitura e a análise da obra pôde instigar o espírito questionador nos estudantes, a escrita foi capaz de libertar o espírito criativo que muitos deles nem sabiam que tinham.

REFERÊNCIAS

ADLER, D. A. **MARIA FIRMINA DOS REIS: CONSOLIDANDO A RESSIGNIFICAÇÃO DE UMA PRECURSORA | MARIA FIRMINA DOS REIS: CONSOLIDATING A NEW SIGNIFICANCE OF A PRECURSOR.** Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 59, p. 217–222, 2018. DOI: 10.9771/ell.v0i59.28875. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28875>. Acesso em: 12 maio. 2023.

ALENCAR, José de. **Iracema.** 24. ed. São Paulo: Ática, 1991. (Bom Livro). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1844 >. Acesso em: 10 de maio de 2023.

ALENCAR, José de. **O guarani.** 20. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Bom Livro). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1843>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

BARROSO JUNIOR, Reinaldo Santos. **Nas rotas do atlântico equatorial: tráfico de escravos rizicultores da Alta-Guiné para o Maranhão (1770-1800).** 119f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História, Salvador, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira/Alfredo Bosi.** 52.ed. São Paulo:Cultrix, 2017.

BOTELHO, ANDRÉ. **A Pequena história da literatura brasileira: provocação ao modernismo, pp. 135-161.** Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2

BRANDÃO C. R. (Org.). Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Lei 9.496. Disponível em <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>> Acesso em: 12 de maio de 2023.

BRASIL. Lei nº 10.639. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm> Acesso em: 10 de maio de 2023.

BRASIL. Lei nº 13.696. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm> Acesso em: 11 de fevereiro de 2022.

CAMPOS, Haroldo de. **Poética sincrônica: O samurai e o kakemono;** Diacronia e Sincronia In:_____. A arte no horizonte provável. São Paulo: Perspectiva, 1969.

CAMPOS, Haroldo do. **O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira.** Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos.** 1º volume. 6ª. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000a.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2º volume. 6ª. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 2000b.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. O direito à literatura. p.169 – 191. 4ª ed. Duas cidades, Ouro sobre azul. São Paulo, Rio de Janeiro, 2004a.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo. humanitas/FFLCH/SP, 2004b.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Yuri Michael Pereira. **Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS Vol. 10 Nº 20, Julho - Dezembro de 2018

DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina. **Úrsula: A escrava**. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. p. 265-281.

FARACO, Carlos Emílio. MOURA, Francisco Marto de. MARUXO, José Hamilton Junior. **Práticas de Língua Portuguesa**. 1ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2020.

FARIA, Regina Helena Martins de. **Descortinando o Maranhão oitocentista**. In: COELHO, Mauro César; GOMES, Flávio dos Santos; QUEIROZ, Jonas Marçal; MARIN, Rosa E. Acevedo; PRADO, Geraldo (orgs.). Meandros da história: trabalho e poder no Pará e no Maranhão, séculos XVIII e XIX. Belém: UNAMAZ, 2005, p. 231-247.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. **Dicionário de mulheres**. 2 ed. Florianópolis: Mulheres, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JACINTO, Cristiane Pinheiro dos Santos. **Fazendeiros, negociantes e escravos: dinâmica e funcionamento do tráfico interprovincial de escravos no Maranhão (1846- 1885)**. In: GALVES, Marcelo Cheche; COSTA, Yuri (orgs.). O Maranhão oitocentista. 2. ed. São Luís: Editora da UEMA; Café & Lápis, 2015, p. 241-167.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX e XXI**. Úrsula/Maria Firmina dos Reis; estabelecimento do texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado; cronologia de Flávio dos Santos Gomes. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. **Maria Firmina dos Reis: escrita íntima na construção do si mesmo. Tinta negra, papel branco: escritas afrodescendentes e emancipação**. Estudos avançados 33 (96). P. 93-108, 2019.

MAZZOLA, Renan Belmonte. **O cânone visual: as belas-artes em discurso** [recurso eletrônico] /Renan Belmonte Mazzola. – 1. ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em < <https://static.scielo.org/scielobooks/bywgd/pdf/mazzola-9788579836718.pdf>> Acesso em: 12 de maio de 2023

- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MENESES, Raimundo de. **Dicionário literário brasileiro**. 2. ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 570-571. Apud MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vozes**. Ponta grossa. V.2. N.2. p. 247-260, 2013.
- MORAIS FILHO, Nascimento. **Maria Firmina. Fragmentos de uma vida**, p. 211. Apud MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**/organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. 2 ed. rev. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 2000.
- MORAES, FILHO, Nascimento. **Maria Firmina, fragmentos de uma vida**. São Luís: SIOGE, 1975.
- MOTA, Antônia da Silva; CUNHA, Maísa Faleiros da. **No âmago da africanização: pessoas negras e de cor nos mapas populacionais do Maranhão colonial (1798-1821)**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Belo Horizonte, v.34, n.3, p.465-484, set./dez. 2017.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência. A mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1988, p.61. Apud MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**/organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. 2 ed. rev. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **A questão do cânone**. Anuário de Literatura 3, 1995, pp. 85-94. 1995.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (org.) **Escritoras brasileiras do século XIX: antologia**/organizado por Zahidé Lupinacci Muzart. 2 ed. rev. Florianópolis/Santa Cruz do Sul, Mulheres/Edunisc, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis. Muitas vozes**. Ponta grossa. V.2. N.2. p. 247-260, 2013.
- ONU - Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU**. Paris, 1948. Disponível em <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2022.
- ORMUNCO, Wilton. SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga nas linguagens**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2020.
- PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Na fronteira do cárcere e do paraíso: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista**. 210f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 2001.
- PEREIRA, Danglei de Castro. **Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito**. Úrsula. 1ª ed. 1ª reimpressão. Linha cidadania: serie prazer, 2018

PEREIRA M. R. **O crítico José Veríssimo: literatura, história e educação.** Revista Investigações, Recife, V. 32, n. 1, p. 14 – 28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/240762>. Acesso em 11/05/2022

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

SEDU, Secretaria Estadual e Educação do Espírito Santo. Orientações curriculares. Língua Portuguesa, 2ª série, 1º trimestre. Disponível em < <https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/orientacoescurriculares2022/>> Acesso em: 12 de maio de 2023

SCHUMACHER, Schumar. BRAZIL, Érico Vital. **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade bibliográfico e ilustrado.** Rio de Janeiro: Jorge Zaher, 2000.

APÊNDICES

APENDICE A

QUESTIONÁRIO SOBRE OS HÁBITOS DE LEITURA DO ESTUDANTE

Nome completo: _____

Idade: _____

Turma: _____

HÁBITOS DE LEITURA

Responda com atenção e sinceridade sobre os seus hábitos de leitura

1 - Você tem o hábito de ler livros?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 não lê livros e 5 lê livros com muita frequência.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

2 - Você gosta de ler livros?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 não gosta livros e 5 gosta muito.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

3 - O último livro que você leu foi:

- () Estou lendo um livro agora
- () Há menos de uma semana
- () Menos de um mês
- () Mais de três meses
- () Não me lembro a última vez que li um livro

4 - A leitura pode ser um hábito prazeroso.

Sendo assim, responda de 0 a cinco o quanto você considera a leitura prazerosa - Sendo 0 nem um pouco prazerosa e 5 muito prazerosa.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

5 - Quando você lê, qual tipo de livro te interessa?

- () Biografia
- () Romances
- () Aventura
- () Fantasia
- () Mistério
- () Terror
- () Quadrinhos
- () Poesia

Outros:

6 - Você tem livros em casa?

- () Tenho de 1 a 5 livros
- () Tenho de 6 a 10 livros
- () Tenho de 10 a 20 livros
- () Tenho mais de 20 livros
- () Não tenho livros em casa

7 - Na sua escola você tem acesso à biblioteca ou a livros?

- () Sim
- () Não
- () Não sei

8 - Você considera importante ter acesso a livros na escola para manter vivo o hábito da leitura?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 nem um pouco importante e 5 muito importante.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

9 - Justifique a sua resposta anterior.

10 - Você tem o hábito de comprar livros?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 não compra livros e 5 compra livros com muita frequência.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

11 - Você tem o hábito de pegar livros emprestados com amigos, familiares ou colegas? Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 não pega livros emprestados e 5 pega livros emprestados com muita frequência.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

12 - Com que frequência você recomenda um livro para um colega, amigo ou familiar? Marque de 0 a 5 - Sendo 0 nunca e 5 sempre.

0 ○ 1 ○ 2 ○ 3 ○ 4 ○ 5 ○

13 - Com que frequência você conversa sobre livros e leituras com um colega, amigo ou familiar?

Marque de 0 a 5 - Sendo 0 nunca e 5 sempre.

0 1 2 3 4 5

14 - Você tem um livro favorito?

() Sim () Não

(Caso tenha respondido sim à questão 14, responda as questões 15 e 16)

15 - Qual o nome do seu livro favorito?

16 - Quem é o autor do seu livro favorito?

LEITURA X AULA DE LITERATURA

17 - No seu Ensino Médio até o momento, qual foi a frequência do ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa?

Marque de 0 a 5 - sendo 0 ausente e 5 muito frequente.

0 1 2 3 4 5

18 - Quanto você considera importante o ensino de Literatura Brasileira nas aulas de Língua Portuguesa? Marque de 0 a 5

- sendo 0 não considera importante e 5 muito importante.

0 1 2 3 4 5

19 - No Ensino médio, você já leu alguma obra indicada na aula?

() Sim

() Não

() Não me lembro

(Caso tenha respondido SIM à questão 19, responda as questões 20 e 21)

20 - Qual foi a obra lida?

21 - Qual o nome do autor ou autora da obra?

(Caso tenha respondido NÃO ou NÃO ME LEMBRO à questão 19, responda a questão 22)

22 - Qual motivo pode ter te impedido de ler alguma obra indicada na aula?

A CONSTRUÇÃO DO HÁBITO DE LEITURA.

23 - Você considera importante uma pessoa ter o hábito de leitura?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 não importante e 5 muito importante.

0 1 2 3 4 5

24 - Como você considera o seu hábito de leitura?

Responda marcando de 1 a 5 - sendo 0 quase nunca lê livros e 5 lê livros com muita frequência.

0 1 2 3 4 5

25 - Considerando sua resposta anterior, fale sobre os fatores que contribuem e/ou atrapalham a frequência da sua leitura.

26 - O hábito de ler deve ser estimulado e pode sempre ser melhorado. Fale sobre como você pode melhorar seu hábito de ler livros.

APÊNDICE B

OFICINAS LITERÁRIAS

Pesquisadora: Schayanny Bárbara de Lima Barcelos

Escola: EEEFM “Ilda Ferreira da Fonseca Martins”

Público-alvo: 2º ano do Ensino Médio (2M02)

Objetivo Geral

Possibilitar a prática de leitura do primeiro romance abolicionista de escrita feminina brasileira, a fim de apreciar sua escrita, bem como produzir novas escritas a partir do texto original.

Duração: 6 Oficinas com duração de 12 aulas, de 50 minutos cada aula.

OFICINAS LITERÁRIAS

1º Momento: Apresentação da pesquisa e convite para a participação dos estudantes.

2º Momento: Entrega de um questionário sobre os hábitos de leitura dos estudantes.

3º Momento: Apresentando Maria Firmina dos Reis

- Apresentação da autora Maria Firmina dos Reis, que será estudada.

Leitura: Leitura em grupo do prefácio escrito por Danglei de Castro Pereira na edição de 2018 do Romance.

4º Momento: História compartilhada

Compartilhamento oral dos acontecimentos dos capítulos do romance Úrsula.

5º Momento: Perfis de personagem.

Leitura: Leitura do trecho de Iracema e O Guarani de José de Alencar

- Montagem do perfil característico do índio do Romantismo.

- Divisão dos grupos para cada personagem negro do romance Úrsula.

- Montagem dos perfis dos personagens.

- Apresentação para a turma.

6ª Momento: Reinventando finais.

- Conversa sobre as características das fanfics
- Escrita das fanfics

7ª Momento: És livre?

- Leitura em grupo do capítulo “Preta Susana”.
- Discussão sobre o que Susana considera liberdade.
- Pesquisa sobre a liberdade das pessoas negras hoje no Brasil.
- Montagem sobre o mural com as pesquisas realizadas

ANEXOS

ANEXO A

Maria Firmina dos Reis: uma voz em conflito

Danglei de Castro Pereira¹

Esta obra, digna de ser lida não só pela singeleza e elegância com que é escrita, como por ser a estreia de uma talentosa maranhense, merece toda a proteção pública para animar a sua modesta autora a fim de continuar a dar-nos provas de seu talento.

Maria Firmina dos Reis, sobre Úrsula.
Jornal A Imprensa, 18/2/1860.

Esta nota publicitária foi escrita por Maria Firmina dos Reis para anunciar *Úrsula*, seu primeiro romance, em 1860. Reforçando o pedido da autora após quase 160 anos do lançamento, a presente publicação oferece material precioso com os principais trabalhos de Maria Firmina: *Úrsula*, *A escrava*, *Gupeva* e *Cantos à beira-mar*. Esse resgate tem como objetivo apresentar a obra da maranhense a leitores em formação e, na medida do possível, contribuir para que sua qualidade estética seja reconhecida.

A produção ficcional de Firmina contempla os romances *Úrsula* (1859) e *Gupeva* (1861/1862), os poemas de *Parnaso maranhense* (1861), *Cantos à beira-mar* (1871) e grande número de outros poemas publicados de forma esparsa, mas contínua, em diferentes espaços editoriais do século XIX, como nos periódicos *O Domingo* e *O País*. A pluralidade das produções atesta a diversidade da obra da escritora, da qual o maior exemplo é o conto *A escrava*, publicado na *Revista Maranhense* em março de 1887. Destaca-se, ainda, sua contribuição na relação entre poesia e música, sobretudo na dicção irônica em *Hino à liberdade dos escravos* e em *Auto de bumba-meu-boi*, nos quais a autora expõe a complexidade das relações interpessoais que conduz à diversidade da cultura brasileira.

É possível perceber nesses trabalhos a constante preocupação de Firmina com a temática da situação do negro cativo, bem como o diálogo com poemas como *Navio negreiro*, de Castro Alves. Há neles também uma inquietação quanto à posição da mulher na sociedade, percurso temático que garante à autora lugar entre as primeiras vozes femininas a erguer discurso em defesa do feminino.

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de março de 1822, em São Luís (MA), e faleceu em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães (MA).

Negra e bastarda, como ela mesma se definiu, foi professora de primeiras letras na comarca de São José de Guimarães (MA) e procurou a liberdade nas palavras ao produzir obra de forte combate ao período escravista brasileiro. O foco no tema da espoliação dos menos favorecidos e a construção de uma linguagem detalhista e imagética contribuem para a exposição de uma sociedade fragmentada e repleta de preconceitos. Por meio da descrição de detalhes das senzalas e da problematização dos espaços de convivência entre negros e brancos no século XIX, a autora cria um amplo painel da formação da sociedade brasileira.

Esse marcante tom descritivo aponta tanto o questionamento reflexivo com relação ao período escravocrata, quanto a inquietação face à rigidez da pressão social direcionada à mulher no século XIX. É o caso do tema da marginalidade da mulher branca que, ironicamente, protagoniza o romance *Úrsula*. Importante notar que romances como *Inocência*, de Visconde de Taunay, e, mais tarde, *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, criaram ambiências sutis para o constante questionamento do espaço ocupado pelo sexismo no Brasil da época.

Na ficção de Maria Firmina dos Reis, as observações relacionadas ao lugar de mando em uma sociedade sexista ganham contornos de barbárie e espoliação na trajetória do negro e da mulher. *A escrava*, conto publicado em 1861, sintetiza a ironia diante da opressão imposta à cultura do negro cativo, numa retomada dos dois romances publicados inicialmente pela autora.

Com a análise da obra de Firmina, é possível verificar sua contribuição para a problematização irônica das relações e das peripécias da protagonista branca de *Úrsula* na interface com a trajetória da escravidão metaforizada no percurso temático de *A escrava* – conto que, como dito, sintetiza essas tensões identitárias. É na fusão dessas trajetórias por vezes contraditórias do branco e do negro que o leitor de Maria Firmina dos Reis encontra a amplitude de seu trabalho. Naturalmente, ela não foi a única voz a tratar da escravidão, do sexismo e do racismo como temas literários no país: o mesmo fizeram, entre tantos outros, Machado de Assis, Castro Alves e, na transição para o século XX, Cruz e Souza e Lima Barreto. Foi, no entanto, uma voz feminina de resistência, e, por isso, a leitura de sua obra contribui para que os leitores encontrem fontes de tensão social na literatura nacional em meados do século XIX.

O olhar crítico para a tradição do homem branco pela perspectiva da senzala permite que a autora exponha a tensão entre a cultura do negro e a do branco em uma sociedade que avança a passos lentos em direção ao equilíbrio étnico e racial. Os inúmeros personagens que povoam a ficção de Maria Firmina dos Reis explicitam a relação complexa entre brancos e negros na construção etnográfica da sociedade brasileira. Ao focalizar o negro e suas relações étnicas e sociais, a narrativa supera o tom de resignação e apatia e assume uma ambientação sutil e irônica à cultura do outro. A escritora ressalta, assim, o papel fundamental que o sentimento de pertencimento à cultura do negro africano teve para o lento desenvolvimento da identidade cultural do Brasil escravocrata.

A ideia de que esse pertencimento ao universo afrodescendente não impede a fusão étnica à cultura do outro confere a Firmina local de destaque na historiografia literária nacional. Esse percurso, retomado e ampliado pela voz condoreira de Castro Alves e de Junqueira Freire ou pela contestação irônica de Sousândrade e Machado de Assis, faz de Maria Firmina dos Reis uma das mais relevantes vozes da expressão feminina nos primórdios do século XIX na literatura brasileira.

Esse aspecto já seria suficiente para recolocar em circulação a obra dessa grande autora e justificar a publicação deste livro; mas é sobretudo pela relevância estética de sua linguagem que os leitores em formação precisam conhecer seu trabalho. Trata-se, sem dúvida, de uma das mais importantes escritoras brasileiras de todos os tempos, se não pela complexidade de sua linguagem – como em Adélia Prado, Cora Coralina, Clarice Lispector, Cecília Meirelles, Francisca Júlia, Julia Lopes de Almeida, entre tantos nomes –, pela força de sua literatura, que convida sempre à reflexão face a temas polêmicos como a escravidão, o sexismo e o espaço da mulher em uma sociedade paterNalista e escravocrata.

É preciso ter em mente, ainda, que a existência de uma autora como Firmina – mulher, negra e educada – parece ser uma contradição à representação feminina na literatura produzida no país de meados do século XIX.

O desafio é pensar como uma escritora tão emblemática continua à margem da tradição literária, mesmo tendo continuamente oferecido “provas de seu talento” ao confrontar, em pleno século XIX, os limites do etnocentrismo escravocrata e ao problematizar o lugar da mulher e do negro em sociedade sexista que ainda mantém

reflexos vivos no Brasil atual. Nesse sentido, esta publicação é um importante passo para celebrar essa autora injustiçada pela falta de receptividade do público do qual foi contemporânea e, ao mesmo tempo, tornar suas publicações acessíveis aos jovens leitores.

Pensar na obra de Maria Firmina dos Reis em desdobramento histórico até os dias atuais é fazer ressoar no tempo a busca pela valorização almejada em seu pequeno anúncio publicitário – mais uma das inúmeras inovações da autora em pleno século XIX

ANEXO B

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-se o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz à selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz a espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d`alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

- Quebras comigo a flecha da paz?
- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?
- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.
- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos do tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.”

ALENCAR, José de. Iracema. São Paulo: Ática, 1995, p. 16-18.

ANEXO C

Quando a cavalgata chegou à margem da clareira, ai se passava uma cena curiosa.

Em pé, no meio do espaço que formava a grande abóbada de árvores, encostado a um velho tronco decepado pelo raio, via-se um índio na flor da idade.

Uma simples túnica de algodão, a que os indígenas chamavam aimará, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates, caía-lhe dos ombros até ao meio da perna, e desenhava o talhe delgado e esbelto como um junco selvagem.

Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor do cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte, mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos, davam ao rosto pouco oval a beleza inculta da graça, da força e da inteligência.

Tinha a cabeça cingida por uma fita de couro, à qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham rogar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita calda, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo.(...)

Ali por entre a folhagem, distinguiam-se as ondulações felinas de um dorso negro, brilhante, marchetado de pardo; às vezes viam-se brilhar na sombra dois raios vítreos e pálidos, que semelhavam os reflexos de alguma cristalização de rocha, ferida pela luz do sol.

Era uma onça enorme; de garras apoiadas sobre um grosso ramo de árvore, e pés suspensos no galho superior, encolhia o corpo, preparando o salto gigantesco.

Batia os flancos com a larga cauda, e movia a cabeça monstruosa, como procurando uma aberta entre a folhagem para arremessar o pulo; uma espécie de riso sardônico e feroz contraía-lhe as negras mandíbulas, e mostrava a linha de dentes amarelos; as

ventas dilatadas aspiravam fortemente e pareciam deleitar-se já com o odor do sangue da vítima.

O índio, sorrindo e indolentemente encostado ao tronco seco, não perdia um só desses movimentos, e esperava o inimigo com a calma e serenidade do homem que contempla uma cena agradável: apenas a fixidade do olhar revelava um pensamento de defesa.

Assim, durante um curto instante, a fera e o selvagem mediram-se mutuamente, com os olhos nos olhos um do outro; depois o tigre agachou-se, e ia formar o salto, quando a cavalgata apareceu na entrada da clareira.

Então o animal, lançando ao redor um olhar injetado de sangue, eriçou o pêlo, e ficou imóvel no mesmo lugar, hesitando se devia arriscar o ataque.

O índio, que ao movimento da onça acurvara ligeiramente os joelhos e apertava o forçado, endireitou-se de novo; sem deixar a sua posição, nem tirar os olhos do animal, viu a banda que parara à sua direita.

Estendeu o braço e fez com a mão um gesto de rei, que rei das florestas ele era, intimando aos cavaleiros que continuassem a sua marcha. (...)

O tigre desta vez não se demorou; apenas se achou a coisa de quinze passos do inimigo, retraiu-se com uma força de elasticidade extraordinária e atirou-se como um estilhaço de rocha, cortada pelo raio.

Foi cair sobre o índio, apoiado nas largas patas detrás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular.

A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas.

Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.

ALENCAR, José de. O guarani. 20ª ed., São Paulo: Ática, 1996 (Bom livro).

ANEXO D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O (a) menor _____ pelo (a) qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “**REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA E NEGRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**”, sob a responsabilidade de **SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS**, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus.

Justificativa:

A Justificativa desta pesquisa se dá na necessidade de discutir sobre as mulheres que tiveram a sua história apagada na literatura brasileira, assim como a ausência dos estudos das obras produzidas por autoras que escreveram e publicaram no Romantismo brasileiro no Currículo Estadual do Ensino Médio e nos livros didáticos. Portanto, esta pesquisa buscará entender quem são estas mulheres e porque elas não receberam, e ainda não recebem a relevância que merecem. Então, elas serão buscadas com o objetivo de analisar suas obras, entende-las, ouvir suas vozes e encontrar as suas vivências através da escrita.

Objetivos da Pesquisa:

Analisar o lugar da escrita feminina no Romantismo brasileiro e entender como isso reflete no ensino de Literatura Brasileira na segunda série do Ensino Médio.

Procedimentos para obtenção dos dados:

Serão realizados com os estudantes rodas de leituras e discussão de duas obras do Romantismo brasileiro: “Senhora” de José de Alencar e “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis. Ambas contam com protagonistas femininas que nomeiam o Romance e que podem levar os estudantes a entender o lugar da mulher no século XIX. Além disso, serão realizadas algumas rodas de conversa sobre as impressões dos estudantes sobre cada uma das obras, seus personagens e seus enredos. E, por fim a realização de um questionário em que os alunos poderão responder de maneira objetiva sobre as questões de gênero e raça que estão presentes em cada uma das obras. E então, a partir destas discussões, será possível entender a importância de incluir nas aulas de Literatura Brasileira autoras que normalmente não aparecem nos livros didáticos ou no currículo.

Riscos e Desconfortos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Há ainda a necessidade de considerar os riscos que esta pesquisa, por ser feita com seres humanos, pode causar. Por envolver rodas de diálogo que permeiarão questões de gênero e raça, pode haver o desconforto de alguma pessoa envolvida e alteração na rotina de sala de aula. Neste caso, será ofertada imediatamente assistência emergencial e sem ônus às pessoas envolvidas na pesquisa. Também será garantida a indenização ao participante que sofrer qualquer dano relacionado à pesquisa, diante da cobertura material para a reparação do dano.

Benefícios:

Os benefícios desta pesquisa estão no aperfeiçoamento do ensino de Literatura brasileira no Ensino Médio. De modo que seja possível que os estudantes conheçam as obras das escritoras brasileiras do Romantismo que normalmente não aparecem no currículo ou no livro didático.

Garantia do Sigilo e Privacidade:

Em relação aos aspectos éticos desta pesquisa, é necessário deixar claro que haverá sigilo quanto aos dados de todos os participantes, inclusive após a publicação da pesquisa. Por esta razão, os nomes dos envolvidos quando aparecerem ao longo da pesquisa serão fictícios. Todos os dados coletados ao longo desta pesquisa serão armazenados pelo prazo de 05 anos. E, por fim, os resultados alcançados poderão ser utilizados para a reflexão da importância de incluir no ensino de Literatura Brasileira no Ensino Médio as escritoras brasileiras que produziram no período do Romantismo no Brasil. E desta forma, há a possibilidade de auxiliar professores de Língua Portuguesa no desenvolvimento da sua prática no ensino de Literatura Brasileira, sobretudo na segunda série do Ensino Médio.

Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:

O (A) Sr. (a) não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Sr (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

Respeito ao protocolo de biossegurança para controle da pandemia

A pesquisa será realizada com a aplicação do protocolo de biossegurança para controle da pandemia a partir distanciamento, uso de máscara e álcool 70%.

Esclarecimento de dúvidas:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora SCHAYANNY BÁRBARA DE LIMA BARCELOS, no telefone (27) 99798-7521, email: schayannyb@gmail.com. O (A) Sr (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: cepceunes@gmail.com/comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br, endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido.

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a participação do (a) menor pelo (a) qual sou responsável e compreendo que posso retirar meu consentimento e interrompê-lo a qualquer momento, sem penalidade. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada

em todas as páginas.

São Gabriel da Palha-ES, _____ de _____ de 2022.

ASSINATURA DO PAI/OU MÃE/OU RESPONSÁVEL LEGAL

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa **REVISITANDO O ROMANTISMO A PARTIR DA ESCRITA FEMININA E NEGRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS**, eu Schayanny Bárbara de Lima Barcelos, declaro ter cumprido as exigências do termo IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

São Gabriel da Palha-ES, _____ de _____
de 2022.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL